

O calor decompõe o emetico; obtem-se productos analogos a os que resultam da decomposição das materias vegetaes e do antimonio reduzido a o estado metallico.

SEXTA SECÇÃO.

VENENOS VEGETAES (6).

PRIMEIRA DIVISÃO

BRUCINA.

C:—A brucina é solida; crystallisa; umas vezes, em prismas obliquos alongados, outras em massas folheadas, d'um branco-nacarado, similhante a o acido borico. Não tem cheiro, a brucina; é mui amargo seu sabor; azula o papel de tornasol avermelhado por um acido; esverdece o xarope de violetas.

A brucina é inalteravel a o ar; aquecida, em um pequeno tubo, funde-se na temperatura um pouco superior a 100° centig., congela-se depois como a cera quando se deixa resfriar.

S:—Deve-se determinar o vomito com o auxilio do emetico e dos meios mechanicos.

Obstar a asphyxia, practicando a tracheotomia, e insufflando o ar nos pulmões.

Dar agua em que se haja diluido magnesia.

(6) Era nosso desejo poder indicar todos os caracteres e reactivos a empregar para discernir os diferentes alcalis vegetaes recentemente descobertos; mas, ainda que elles obrem como venenos, não se acham tam divulgados que se encontrem no Commercio: e por outro lado, ainda a Chymica não tem podido dar meios assaz exactos para os reconhecer. A morphina, a brucina, a estrychnina, &c., fazem excepção pelo que julgamos dever assignar-lhes um logar n'estes Quadros.

R:— A brucina, submettida a acção do calor, funde-se a um pouco mais de 100°; a temperatura mais elevada se decompõe, espalha vapores um pouco ammoniacaes deixando residuo de carvão.

A brucina é soluvel em 850 partes d'agua fria e em 500 d'agua de 100°; o alcohol solve-a bem. Ella une-se a os acidos, e origina saes que são por a maior parte soluveis em agua. Tractada pelo acido nitrico, toma côr vermelha, que passa a amarella se se eleva a temperatura; esta côr se converte na de violeta, quando a o liquido se juncta proto-hydrochlorato d'estanho.

O Sr. *Donné* reconheceu que o bromo gosava da propriedade de precipitar a brucina; o precipitado é d'uma bella côr vermelha que jamais se desvanece.

A brucina, posta sob uma campana e exposta a o vapor do bromo, toma uma bella côr tabaco d'Hespanha.

EMETINA.

Materia activa da Ipecacuanha.

C:— A emetina pura é pulverulenta, d'um branco algumas vezes amarellado; ligeiramente amargo e mui pouco soluvel na agua; é mui fusivel e se liquida pouco mais ou menos a 50° centigrados.

S:— Determinar o vomito.
— Administrar o mais promptamente possível um ligeiro decocto de noz de gallia.

Dar após agua carregada de magnesia caustica em bastante quantidade.

R:— A emetina, submettida a acção do calor, funde-se a 50°; sobre carvões ardentes, intumesce, decompõe-se, deixando um carvão mui esponjoso.

A emetina é mui solúvel no alcohol; seu solução faz tornar a azul o papel de tornasol avermelhado pelos ácidos: é pouco solúvel no ether.

Os ácidos mineraes a dissolvem e formam saes que são precipitados em branco-sujo pela noz de galha.

MORPHINA.

C: — A morphina é solida, em crystaes brancos, agulhados, sob a forma de prismas rectangulares; é inodora, insipida, insolúvel na agua fria, amarga quando solvida no alcohol, que se apodera d'uma oitava parte d'ella; com os ácidos forma saes muito amargos.

As combinações da morphina com os ácidos, sulphurico e acetico, produzem saes crystallizados, d'onde se pode a morphina, pelos alcalis, separar e obter no estado de pureza, em continuando o precipitado pelo alcohol.

S: — Provocar vomitos com o emetico, na dose de 5 a 6 grãos; com o sulphato de zinco, na de 15 a 16. Solver estes emeticos em mui pouca agua.

Administrar agua saturada de magnesia.

Para remediar a congestão cerebral depois do emetico, sangrar a jugular.

«Julgamos que a magnesia é um excellente remédio contra o envenenamento pelos saes de morphina, e mesmo contra um grande numero de outros saes vegetaes venenosos?»

R: — A morphina, exposta a acção do fogo, se funde e, pelo resfriamento, se coagula, em uma massa transparente e raiada; aquecida mais fortemente, se decompõe, e dá productos analogos a os que resultam da decomposição das materias vegetaes.

Saturada ella pelo acido acetico e abandonada

a uma evaporação lenta, o acetato crystallisa debaixo da forma de dendritas ou de semi-espheras agulhadas no interior. (*A. Chevallier.*)

O acido nitrico lhe faz tomar a côr vermelha-sanguinea. Attribue-se esta coloração a uma matéria colorante de que não está privada a morphina. O que ha de positivo é que se pode purificar a morphina de maneira que não apresente este character.

ESTRYCHNINA.

C: — É pulverulenta, formada de grande numero de pequenos prismas de quatro faces, terminados por pyramides tambem de quatro faces abatidas. É inodora, de sabor amargo insupportavel; verdece o xarope de violetas, e faz voltar a azul o papel de tornasol avermelhado pelos acidos.

S: — Os primeiros soccorros e o tractamento a administrar são os mesmos que os descriptos no artigo BRUCINA.

O Sr. *Donné* junior, Chymico de grande talento, observou que se podiam neutralisar os effeitos da estrychnina pelo bromo, chloro ou iodo. Viu que animaes, a os quaes se havia administrado 1 grão d'estrychnina pura ou 2 grãos de veratina, foram salvos pela tinctura d'iodo. É necessario que a tinctura d'iodo seja administrada immediatamente depois do veneno, ou antes que haja tido tempo de ser absorvido.

Obrando a noz vomica pela estrychnina que contém, se podem administrar os mesmos soccorros que para a mesma estrychnina.

R: — A estrychnina, lançada sobre carvões ardentes, se intumesce e decompõe á maneira das substancias vegetaes que contem azoto. Ella espalha mui espesso fumo, e deixa um volumoso carvão.

Solve-se a estrychnina em 6667 partes d'agua de 10° e em metade menos d'agua de 100°; é muito mais soluvel no alcohol e nos oleos volateis, principalmente com auxilio do calor.

Ella se combina com os acidos, e os saes resultantes são, em geral, soluveis na agua. Os dissolutos d'estes saes são precipitados em branco pela ammonia, pela tinctura de noz de galha, pelos oxalatos alcalinos; mas o precipitado é soluvel no alcohol que se torna de um amargor insupportavel.

O nitrato d'estrychnina tem um aspecto nacarado.

A estrychnina do commercio goza da propriedade de se avermelhar pelo contacto do acido nitrico. N'ella se faz notar esta coloração, a qual demonstra este producto não ser puro, pois que a cor vermelha é proveniente da acção do acido nítrico sobre a materia amarella. (Seis amostras compradas, em diferentes epochas, em casa de diversos fabricantes de productos-chymicos, avermelhavam pelo acido nítrico.)

COGUMELOS.

Sendo muitas vezes os cogumelos causa d'accidentes graves, julgámos dever indicar, em poucas palavras, os soccorros que convém administrar, no caso d'accidentes causados por estes vegetaes.

S: — Fazer promptamente vomitar, servindo-se do emetico, ipecacuanha e meios mechanicos.

Depois do vomito, dar evacuates para desembaraçar os intestinos.

Estes evacuates são: para o interior, bebida purgativa com oleo de ricino e xarope de flores de pecegueiro; para o exterior, clyster purgativo.

Da-se depois a o doente uma bebida calmante, depois bebidas adoçantes em grande quantidade.

Se o ventre está dorido, cobre-se de cataplasmas.

CAMPHORA.

C: — A camphora, por todos conhecida, é um solido branco, transparente; mais leve que a agua. É ductil, de sabor quente, picante, amargo; seu cheiro, vivo, é *sui generis*, e agradável a uns, desagradável a outros.

S: — A camphora so é veneno quando tomada em grande quantidade. Convém então promover o vomito, impedir a asphyxia insuflando ar nos pulmões.

Administram-se em seguida algumas colheres d'uma bebida preparada com 2 onças d'agua, 2 oitavas d'ether, 2 oitavas d'essencia de terebinthina e 1 onça de xarope.

R: — É reconhecível pelo cheiro; aquecida, volatilisa-se e pode-se condensar sobre um corpo frio. É solúvel no alcohol, e d'elle separavel pela evaporação.

É solúvel em oleo fixo.

CANTHARIDAS.

C: — As cantharidas, insectos da ordem dos coleopteros, secção dos heterometros, familia dos trachelidos (*Cuvier*), podem ser considerados como veneno.

O mesmo dizemos do po, da tinctura e dos extractos que se podem preparar com estes insectos divididos, tractados depois pela agua e pelo alcohol.

S: — Se o veneno tem sido ingerido, deve-se fazer vomitar o mais promptamente possível.

Faz-se tomar grande quantidade de bebidas ado-

gantes, agua assucarada, agua de gomma carregada de magnesia, tisana de semente de linho nitrada.

Dão-se crysteis emollientes.

R: — Deve-se deligenciar por obter a cantharidina, o que é difficil.

VERATRINA.

C: — Solida, branca, pulverulenta, inodora; de sabor excessivamente acre sem mistura d'amargoso.

A veratrina funde-se a 50° acima de 0°; toma então a apparencia de cêra.

S: — Convém determinar promptamente o vomito pelo emetico ou ipecacuanha. Se o veneno é ingerido passado algum tempo, é necessario applicar emetico-cathartico, composto d'emetico, 1 a 2 grãos, e sulphato de soda 2 onças.

Sangrar o doente.

Dar em seguida bebidas adocantes e albuminosas.

R: — A veratrina é fusivel a 50°; a temperatura mais elevada se decompõe, deixando um carvão volumoso.

É mui pouco soluvel na agua, muito soluvel em alcohol, menos soluvel em ether.

Forma, com os acidos, saes incrustallisaveis, que se podem precipitar pelos alcalis.

VIOLINA.

C: — A violina é um principio alcalino comparavel á emetina: este principio differe d'ella todavia em ser menos soluvel e de sabor menos acre.

S: — Os primeiros soccorros a dar são os mesmos que indicámos para combater os accidentes causados pela emetina.

R: — Não se tendo ainda assás estudado esta

substancia, não podêmos indicar, d'ũa maneira bem certa, quaes serão os reactivos proprios para a fazerem reconhecer. (Concluir-se-ha.)

Extracto da Memoria sobre o emprêgo do Xarope d'Alcatrão em Medicina, pelo Dr. E. PERAIRE.

— *Inserita no Bulletin Médical du Midi — 1839 ; e feito pelo Membro Effectivo, o*

SR. JCSÉ TEDESCHI.

Poucos meios therapeuticos ha que tenham tido maior voga que o alcatrão. Os Medicos de XVII.º Seculo o consideravam como uma panacéa propria para curar todos os males. Deve-se convir em que esta celebridade lhe foi grangeada pelos successos que obtiveram os Medicos. Seus bons effeitos foram incontestavelmente apreciados nas molestias de peito, ou puramente catarrhaes, ou com degeneração dos tecidos organicos, assim como nas affecções dos systemas d'orgãos cuja composição e conformidade de tecidos offerecem analogia com as das vias aereas, taes as vias urinarias, &c. &c. ; e, geralmente pode-se dizer, em todas as enfermidades nas quaes é util promover uma excitação, ja sobre as partes enfermas, ja sobre as que tem com ellas relações de conformação ou de propriedade.

A composição chymica do alcatrão foi perfeitamente conhecida pelo meio do ultimo Seculo. Ella completamente fortifica a sua applicação. *Morillot*, que dá pormenores mui exactos sobre a colheita do alcatrão, deu tambem a sua analyse, assim como *Desbois* de Rochefort. No dizer d'este, o tarço, ou

alcatrão, ou breu liquido, é compôsto de resina meia queimada, de oleo empyreumatico e d'acido acetico. *Morillot* lhes ajuncta acido camphorico e pensa que á presença d'este corpo devem ser attribuidas suas propriedades. Todavia as modernas experiencias do Sr. *Raspail* sobre a camphora, e o pouco successo que obteve do emprêgo d'este meio em vapor ou em contacto com a pelle nas molestias de peito e sobre tudo na tísica pulmonaria, parece enfraquecer esta opinião e destruir a ideia de que o alcatrão deve suas virtudes a este acido. O Dr. *Vaidy* tinha igualmente annuciado que, além d'estes principios constitutivos, continha o alcatrão um assucar proprio. Não seria n'estes ultimos que o Sr. *Reichenbach* de Blansko descobriria a creosota, por elle extrahida dos alcatrões, e não será razoavel attribuir a esta descoberta os effeitos que a Medicina tira d'este agente therapeutico? Eu, por mim, não hesito em manifestar esta opinião, e a considero como fundada.

Não devemos admirar-nos, segundo isto, dos numerosos casos d'infermidades em que o alcatrão poderia ter sido empregado.

Esta substancia gommo-resinosa tem todas as propriedades das substancias balsamicas. Em virtude da sua tam volatil composição é que ella obra tam vantajosamente nas variadas affecções do peito, como o catarro pulmonar, e, geralmente, em todas as especies de tosses humidas. Egualmente em virtude d'estes principios resolutivos é que se tem podido, n'alguns casos, dissipar os germens das degenerações tuberculosas começantes. *Hermann* o empregava como adstringente na dysenteria; em o norte da Europa, foi por muito tempo gabado o alcatrão nas febres typhoidas e affecções verminosas. No dizer de *Cul-*

len (Materia-Medica), excita o appetite, facilita a digestão, dissipa os symptomas de dyspepsia e produz bons effeitos na asma. Tambem ha sido gabado nas ulcerações intestinaes, nas molestias dos rins e das vias urinarias, principalmente no catarrho vesical, nas escrophulas e na tísica purulenta muito humida (*Desbois* de Rochefort). *Desault* e *Dupuytren* o applicavam com successo em varios casos d'infermidades, como tendo propriedades adstringentes.

Não fallarei de sua administração no exterior, seja em dissoluto, seja em forma de vapor, nas molestias cutaneas. Todo o mundo sabe que o Sr. *Bielt* e o Dr. *A. Cazenave* fazem uso d'estes meios em algumas variedades das herpes e mormente na prurigem.

Tem havido pois grande sem-razão d'abandonar este meio completamente. Desejei assegurar-me por mim mesmo do que se podia esperar d'um meio therapeutico que tamanha voga havia tido; mas, como para os doentes era mui fatigante o modo ordinario d'administração, tive o pensamento de concentrar suas virtudes e compor o xarope d'alcatrão. Todas as obras que tractaram da materia, todos os practicos que o empregaram poseram constantemente em uso a agua de alcatrão, ja simples, ja misturada com alguma outra substancia propria para tornal-a menos desagradavel a o gosto. Administrou-se a agua d'alcatrão desde duas onças até uma libra, o que é consideravel. Era preparada fria, como prova a formula do Bispo *Berklay*.

É bem diverso o modo de preparar o xarope d'alcatrão. Não é indifferente a escolha d'este, applicado a tal uso, e, com effeito, hei observado, como nota o Dr. *Vaidy*, que o bom alcatrão dá á agua e á

saliva uma côr escuro-rosada, e que deve ser menos estimado o que faz a agua lactescente. É pois necessario ter em vista esta observação practica.

A os officiosos cuidados e talento do Sr. *Espic*, tam distincto Pharmaceutico, é que devo a fabricação do xarope d'alcatrão. Elle chegou, de accôrdo com meus conselhos, a dar-lhe uma côr limpida, e a satural-o d'uma grande quantidade de seus principios resinosos. Tracta elle o alcatrão do modo seguinte:

Em quatro partes d'alcatrão, emprega uma d'agua de rio a ferver, e tracta assim a mistura em banho-maria: conserva-a vinte e quatro horas na temperatura de sessenta graus, tendo o cuidado de a agitar de quando em quando; deixa-a depois esfriar, decanta-a e filtra-a.

Obtem um producto mui odorifero e mui carregado de principios resinosos. Tambem ajuncta duas partes d'assucar, as quaes dissolve a frio, e filtra. D'estas diversas manipulações resulta um xarope assás activo para que uma colherada represente uma copada d'agua d'alcatrão, tal qual sempre se preparou.

Preparado por este methodo, pode-se administrar o xarope d'alcatrão, quer so, na dose de tres ou quatro colheradas por dia, quer misturado com tisanas apropriadas, quer combinado com outras substancias pharmaceuticas, e entrar na composição de poções ou de lambedores. Eu sempre o tenho applicado debaixo d'estas diversas formas; com tudo me ha parecido ser o puro de mais certo effeito.

Nota do Traductor.

Depois d'isto apresenta o Auctor da Memoria seis casos, com que justifica a acção medicamentosa

do xarope d'alcatrão, e faz algumas reflexões tendentes a comprovar a theoria assim expendida; terminando por dizer que, o xarope d'alcatrão, tem a propriedade de excitar os tecidos que reclamam uma acção estimulante. Em consequencia d'esta propriedade não convém ser empregado, este meio therapeutico, durante o periodo agudo das molestias.

PHARMACIA.

PHARMACIA ESTRANGEIRA.

Fraude na venda das Sanguessugas e investigações sobre os meios que se devem empregar para impedir a sua destruição, e reempregar aquellas que tenham servido nos Estabelecimentos da Administração dos Hospitaes: pelo Sr. A. BOUCHARDAT, Pharmaceutico em Chefe do Hotel-Dieu, Aggregado á Faculdade de Medicina. — Artigo traduzido do Journal des Connaissances Médicales de Paris — 1838, pelo Membro Honorario e Correspondente Nacional, o

SR. FRANCISCO BERNARDO DOS SANTOS.

O Sr. *Estanislau Martin*, Pharmaceutico em Paris, por conhecer que os mercadores de sanguessugas compram estes animaes de mui pequeno volume, tendo-as mergulhadas em agua na qual ajunctam sangue de boi ou de carneiro; estas sanguessugas adquirem em pouco tempo um volume muito consideravel; mas não pegam senão com repugnancia, tirando

muito pouco sangue quando se applicam a os doentes. O Sr. *Chevallier*, reproduziu n'esta occasião uma observação feita sobre o pêso das sanguesugas tomadas em Paris nas differentes localidades.

1:000 Sanguesugas tomadas n'um hos-

pital pesaram 0,800 grammos.

Enfartadas nos Pharmaceuticos 2,062

Meaã nos Pharmaceuticos . . . 0,943

Pequenas nos herbolarios . . . 0,760

Segundo o Sr. *Boullay*, o termo medio do pêso das sanguesugas nos Laboratorios Pharmaceuticos será de 1:500 grammos o milheiro. Os mercadores não tomam este termo medio senão de 1:000 ou 1:092 grammos.

A questão do emprêgo das sanguesugas enfartadas tem sido muito debatida. O Sr. *Henry* foi consultado em 1822 pela Administração dos Hospitales, sobre a proposição d'um Medico anonymo, de fazer servir muitas vezes as sanguesugas depois de as ter feito desenfartar.

De numerosos raciocinios conclue que a conservação das sanguesugas acarretará mais despesas que proveito, e que até aquelle momento os meios postos em practica não podem executar-se senão sobre algumas dezenas e jamais sobre grande numero: o Sr. *Virey* corroborou esta opinião por muitas observações judiciosas. O Sr. *Rayer* tinha terminado o seu bello trabalho sobre as sanguesugas, indicando o emprêgo d'ellas enfartadas para a reproducção.

Pallas pertendeu depois que ellas eram muito mais proprias para a reproducção que as que não tinham succado o sangue.

Chatelain sustenta a opinião contraria. Muitas e mui importantes razões podem fazer mudar as conclusões negativas dos Srs. *Henry* e *Virey*.

Na epocha em que elles publicaram as suas observações não se conheciam, para reempregar as sanguesugas, senão meios pouco seguros e a o mesmo tempo dispendiosos; a experiencia nos tem feito encontrar-os, tão seguros e simples como económicos. As sanguesugas, apanhadas em França podiam, por assim dizer, bastar para seu gasto e para a exportação d'Inglaterra e da America: hoje todas as lagôas de França estão quasi exauridas, todas as da Europa estão exploradas, sendo preciso alongar-se todos os dias mais para as encontrar que não estejam esgotadas.

A Administração dos Hospitaes não despendia mais de vinte mil francos n'este artigo, hoje é mais que quintupla (1) esta somma; porém os motivos que dominam todos os outros, são que a Academia de Medicina reconheceu como principio que a unica maneira efficaz de obstar á destruição das sanguesugas em França, era o empregar as que tinham servido nos Hospitaes: que duas Comissões successivas de Medicos, Cirurgiões e Pharmaceuticos, nomeadas por todos os Chefes do serviço de saúde dos Hospitaes e Hospícios Civís de París, reconheceram que esta practica não só não offerecia inconveniente algum, mas era o unico meio de produzir uma economia consideravel no emprêgo dos medicamentos, e fazer cessar as queixas continuas, que se levantam á cerca da

(1) Em 1832 gastou a Administração 94:405 francos e 55 c. de sanguesugas; em 1833 — 58:782 francos e 16 c.; em 1834 — 103:727; em 1835 — 94:902 francos e 51 c.; em 1836 — 96:837 francos e 95 c.

qualidade das sanguesugas dos Hospitaes. Sendo admittido o principio, sobreveem as difficuldades d'execução, que não podem apreciar-se senão depois de haver feito experiencias, pois é onde sobre tudo se pode dizer qual da theoria á practica ha mais distancia que se pensa.

O Sr. *Dosportes*, Administrador dos Hospícios, havia muito tempo emprehendido ensaios sobre os meios d'utilisar as sanguesugas que tivessem servido nos hospitaes; logo á minha entrada no Hospital Geral me empenhou a continual-os, dando-me todos os meios para o fazer com successo, e durante o espaço de quatro annos fiz pesquisas tam variadas como assiduas, que (ufano-me de o dizer) foram coroadas de successo.

Para evitar áquelles que se occuparem do mesmo objecto a repetição de tentativas sem resultado, you descrever por miúdo todos os meus ensaios infructuosos. A mim so me reportei quanto a os cuidados fastidiosos de que precisam estas experiencias. Era necessario ser sustentado pelo desejo de fazer alguma cousa util, para me impor a obrigação de fazer marchar conjunctamente uma numerosa serie de experiencias sobre estes animaes, que, immediatamente, depois de terem sido empregados em tantos doentes, devem a o menos causar tedio, (2) e a conservação dos quaes reclama cuidados a todos os instantes.

Para empregar as sanguesugas enfiadas, dous meios principaes se podem por em practica; o pri-

(2) Durante todo o curso d'estas experiencias, não me occorreu algum accidente. E com tudo, fazendo desenfiar estas sanguesugas, me succedeu muitas vezes ter o sangue, que tinham succado de doentes atacados das mais diversas affecções, em contacto com partes de minhas mãos privadas d'epiderme.

meiro, que é o usado em todas as casas, consiste em fazer-lhes despejar o sangue que teem succado, o segundo em collocal-as em circumstancias convenientes para que possam digerir. Estes dous meios são geralmente conhecidos; mas não assim o seu valor real e comparativo, como também as precauções necessárias para assegurar o successo d'uma exploração em grande; so a experiencia podia resolver uma multidão de miudas difficuldades: foi também ella a quem nós constantemente invocamos.

§ 1.º DO VALOR DOS MEIOS INDICADOS PARA FAZER
DESENTARTAR AS SANGUESUGAS.

São assás numerosos os meios indicados para fazer desentartar as sanguesugas; eu os tenho repetido, tendo variado as experiencias de muitas maneiras. Ha um processo que é geralmente empregado no Egypto e Estados-Unidos, e que muitas pessoas teem repetido em França; do qual os Srs. *Pariset* e *Husson* teem entretido a Academia de Medicina em diferentes epochas. Consiste em apertar ligeiramente e por muitas vezes, entre dous dedos, as sanguesugas que acabam de se despegar de um infermo. Muitas vezes tenho repetido este processo; elle produz mui bom effeito; se se opera sobre as sanguesugas immediatamente depois da sua queda, lançando-as um minuto na cinza, mas, esperando-se um dia a operação, se tornará muito menos segura. De 100 sanguesugas submettidas á primeira operação ainda me restaram 45; depois de dous mezes não me restaram senão 3, do mesmo numero d'aquellas que se não tinham desentartado senão passado um dia depois da queda.

Quanto a mim segue-se, de factos numerosos,

que esse meio pode ser empregado pelos particulares, mas não em uma exploração publica.

(Continuar-se-ha.)

Descrição de diversos Preparados usados em Pharmacia. — Extracto de diversos Auctores, feito pelo Membro Benemerito e Effectivo, o

SR. JOSÉ DIONYSIO CORRÊA.

1. ESPARADRAPO.

R. Resina elemi da melhor
qualidade..... } aa partes eguaes.
Terebinthina de Veneza. }

Funde-se em fogo brando e coa-se por panno de linho tapado.

Da mistura acima purificada..... 8 onças.
Cêra branca..... } aa 1½ onça.
— amarella..... }

Emplastro simples..... 5 onças.

F. S. A.

(Sévin.)

2. ESPARADRAPO DE COLLA DE PEIXE.

da Ordem dos Farmacêuticos
(Tafelá d'Inglaterra.)

R. Colla de peixe (*ichthyocolla*)..... 1 onça.

Agua commum (*aqua communis*). 3 onças.

Alcohol de 21.º Cart. (56º cent.)

(alcohol)..... 8 onças.

Corta-se a colla de peixe em pequenos bocados, e macera-se na quantidade d'agua prescripta pelo es-

pago de vinte e quatro horas; ajuncta-se o alcohol e, a travez d'um panno, se cõa o liquor depois de aquecido no banho-maria em um vaso tapado para facilitar a dissolução.

Estenda-se sobre moldura uma tira de tafetá, e recubra-se, por meio d'um pincel, d'uma camada do liquor precedente; deixe-se seccar e continue-se a pôr successivamente muitas camadas do mesmo dissoluto. Applique-se depois, da mesma forma, uma camada de tinctura alcoholica activada com balsamo negro do Perú; deixe-se seccar, ponha-se nova e ultima camada de dissoluto gelatinoso, seque-se de novo e corte-se o tafetá em pequenas tiras quadradas.

(Ph: Franceza.)

3. TAFETÁ VESICANTE.

R. Cantharidas em po (pulvis cantharidum) 32 onças.

Ether sulphurico (æther sulphuricus) q. s.

Prepara-se uma tinctura etherea de cantharidas por lixiviação; distilla-se esta tinctura para lhe separar o ether: obtendo-se um oleo espesso mui vesicante. Tome-se depois d'este

Oleo de cantharidas (oleum cantharidum)

..... 4 onças.

Cêra amarella (cera flavea) 8 onças.

Faz-se derreter a mui brando calor e estende-se sobre panno de linho encerado.

Este esparadrapo deve ser preparado em pequenas porções de cada vez. Deve-se conservar em vaso fechado.

(Ph: Franceza.)

4. PAPEL CAUSTICO.

R. Cera branca.....	5 onças.
Espermaceti.....	} aã 2½ onças.
Resina elemi.....	
Terebinthina fina.....	3 onças.

Funde-se, cõa-se por um panno e estende-se sobre folhas de papel lizo por meio do esparadrapeiro.

Observação. O esparadrapeiro consiste em ãa mesa de pau ou d'aço bem plana, sobre a qual poussa, por seu proprio peso, um cutello de ferro que se move livremente entre duas pilastras, collocadas em cada uma de suas extremidades (*fig. 5.*). Põe-se debaixo do cutello aquecido um maço de folhas de bom papel, cortado em quatro partes a o comprido e bem aparado; deita-se uma pouca de mistura a o cutello e extremidade do papel; tira-se rapidamente cada folha, havendo cuidado de, á medida que se vão tirando, rebaldear a mistura. Corta-se depois o papel em pedaços da grandeza de cartas de jogar, e guarda-se em bocetas. (*Henry e Guibourt.*)

5. COLLYRIO IODURADO.

R. Agua rosada.....	6 onças.
Iodureto de potássio.....	24 grãos.
Iodo.....	1 ou 2 grãos.

Misture.

Usa-se quatro vezes por dia.

Mãi raras vezes tenho visto as ophtalmias escrophulosas, mesmo complicadas d'ulceração da conjunctiva e da cornea, resistirem mais d'um mez a

este meio ; combinado aliás com tractamento interno e regimen proprio.

A este soluto ajuncto algumas vezes a morphina.
(*Magendie.*)

6. EMPLASTRO DE CERA.

R. Cêra (<i>ceræ</i>).....	} aã 3 libras.
Sebo (<i>sevi</i>).....	
Colophonía (<i>resinæ</i>).....	1 libra.

Funde-se tudo e cõe-se.

(*Ph: de Londres.*)

7. AGUA DE COLONIA.

R. Oleo volatil de bergamota (<i>oleum</i> <i>volatile citreorum berga-</i> <i>miae</i>).....	3 onças.
— volatil de limão (<i>oleum vol.</i> <i>citreorum</i>).....	3
— de cidra (<i>oleum vol. cedrato-</i> <i>rum</i>).....	3
— d'alecrim (<i>oleum vol. rosis-</i> <i>marini</i>).....	1 ½
— de flôres de laranjeira (<i>oleum</i> <i>vol. florum citri auran-</i> <i>tii</i>).....	1 ½

— d'alfazema (<i>oleum vol. laran-</i> <i>dulæ</i>).....	1 ½
---	-----

— de canella (<i>oleum vol. cinna-</i> <i>momi</i>).....	6 oitavas.
---	------------

Alcohol de 34.º Cart. (86º cent.)

(*alcohol*)..... 384 onças.

Alcoholato de Melissa compôsto

(*alcoholatum melissæ compo-*
situm)..... 48

Alcoholato d'alecrim (*alcoholatum*
rosmarini)..... 32

Dissolvem-se as essencias no alcohol, ajunctam-se os dous alcoholatos e deixam-se em contacto por oito dias; distillam-se em B. M. até que na cucurbita fique so a quinta parte da mistura: o liquor distillado será *Agua de Colonia*. (Ph: Franceza.)

8. POMADAS HYDRIDATO-IODURADAS DO HOSPITAL DE S. LUIZ.

Pomada n.º 1.

R. Iodureto de potassio.....	64 gr.
Iodo.....	8
Banha de porco.....	1000

Pomada n.º 2.

R. Iodureto de potassio.....	160
Iodo.....	22,4
Banha de porco.....	1000

Pomada n.º 3.

R. Iodureto de potassio.....	160
Iodo.....	25,6
Banha de porco.....	1000

No tractamento das molestias escrophulosas, empregou o Sr. *Lugol* particularmente as pomadas ioduradas e as aguas iodadas, cuja composição acima indicámos. Ha muitos annos elle colligiu, no Hospital de S. Luiz, uma serie d'observações sobre a effi-
cacia d'estes compostos nos tuberculos, ophthalmias,

ozena, ulceras, dysmenorrheas, tumores brancos escrophulosos, que foram curados sob a influencia d'estas preparações. (Magendie.)

9. EMPLASTRO DE CICUTA.

R. Resina de pinheiro.....	30 onças.
Pêz de Borgonha.....	14
Cêra amarella.....	20
Oleo de cicuta.....	4
Folhas recentes de cicuta.....	4
Gommia ammoniaca.....	3

Derretem-se as materias e junta-se a cicuta contusa; cose-se até que seja evaporada toda a agua de vegetação, submete-se á prensa, deixa-se esfriar e separam-se as fezes. Depois funde-se de novo a massa emplastica e se lhe incorpora a gommia ammoniaca solvida em alcohol de 22.°, e evaporada em consistencia d'extracto.

O Codex manda solver a gommia ammoniaca em vinagre scillitico e sumo de cicuta.

Muitas modificações se hão propôsto a esta formula; a grande censura que se lhe faz consiste em causar ella a perda de uma grande parte da massa que fica involvida no residuo da cicuta: mas tem-se muito exaggerado este effeito. Tractando este residuo pela essencia de terebinthina, reconheci que a quantidade perdida não subia á mais de dous centesimos e meio da massa total. Pelo que não hesito em dar a preferencia a este processo, que produz emplastro d'uma bella côr verde.

Van-Mons substitue á cicuta a fecula verde; mas não sabemos se esta fecula tem as propriedades da planta.

O Sr. *Boullay* aconselha que se faça derreter a gomme ammoniacae em lagrimas e se lhe incorpore o emplastro ordinario de cicuta, mas esta gomme derrete-se muito mal.

O Sr. *Caventou* faz coser a cicuta com o oleo até á consumpção da humidade, e juncta a gomme ammoniacae com as outras substancias resinosas.

O Sr. *Guibourt*, a exemplo d'algumas pharmacopeias estrangeiras, substitue á cicuta verde o po da mesma, e o aquece com oleo de cicuta e cêra, para facilitar a dissolução da chlorophylla.

O Sr. *Hubert*, de Caen, macera a cicuta pulverisada em o alcohol e, depois de 48 horas de contacto, juncta-a as resinas fundidas. Expelle o alcohol por algumas fervuras, e une a o mesmo tempo que o pêz branco a gomme ammoniacae fundida com o oleo de cicuta; mas não tem boa côr o emplastro assim obtido: é d'um verde-carregado pouco agradável.

A querer alguém reformar a formula do Codex, melhor é encostar-se á que deu o Sr. *Planche*, a qual produz um medicamento muito mais efficaç. Deve lembrar-se que, por esta mesma razão, não se pode servir d'ella indifferentemente, para substituir o emplastro de cicuta do Codex. (*Soubeiran.*)

10. HYDRO-CYANO-FERRATO DE QUININA.

(*Hydro-cyanalo ferrurado de Quinina, Prussiato de Quinina ferrurado.*)

R. Sulphato de quinina (*sulphas quinicus*). 100

Proto-cyanureto de ferro e de potassio

(prussiato ferruginoso de potassa)

(*cyanuretum ferroso potassicum.*) 31

Agua distillada (*aqua stillatitia*). 2500

Ferve-se por espaço d'alguns minutos o sulphato de quinina e o prussiato de potassa. O sal de quinina que houver de formar-se vem á superficie do liquido; separa-se depois do resfriamento e lava-se com uma pouca d'agua.

Para se ter mais puro e crystallizado, solve-se em alcohol fervendo. Pelo resfriamento e evaporação espontanea do alcohol crystallisa em agulhas.

Este sal tem sempre uma ligeira côr esverdilhada,

(Ph: Franceza.)

(Continuar-se-ha.)



Ação do Enxôfre dourado d'Antimonio e d'algumas substancias vegetaes sobre o Sublimado. (Annalen der Pharmacie, vol. XXVII, n.º 2, pag. 235.)

— *Artigo traduzido do Journal de Pharmacie et des Sciences Accessoires de Paris — 1839, pelo Membro Effectivo, o*

SR. JOSÉ TEDESCHI

O Sr. Pagenstecher, Pharmaceutico em Berne, fez investigações relativas á acção que exercitam sobre o sublimado o enxôfre dourado d'antimonio e diferentes substancias vegetaes, cuja combinação com este energico medicamento é tam frequentemente empregada em Medicina; d'ellas resulta que o sublimado e o enxôfre dourado d'antimonio, no estado humido e no sêcco, se decompõe reciprocamente em enxôfre, calomelanos e oxydo d'antimonio: decom-

posição que se pode representar pela equação $Sb^2 S^5 + Hg^6 Cl^{12} = Sb^2 Cl^6 + Hg^6 Cl^6 + S^5$; o chlorureto d'antimonio se decompõe então naturalmente com agua em oxydo e acido hydro-chlorico. A acção do kermes mineral e do sulphureto d'arsenico sobre o sublimado é analogia á do enxôfre dourado d'antimonio.

Sobre o sublimado teem as partes de plantas ou seus productos, segundo sua natureza, acção mui differente: o assucar, a gomma, a mucilagem de marmelos, o miolo de pão e a raiz de saponaria pouco ou nada o decompõem; e por isso deveriam estes corpos ser escolhidos com preferencia para servirem de vehiculos ou de adjuvantes no emprêgo medical do sublimado.

Certas substancias, como a raiz de malvaisco, a dulc'amara, a raiz e succo d'alcaçus, a raiz de calumba, a casca de carvalho, a salsa-parrilha, a quassia, as raizes de grana e genciana, e a resina de guayaco não operam a decomposição do sublimado senão pouco a pouco, mais ou menos promptamente; em quanto outras substancias e sobre tudo o opio e a casca de quina o decompõem immediatamente: forma-se, no ultimo caso, uma nova combinação d'oxydo de mercurio; mas nos primeiros se produzem principalmente calomelanos.

Um soluto de sublimado, adicionado de assucar e mormente de gomma e mucilagem de marmelos, não é precipitado pela agua de cal; toma so uma côr amarellada, mais tarde separa-se mercurio mettallico.

No *po alterante de Plumer*, que é composto de 1 parte de calomelanos, 1 d'enxôfre dourado d'antimonio e 13 d'assucar, se forma, segundo o Sr. A,

Vogel, chlorureto d'antimonio e sulphito de mercúrio por decomposição.

Os Srs., *Herberger* e *Marklin*, que publicaram investigações sobre este objecto, admittem que 3 at. de calomelanos se decompõem com 1 at. d'enzôfre dourado d'antimonio, e dão, como expressão do phenomeno que então se passa, a equação $\text{Hg}^3 \text{Cl}^3 + \text{Sb}^2 \text{S}^{\frac{5}{2}} (\text{Sb}^2 \text{Cl}^6 + \text{Sb}^2 \text{S}^4) + 3 \text{Hg. S.}$

Facil preparação do Acido phosphorico anhydry; de RICARDO FELIX MARCHAND. (Journal fur Praktische chemie, vol. XVI, n.º VI, pag. 373.)— Artigo traduzido do Journal de Pharmacie et des Sciences Accessoires de Paris — 1839, pelo Membro Effectivo, o

SR. JOSÉ TEDESCHI.

Sobre uma grandissima capsula de porcelana se põe um pequeno apoio, e em cima d'este uma tampa de cadinho ou uma pequena capsula de porcelana; mettem-se n'esta pequena capsula alguns fragmentos de phosphoro sêcco, e por cima de todo este apparelho se colloca uma grande campana de vidro tubulada: tapa-se a tubuladura com uma rôlha atravessada por dous tubos de barro; um é largo e desce quasi até á pequena capsula e pode ser fechado por uma rôlha, o outro é estreito e dobrado angularmente no exterior.

Applica-se o tubo estreito a um apparelho, d'onde se faz desprender gaz oxygenio sêcco: o que se deve preferir é uma retorta na qual se aquece chlorato de potassa. É mais commodo fazer sahir a cor-

rente de gaz do gazometro e seccal-o completamente por chlorureto de calcio e acido sulphurico em um apparelho de potassa do Sr. *Liebig*. Faz-se primeiro soltar o oxygenio para expellir o ar atmospherico da campana; depois se inflamma o phosphoro com uma varinha de ferro quente através do tubo mais largo do vidro. Quando todo o phosphoro está queimado, lança-se, por este mesmo tubo, novo phosphoro, que deve sempre cair na pequena capsula. Tambem se pode facilmente mudar a retorta, logo que está decomposto todo o chlorato de potassa. Quando a campana está muito quente, suspende-se por algum tempo a operação, até que tenha esfriado sufficientemente; d'outra sorte sem falta se espedaçaria. D'este modo se pode preparar, em mui pouco tempo, consideravel quantidade d'este acido em estado quasi puro. Com um quarto de libra de phosphoro, tenho obtido mais de meia libra d'acido anhydro. Quando a combustão é bem dirigida, não se desprendem quasi nenhuns vapores. Tiram-se promptamente, com uma colher, os floccos d'acido, pegados á campana e capsula; e conservam-se em vasos bem tapados.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

HISTORIA NATURAL.

BOTANICA.

Noticia d'alguns Productos dos Reinos Vegetal e Mineral que ha em nossas Possessões Africanas, redigida em Tete no anno de 1835. ()*

1.

Carungasuro (Herva).

A sua flor é amarella, semelhante á de macella, e não se despe inteiramente de folhas. applica-se cozida para bafos (suadouros) e semicupios ás pessoas que padecem tenesmo. Sendo combinada com raizes do arbusto capande (n.º 40) e com a caciei-camuzuqua (escorcioneira) (n.º 5), é anti-febril o seu cosimento tomado em vapor.

2.

Muntengueni—Em lingua da Asia, *Nimo* (Arbusto).

São brancas e largas, mas pequenas as suas flores, separadas as quaes em quatro partes, produz o fructo que chamam *tenguéni*, do tamanho de ãa amendoa; o qual, depois de maduro, fica de cor vermelha, come-se, e é bastante acido. O oleo da sua amendoa applicam-no para amaciar a pelle e resolver tumores.

(*) A' Sociedade foi remettida esta Noticia, com Portaria do Ministerio da Marinha e Ultra-Mar, de 8 d'Agosto de 1838; a qual se acha inserta n'este Tomo II. do Jornal, n.º 2, pag. 112.

(Os Redactores.)

O sumo das folhas pisadas, misturado com o de limão tem uso nas chagas que se julgam incuráveis; e, tomado simplesmente, mata as lombrigas.

Floresce nos mezes de Novembro e Dezembro.

3.

Mudossua — Figueira do Inferno (Arvore).

A sua flor é branca, grande e afunilada. O fructo é como a papoula do amphyão, com a differença que tem picos, á maneira de pepinos de S. Gregorio; e não fica despida de folhas. Estas, inteiras, servem d'emplastro nas chagas e lhes comem toda a carne corrupta. O oleo que se extrahê das pevides, combinado com qualquer liquido, faz adormecer, tendo a mesma virtude que o laudano.

4.

Muxeléo ou Raiz de Agustinho, como em Moçambique lhe chamam (Arvore).

É pequena, amarella e cheirosa a sua flor. Dá uma vagem do comprimento de dous palmos e mais, côr de quina; e o feijão é da grandeza de caroços de tamarindo: as vagens, depois de sêccas, servem d'archotes, para com elles entrarem nas covas dos porcos-espinhós e os apanharem.

A casca da arvore, e a mesma raiz posta d'infusão, se applica nas indigestões, dores de dentes, colicas, lavagem de feridas, movitos; e desafia a conjuncção mensal.

Floresce nos mezes de Novembro e Dezembro.

5.

Cacici-camuzuqua ou Escorcioneira (Herva).

Ha de duas qualidades, grande e pequena. Da grande é que se servem, e d'ella é que tractamos. Tem

a flor amarella e pequenina, á proporção das folhas, que são quasi como açafraão do Reino. O seu fructo é do volume de um grão de missanga. Cosidas se applicam as suas folhas em bafos de cabeça. A casca da raiz, cosida com raiz d'almeirão, é anti-febril, e corta a febre maior que se vai encaminhando para maligna; e o cosimento da raiz serve para febres terçãs. A mesma raiz, juncta com a de mucuróngo (n.º 12), se dá em cosimentos a quem padece gonorrhea complicada.

6.

Cangóme (Arbusto).

É, tal e qual, como a do café de Moka a sua flor e fructo ou semente. Esta, em quanto verde, a comem os negros, em tempo de falta de mantimentos, depois de tres ou quatro fervuras, misturando-lhe cinza na ultima, para lhe extinguir o amargo.

O po da raiz sêcca, ou da mesma casca fresca, tem applicação em golpes; e outro-sim se lança em chagas antigas que estão limpas de carne, para as fazer sarar, lavando-as antes com infuso da mesma raiz.

7.

Cauémbe-nembe (Arbusto).

A sua flor é amarella, e muito se assemelha á da arvore muxetico (n.º 4), mas não tem aroma nenhum. O seu fructo é em vagens, do comprimento de meio palmo, que se comem quando tenras. O infuso da raiz em panella nova é bastante diuretico.

8.

Catungúru (Arbusto).

A sua flor, de um amarello-claro, é uma especie de borla com suas franjas. O fructo é redondo,

do tamanho do limão, e, em maduro, da côr do mesmo. A raiz é uma batata, a qual, feita em bocados e posta a seccar a o sol, se pulverisa e põe sobre bubões; para lavar os quaes serve o infuso da mesma raiz. As folhas pisadas se applicam sobre feridas provenientes d'açoutes para as fazer sarar. O vapor do cosimento d'ellas, é util, recebido na cabeça, a os que teem nevoas nos olhos ou cataractas. Finalmente a raiz fresca, pisada e espargida nas lagoas e rios mata os peixes.

9.

Mupessa (Planta rasteira).

É uma especie de parreira-brava, cujas uvas são roxas e algum tanto acidas. O cosimento da raiz se emprega interiormente, nos pleurizes, e, com um pouco de vinagre, tambem exteriormente, na parte onde se sente a dor; é bebido por quem padece apostemas interiores para os resolver, serve para fomentar qualquer parte offendida de queda, para expulsar as ultimas, para dores de colica, para provocar o menstruo, para gonorrhœa.

10.

Caruco-ruco (Planta trepadeira).

A sua flor é amarella-clara e pequena, seu fructo a os pares, semelhante a o da panheira; depois de maduro estala e larga uma pellugem amarella, especie d'algodão, ficando as duas cascas como umas colheres: d'onde lhe vem o nome *caruco-ruco*, que significa *colherinhas*. Reduzem a po a sua raiz, depois de sêcca a o sol, e, debaixo d'esta forma, usam

d'ella nas ulceras-syphiliticas. O cosimento da mesma, applicado em bochechos, é remedio para dores de dentes. (Continuar-se-ha.)

PEÇAS OFFICIAES.

Portaria do Ministerio dos Negocios da Fazenda, pela qual Sua Magestade, A RAINHA, Manda declarar á Sociedade que Espera se proceda a analyse de um vegetal; cuja amostra foi remettida pela Commissão Permanente das Pautas.

1.^a Repartição.

Sua Magestade, A RAINHA, A Quem foi presente a Representação de 25 do presente mez, em que a Sociedade Pharmaceutica Lusitana expoz o inconveniente que tem para proceder immediatamente a analyse de um vegetal, cuja amostra lhe foi remettida pela Commissão Permanente das Pautas. Manda, pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Fazenda, declarar á mesma Sociedade que Espera se proceda a analyse exigida logo que seja possivel. Paço de Cintra, em 27 d'Agosto de 1839.

Manuel Antonio de Carvalho.

Portaria do Ministerio dos Negocios da Fazenda, em que Sua Magestade, A RAINHA, Manda communicar haver-se requisitado a porção de vegetal pedida pela Sociedade.

1.ª Repartição.

Sua Magestade, A RAINHA, Manda, pela Secretária d'Estado dos Negocios da Fazenda, communicar á Sociedade Pharmaceutica Lusitana, para seu devido conhecimento, que, na data de hoje, se requisitou a o Conselheiro Director da Alfandega Grande de Lisboa a porção do vegetal, que solicita na sua Representação de 8 do corrente mez; a fim de podêr ser analysado. Paço de Cintra, em 17 de Setembro de 1839.

Manuel Antonio de Carvalho.

Portaria do Ministerio dos Negocios do Reino, na qual Sua Magestade, A RAINHA, Se Digna Approvar o exposto na Representação da Sociedade, de 20 de Setembro de 1839. ()*

MINISTERIO DO REINO.

3.ª REPARTIÇÃO.

da Ordem dos Farmacêuticos

Livro 4.º, n.º 1:069.

Sua Magestade, A RAINHA, A Quem foi presente a Representação da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, datada de 20 de Setembro proximo-passado, em que dá conta dos trabalhos a que intenta proceder; em virtude da Portaria que lhe foi expedida por este Ministerio, em data de 16 d'Agosto

(*) Vide Tomo II, d'este Jornal, n.º 5º, pag. 334.

(Os Redactores.)

ultimo, relativos a analyse das differentes Aguas-Mineraes do Reino, que lhe está commettida: Manda, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, declarar á mesma Sociedade, que Ha por bem Approvar o exposto nos Artigos 1º, 2º e 3º da mencionada Representação; e, Desejando A Mesma Augusta Senhora que a analyse das referidas Aguas se estenda, quanto for possivel, a outras mais, Manda outro-sim remetter-lhe a inclusa Portaria, para que as Auctoridades Administrativas, a quem for apresentada, prestem todo o auxilio e protecção que se carecer, e para obterem dos donos dos terrenos e aguas a necessaria licença para o dicto exame; na intelligencia de que se remetterá á Sociedade a somma por ella pedida, logo que o Ministerio da Fazenda remetta o Credito que novamente se lhe requisitou. Paço das Necessidades, em 3 d'Outubro de 1839.

Julio Gomes da Silva Sanches.

Representação dirigida a Sua Magestade, A RAINHA, em cumprimento do disposto na Portaria do Ministerio da Fazenda, de 27 d'Agosto de 1839.

SENHORA!

Á Presença de Vossa Magestade leva a Sociedade Pharmaceutica Lusitana o resultado que deu a analyse da remettida porção de um vegetal; segundo se lhe recommendou em Portaria do Ministerio da Fazenda, de vinte e sete d'Agosto ultimo.

O sobredicto vegetal é um musgo que, botanica e chymicamente observado, contém de mistura *lichen parellus*, *lichen faciformis* e *lichen roccella tinctoria*

de *Linneo*; os quaes habitam nas costas do oceano de Portugal e Hespanha: mormente o lichen parellus e o lichen faciformis.

Todos estes musgos dão, mais ou menos, materia colorante tinctorial; mas o *lichen rocella*, vulgarmente chamado *orcella* ou *urzella*, é que dá a bella côr roxa empregada na composição dos carmesins sobre lã ou sêda, e na preparação do cudbear e do tornasol applicados nas Artes d'Estamparia e Tincturaria.

Deus Guarde a Vossa Magestade, como hão mister os Portuguezes e, em particular, esta Sociedade.

Lisboa e Sala das Sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 16 de Janeiro de 1840.

Gregorio de Sausa Pereira,
Presidente.

José Dionysio Corrêa,
1.º Secretario.

Antonio de Carvalho,
2.º Secretario.

Representação feita a o Conselho de Saúde Publica do Reino, sobre a existencia de uma Botica aberta, na Villa de Cortiços, sem Pharmaceutico legal.

Ill.^{mos} Srs., Presidente e Vogaes do Conselho de Saúde Publica.

Achando-se com botica aberta, na Villa de Cortiços, José Joaquim Mendes, sem Titulo algum de Pharmaceutico, segundo elle mesmo declarou quando, por ordem do Administrador do Concelho foi intimado para o apresentar; do que, em dezoito de

Novembro proximo-preterito, se lavrou Auto, no qual assignaram duas Testemunhas e o respectivo Escrivão: a o Conselho de Saúde Publica do Reino pede a Sociedade Pharmaceutica Lusitana se digne dar, n'este caso, as providencias que por Lei teem cabimento.

Lisboa e Sala das Sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 16 de Janeiro de 1840.

Gregorio de Sousa Pereira,
Presidente.

José Dionysio Corrêa,
1.º Secretario.

Antonio de Carvalho,
2.º Secretario.

Representação endereçada ás CÔRTEs, relativamente a o impôsto do Sêllo de licenças d'abertura de Boticas, abolidas pelo Art.º 29.º do Decreto de 3 de Janeiro de 1837; bem como a o prompto deferimento das outras que a Sociedade lhes dirigiu na Sessão de 1839.

SENHORES!

Endereçar-Vos nova supplica (a) hoje a Sociedade Pharmaceutica Lusitana e implorar o deferimento d'outras que Vos dirigiu na ultima Sessão Legislativa.

Estas, Senhores! Podeis Vêl-as, com os seus motivos nas diversas Representações que as conteem. Por tanto, só em geral, Vos apontará o subjecto de cada uma. Aquella, indispensavel lhe é motiva-la e produzil-a em particular.

Tendo o Governo, com informação do Procurador Geral da Corôa, declarado, em Portaria de vinte e sete de Setembro ultimo, que a esempção de licenças para abrirem Boticas, outorgada a os Pharmaceuticos pelo Artigo vinte e nove do Decreto de tres de Janeiro de mil oito centos e trinta e sete, devia considerar-se revogada pela Lei de sete de Abril de mil oito centos trinta e oito, a qual, fixando a quantia do Sêllo das mencionadas licenças, *reconhecerá assim a sua existencia*; e havendo, outro-sim, o Governo mandado realisar estas e aquelle, representou-lhe a Sociedade, em treze d'Outubro ultimo, e obteve que, em Portaria de seis de Dezembro proximo-preterito, se ordenasse ás Auctoridades a sobreestação de todo o procedimento até que as Côrtes interpretassem a Lei.

Existe, Senhores! o Artigo de um Decreto, esempando os Pharmaceuticos de tirarem as dictas licenças, e existe uma Tabella, posterior áquelle Decreto, marcando a quantia do Sêllo das mesmas licenças. Eis o alvo da vossa profunda Sabedoria, na interpretação da referida Lei; na intelligencia do verdadeiro pensamento dos Legisladores.

Não para Vos instruir do vosso elevado Mister, que intoleravel pertença e arrogancia seria essa, mas para fundamentar a sua supplica—permitti—Senhores! Vos apresente a Sociedade algumas conjecturas e probabilidades, por não dizer evidencias e certezas, sobre o assumpto.

Estavam abolidas as licenças d'abertura de Boticas, e, sem que, de accôrdo com o principio de Direito, inserto no Livro segundo, Titulo quarenta e quatro, da Ordenação do Reino, se revogasse expressamente o Artigo do Decreto que as extinguiu,

appareceu na Tabella Geral dos Sêllos, numero um, juncta á citada Lei, a taxa do Sêllo d'essas banidas licenças. Viu-se o attributo sem a essencia, o modo sem a cousa modificada, o effeito sem a causa, a conclusão sem o meio termo.

; Seria o pensamento de tam liberaes, Sabios e justos Legisladores, pondo de parte aquelle principio, aniquilar, simplesmente por uma Tabella, a mencionada esempção, em epocha na qual ja os Alumnos de Pharmacia a estudavam em Aulas regulares e, de tres annos antes, havia uma Sociedade Pharmaceutica, publicando o seu Jornal com applauso dos Sabios; e era considerada scientifica toda a Classe?

Oh! não, elles não haviam de querer tractar assim com tanto menospreço o Artigo em que essa esempção fôra concedida, as gravissimas razões que o dictaram, a Classe Pharmaceutica e a Saúde Publica, em beneficio das quaes havia sido exarado. Nem, ainda de forma alguma, pertenderiam elles instaurar tam odiosa differença entre a Pharmacia e a Cirurgia, Medicina e outras Faculdades Scientificas.

De nenhum modo intentariam elles mostrar que davam valor a o argumento insignificante ou antes falso e até *contra producentem*, fundado em que o Pharmaceutico tem Botica ou Loja, onde vende os productos da sua industria, quando a despesa que faz na renda correspondente e na do contiguo Laboratorio é uma nova, poderosissima razão, para ser esempto de fazer outra despesa com licença e Sêllo annexo. ; Não seria o local mas a venda que elles teriam em vista no presente objecto? ; Ora, não vendem o Cirurgião, o Medico, o Advogado os productos da sua industria, operações anatomicas, re-

ceitas, conselhos, requerimentos, razões, sem necessidade de licença, em virtude so de suas Cartas e unicamente sujeitos á Decima industrial? Pois Cartas, d'egual modo, tem, pois á Decima industrial, similhantemente, é obrigado o Pharmaceutico. ¿Por que tiram licenças os Droguistas, Tendeiros, Taberneiros, Vendilhões e outros? Parece á Sociedade ser por que não exercem propriamente uma Arte ou Officio, mas um tracto, um commercio. ¿Por que não as tiram os Ourives, Marcineiros, Algibebes, Çapateiros, Barbeiros e outros Artistas a pesar de terem Loja? Também pensa a Sociedade ser por que professam Artes ou Officios rigorosamente dictos, e logo que são reputados habéis para os exercitar, podem fazel-o, onde e quando queiram, sem licença d'abertura.

Nas circumstancias dos ultimos necessariamente veriam tam Sabios Legisladores que estavam, quanto a o caso actual, os Pharmaceuticos: sem differença alguma dos Çirurgiões, Medicos e Advogados: pois uns e outros, guardadas as devidas distincções e categorias, todos vendem os productos da sua industria; não commercial, porém mais ou menos artistica, mais ou menos scientifica.

¿Dado tudo isto e o mais que á perspicacia d'aquellas Côrtes não escaparia sobre a materia, qual foi o motivo por que se fixou a quantia do Sello d'extinctas licenças? Outro julga a Sociedade não ter sido que um lapso, um descuido, uma falta de maior attenção, um esquecimento natural, uma inadvertencia, de que estavam abolidas taes licenças, inadvertencia de nenhum modo censuravel em Legisladores que deviam estar fatigados de tam longa Sessão, de tam numerosos e complicados trabalhos.

Como quer que fosse ella supplica Vos Digneis supprimir a verba do referido Sêllo; e, Pesando tambem, na balança do Raciocinio e da Justiça, os fundamentos das outras suas Representações endereçadas na Sessão de mil oito centos e trinta e nove, Decretar com a maior brevidade possivel, o que ahi vos supplicou, e novamente implora, concernentemente a Aulas Especiaes de Pharmacia — Conselho de Saúde Publica do Reino — Serviço activo da Guarda Nacional — Recrutamento — Organização dos Conselhos do Governo Medico e de Saúde dos Hospitaes Civis, Marinha e Exército — e Tabella dos Preços dos Medicamentos.

Lisboa e Sala das Sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 9 de Fevereiro de 1840.

Gregorio de Sousa Pereira,
Presidente.

José Dionysio Corrêa,
1.^o Secretario.

Antonio de Carvalho,
2.^o Secretario.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Agradecimento dado a os PHARMACEUTICOS PORTUGUEZES, pelo honroso e espontaneo procedimento de enviarem abaixo assignados ás Côrtes; pedindo-lhes a eliminação da verba do Sêllo de licenças d'abertura de Boticas, abolidas pelo Art.º 29.º do Decreto de 3 de Janeiro de 1837: assim como unindo tambem seus votos a os da Sociedade, sobre o que ella solicitou das mesmas Côrtes em Sessão de 1839.

A todos os Pharmaceuticos Portuguezes que, desvelados pelo progresso da Sciencia, pelo bem da Classe, da Patria e Humanidade, unindo seus votos a os da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, requereram ás Côrtes, na ultima Sessão, não só o eliminação da verba do Sêllo de licenças d'abertura de Boticas, lançada na Tabella, n.º 1, da Lei de 7 d'Abril de 1833, mas tambem o favoravel Despacho das Representações endereçadas, pela Sociedade, ás Camaras Legislativas, na Sessão de 1839; rende ella a devida homenagem de louvor e agradecimento, por tam clara e honrosa demonstração d'identidade de sentimentos.

Outro-sim, tem resolvido a Sociedade fazer imprimir, no seu Jornal, os Requerimentos dos Pharmaceuticos de Lisboa e Porto, com os nomes dos Requerentes; bem como, não sendo compativel com os estreitos limites do mesmo a inserção dos outros Requerimentos, publicar n'elle, a o menos, os nomes e residencias dos seus Signatarios: tudo isto, para que possam com estima e gloria ser commemorados, no futuro a que chegar o dicto Jornal, os dignos Pharmaceuticos Lusitanos que, tam espontanea e

briosamente, figuraram em um passo não so extraordinario mas novo, entre os Cidadãos d'esta Classe, em Portugal, desde a Fundação da Monarchia.

Lisboa e Sala das Sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 9 de Fevereiro de 1840.

José Dionysio Corrêa,

1.º Secretario.

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES.

Sessão, n.º 69, de 24 de Setembro de 1837.

(Presidencia do Sr. J. V. Leitão.)

Expediente. Foi presente á Sociedade um Officio do Ex.^{mo} Sr. *Administrador Geral Interino de Lisboa*, communicando que, em Portaria de 24 d'Agosto ultimo, ficara auctorizada para publicar o seu Jornal. — Inteirada.

Egualmente se leu uma Carta do Secretario da *Sociedade Medico-Botanica de Londres*, o Sr. *J. F. Jun*, offertando o seu Almanach-Medico; bem como enviando o Diploma de Membro Correspondente d'aquella Sociedade a o 1.º Secretario, o Sr. *J. D. Corrêa*. — Recebido com especial agrado.

Tambem se deu conta de varios Officios dos Membros Correspondentes, os Srs., *L. A. Corrêa, J. A. Lopes, J. J. Carvalho, M. E. Serpa, J. M. P. Crespo, A. F. Lima* e *D. F. Puente*; de cujo conteúdo ficou a Sociedade inteirada e lhes deu o conveniente destino.

O Sr. 1.º Secretario, *J. D. Corrêa*: — Declarou que a Representação sobre a venda de medicamentos,

feita por individuos não Pharmaceuticos, havia sido enviada, pelo Governo, a o Conselho de Saúde Publica. Tambem participou haver recebido, do Sr. *J. F. Jun*, o seu *Formulario d'Algibeira* para o anno de 1835, assim como da *Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis* o seu *Panorama* n.º 16.º até 21.º inclusive: o que tudo foi recebido com especial agrado.

Ordem do Dia. Os Srs., *Barral* e *J. J. Carvalho*, de Villa-Nova de Gaya: — Enviaram varios trabalhos scientificos.

O Sr. *Moniz*: — Propoz, com urgencia, que a Mesa fosse cumprimentar a Suas Magestades, pelo feliz Nascimento do Herdeiro do Throno Portuguez. — Approvado.

A. Carvalho: — Apresentou uma porção de Agua hydro-sulphurea, que borbulha juncto a Monte-Mor o Novo, para ser analysada. — Remettida a o Sr. 1.º Operador.

Os Srs., *J. D. Corrêa*, *A. Carvalho* e *Oliveira*: — Propozeram tres Candidados para Socios.

O Sr. *Leal Junior*: — Deu conta da analyse dos differentes productos mineralogicos, remettidos pelo nosso Consocio o Ex.^{mo} Sr. *Visconde de Villarinho de S. Romão*; e declarou ser um d'elles a *Thallitha* dos Mineralogicos, sobre a qual tencionava apresentar mais circumstanciados trabalhos.

Procedeu-se á eleição da Commissão de Contas; ficando apurados os Srs., *Azevedo*, *Norberto* e *Loureiro*.

Deu-se segunda leitura a varias propostas e materias scientificas existentes sobre a mesa.

Sessão, n.º 70, de 3 d'Outubro de 1837.

(Presidencia do Sr. J. V. Leitão.)

Expediente. Deu-se o competente destino a varias materias, concernentes á correspondencia, enviadas pelos Membros Correspondentes, os Srs., *F. B. Santos* e *D. F. Puente*.

Foram recebidas, com especial agrado, as ofertas seguintes: Da *Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa*, o seu *Jornal* d'Abril ultimo; da *Propagadora dos Conhecimentos Uteis*, os n.ºs 22.º e 23.º do seu *Panorama*.

Ordem do Dia. O Sr. *F. B. Santos*, do Porto: — Enviou differentes Artigos sobre varias Preparações-Pharmaceuticas, obtidas pelo methodo de deslocação; bem como a descripção e desenho dosapparelhos respectivos.

A. Carvalho: — Propoz que, com urgencia, se annunciassse nos Periodicos, em resposta ás repetidas consultas dos Membros Correspondentes, que os Exames de Pharmacia so deveriam ter logar nas Escho-las Medico-Cirurgicas do Reino; conforme o disposto na Lei de 3 de Janeiro de 1837. — *Approvado.*

O Sr. *Leal Junior:* — Apresentou dous Artigos relativos á Saúde Publica; sendo o 1.º sobre o uso do Chumbo na lavagem das garrafas, e o 2.º sobre a maneira de reconhecer as falsificações do Mercurio precipitado branco. — *Approvados.* (Vide Tomo I, pag. 490 e 502.)

O Sr. *J. D. Corrêa:* — Propoz um Candidato para Socio.

O Sr. *Norberto:* — Apresentou uma porção do

Musgo de que os Inglezes e Irlandezes fazem maior uso na tísica pulmonar, a fim de se analysar.

O Sr. *Azevedo*, como Relator da Commissão de Contas: — Fez o Relatorio dos trabalhos e exame da referida Commissão; concluindo por achar conformes as despesas feitas pelo Conselho Administrativo. — *Approvado.*

O Sr. *J. D. Corrêa*: — Deu conta da Commissão de que a Sociedade o havia encarregado, tendo por objecto obter, da Torre do Tombo, a Collecção de todos os Alvarás, Decretos e demais Leis relativas a os Pharmaceuticos, desde a Fundação da Monarchia Portugueza; declarando haver obtido a primeira serie, desde o Reinado do Sr. D. Affonso V. até a o dos Filippes: e que proseguia na continuação do mesmo objecto. — Mandou-se publicar no Jornal.

Entrou-se na discussão dos novos Estatutos.

Sessão, n.º 71, de 15 d'Outubro de 1837.

(Presidencia do Sr. J. V. Leitão.)

Expediente. O Sr. 1.º Secretario, *J. D. Corrêa*, como Relator da Mesa: — Declarou á Sociedade, a maneira agradavel com que fôra recebida, no dia 9 do presente mez, por Sua Magestade, El-Rei D. FERNANDO; cumprimentando-O pelo Feliz Nascimento do Herdeiro do Throno, dirigindo-Lhe por tam fausto motivo, o Sr. *Presidente*, o seguinte Discurso:

“SENHOR! — Nós vimos á Presença de Vossa Magestade manifestar a distincta parte que a Sociedade Pharmaceutica de Lisboa toma na geral satisfação dos Portuguezes, pelo suspirado, fausto Nascimento assim como pela prospera Saúde d'O Sereniss-

simo Principe, O Senhor D. PEDRO D'ALCANTARA, que, se o Ceo continuar a ouvir benignamente as fervorosas Preces dos Amantes da Patria, Hade, algum dia, no Throno d'*Affonso Henriques*, de *João 1.º*, de *João 4.º*, dar, como Rei Amigo do Povo, novo lustre á CASA DE BRAGANÇA e de SAXE-COBURG-GOTHA.

» Se á esperanza de bens e glorias futuras junta a Nação Portugueza, como novo movel de geral contentamento, o bem e gloria presente de contar a VOSSA Magestade na extensa, brilhante Galeria de Seus Reis; é d'um modo muito especial que a Sociedade participa d'esta gloria e regozijo: pois, ja antes de tão ditoso acontecimento, se gloriava de ter por seu Protector, a par da Excelsa RAINHA, A Augusta Filha d'O Immortal DUQUE DE BRAGANÇA, a VOSSA Magestade.

» Eis, SENHOR! os suaves e puros sentimentos d'estremado jubilo que, a VOSSA Magestade, na mais venturosa das occasiões e em tributo do mais cordial amor, consagra a Sociedade Pharmaceutica de Lisboa. = *José Vicente Leilão*, Presidente. = *José Dionysio Corrêa*, 1.º Secretario. = *Antonio de Carvalho*, 2.º Secretario. »

A Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis remetteu o n.º 24.º do seu Panorama; que foi recebido com especial agrado.

Ordem do Dia. Deram-se segundas leituras a varios trabalhos, apresentados nas Sessões precedentes; os quaes se remetteram ás respectivas Comissões.

Discutiram-se e approvaram-se diversos Artigos, Scientificos, para serem insertos no Jornal.

Foram admittidos, a Membros d'esta Sociedade,

os Srs., *João Foote, Jun.*, de Londres; *Pedro José Pinto*, de Lisboa; *Manuel José Pestana Miranda*, de Cabo-Verde; e *Christovão Maria dos Santos*, de Villa-Viçosa.

Sessão, n.º 72, de 22 d'Outubro de 1837.

(Presidencia do Sr. G. S. Pereira.)

Expediente. Foi presente um Officio da *Camara Municipal de Lisboa*, agradecendo á Sociedade o desvelo que tem tido em tudo de que a seu pedido se tem encarregado. — Inteirada.

O Sr. 1.º Secretario deu parte da triste noticia de haver fallecido o Membro Correspondente, de Monte-Mor o Novo, o Sr. *Possidonio Vicente Vedigal Pinhão*. — Com o maior sentimento recebeu a Sociedade esta communicação.

O mesmo Sr. declarou haver recebido o n.º 25.º do Panorama.

Ordem do Dia. O Sr. *J. D. Corrêa*: — Reque-reu á Sociedade licença para, á sua custa, mandar imprimir no Jornal o Plano de Reforma da Botica do Hospital Nacional e Real de S. José de Lisboa; por elle feito e apresentado á Commissão Administrativa do dicto Hospital. — Approvado. (Vide Tomo I, pag. 364.)

Leram-se e enviaram-se para a Mesa varios Relatorios de Commissões e Pareceres das mesmas sobre diversos objectos.

Foi approvada, para se remetter á *Camara Municipal de Lisboa*, a Analyse-chymica da Agua do Pôço, no Bêcco de Pena-Boquel, juncto a o Chafariz da Praia d'esta Cidade. (Vide Tomo I, pag. 496.)

Egualmente se approvou o Parecer da Commissão de Contas, apresentado em Sessão de 8 do corrente mez.

Continuou-se na discussão especial dos novos Estatutos.

Sessão, n.º 73, de 10 de Novembro de 1837.

(Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.)

Expediente. O 2.º Secretario, *A. Carvalho*: — Deu conta da correspondencia enviada pelos Membros Correspondentes, os Srs., *F. B. Santos, J. J. Jara, C. M. Santos* e *D. Francisco Puente*, á qual se deu o competente destino; assim como declarou haverem-se recebido os n.ºs 26º e 27º do *Panorama*, os n.ºs 3º e 4º dos *Annaes da Sociedade Litteraria Portuense*, 3 folhetos da *Gazzetta Eclettica de Verona*: o que tudo foi recebido com especial agrado.

Ordem do Dia. Discutiram-se e approvaram-se, para entrar no Jornal, diversas Materias Scientificas, apresentadas em anteriores Sessões pelos Socios, os Srs., *J. M. Barral* e *F. B. Santos*, do Porto. (Vide Tomo I, pag. 525, 565, 566 e Tomo II, pag. 172.)

Sessão, n.º 74, de 26 de Novembro de 1837.

(Presidencia do Sr. G. S. Pereira.)

Expediente. Da *Camara Municipal de Lisboa* foi recebido um Officio, em agradecimento da *Analyse-chymica* de uma Agua feita ultimamente por esta Sociedade.

Outro-sim, foram presentes Officios dos Socios, os Srs., *J. M. Barral, F. B. Santos, J. J. Santos, M. J. P. Miranda*, sobre differentes objectos; e ti-

veram o competente destino: assim como o n.º de Maio do Jornal da *Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa*, e os n.ºs 28º, 29º e 30º do *Panorama*; que se receberam com especial agrado.

Ordem do Dia. Os Srs., Norberto, Trigo Ribeiro e J. D. Corrêa, enviaram para a Mesa Propostas de Candidatos para Socios.

O Sr. J. D. Corrêa: — Apresentou um Artigo sobre Nomenclatura-Pharmaceutica de *Chéreau*.

O mesmo Sr. requereu que, na Acta, se fizesse honrosa menção da passagem do Discurso d'Introdução a o Curso de Materia-Medica e de Pharmacia pronunciado, no dia 30 d'Outubro ultimo, pelo Lente da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, o Sr. Dr. *Bernardina Antonio Gomes*; na qual passagem disse, em substancia: *que, melhorando muito os Pharmaceuticos Portuguezes, em possuirem mais estudos e frequencia, pela creação da Aula de Pharmacia annexa ás Escholas Medico-Cirurgicas, em conformidade do Decreto de 29 de Dezembro de 1836, todavia declarava quanto era ainda irregular este ensino; o qual so se levaria á perfeição pela Aula Especial: onde melhor conseguiriam inteira e regular applicação.* — A Sociedade approvou unanimemente este Requerimento.

Foram presentes varios Pareceres de Commissions; e passou-se depois á discussão da reforma dos Estatutos.

Antonio de Carvalho,

2.º Secretario.

Conclusão da Lista dos Funcionarios da Sociedade, que hão de servir no 5.º Anno Litterario e Economico; começada a pag. 302.

5.ª De Historia-Natural.

Pedro Ferreira Norberto..... *Director.*
 Bartholomeu Antonio da Silva..... *Vice-Director.*
 João José Clamopin Durand..... *Vogal.*
 Manuel Ignacio Rosado..... *Substituto.*

6.ª De Direito-Pharmaceutico.

Antonio Cardoso Pereira de Senna Corrêa.. *Director.*
 Estanislau José de Lemos..... *Vice-Director.*
 Antonio Feliciano Alves d'Azevedo..... *Vogal.*
 João Baptista Ribeiro..... *Substituto.*

COMISSÃO DE REDACÇÃO.

José Dionysio Corrêa, *Redactor em Chefe.*
 Francisco Mendes Cardoso Leal Junior.
 José Maria Barral.
 Antonio Ignacio d'Avellar.
 Antonio de Carvalho, *Secretario.*

DELEGADOS E SUB-DELEGADOS DE COMARCA ().*

da Ordem dos Farmacêuticos

Lisboa.

Gregorio de Sousa Pereira..... *Presidente.*
 José Dionysio Corrêa..... *1.º Secretario.*

(*) Em conformidade da Art.º 9.º dos Estatutos, Lisboa, Porto e Dominios Portuguezes são considerados Comarcas.

Para maior abbreviação d'esta Lista se omittin, excepto em Lisboa, a designação dos Cargos de cada um dos Funcionarios de Comarca; sendo os que se acham em primeiro logar, *Delegados*, em segundo, *1.ºs Sub-Delegados*, em terceiro, *2.ºs Sub-Delegados*.

Antonio de Carvalho..... 2.º *Secretario.*

N. B. Na falta d'algum d'estes Membros da Mesa substitue o immediato.

Abrantes.

Antonio da Fonseca Motta..... *Sardoal.*

Antonio Rodrigues Moreira e Santos..... *Abrantes.*

José Ribeiro Guimarães Drack..... *Idem.*

Angôla.

José Martins Pereira e Crespo..... *Loanda.*

Béja.

Francisco Antonio da Silva Lemos..... *Villa de Frades.*

Joaquim Ignacio Sobrinho..... *Alvito.*

Bragança.

Manuel José Rodrigues..... *Rebordello.*

Antonio José Teixeira..... *Bragança.*

Daniel José da Costa Leão..... *Rebordello.*

Cabo-Verde.

Manuel José Pestana Miranda..... *Villa da Praia.*

João (D.) Rûiz..... *Ilha do Fogo.*

Pedro José Pinto..... *Ilha do Sal.*

Castello-Branco.

Antonio Mendes de Mattos..... *Alpedrinha.*

Francisco Antunes de Figueiredo..... *Idem.*

Chaves.

Antonio Luiz Figueira..... *Chaves.*

Coimbra.

José (Dr.) Alexandre de Campos..... *Coimbra.*

Antonio (Dr.) Joaquim Barjona..... *Idem.*

José (Dr.) de Sá Ferreira dos Santos Valle .. *Idem.*

Covilhã.

Manuel Pinheiro..... *Pennamacor.*

Antonio Francisco Duarte..... *Fundão.*

Evora.

Antonio José de Carvalho e Castro..... *Evora.*

Antão José da Rocha	<i>Evora.</i>
João Antonio d'Oliveira e Silva. .	<i>Monte-Mor o Novo.</i>
	<i>Extremóz.</i>
Christovão Maria dos Santos.....	<i>Villa-Viçosa.</i>
João Maria Manaças.....	<i>Extremóz.</i>
Joaquim José da Veiga.....	<i>Idem.</i>
	<i>Faro.</i>
José Verissimo d'Almeida.....	<i>Faro.</i>
José Hygino da Cunha.....	<i>Olhão.</i>
Vicente Baptista Pires.....	<i>Faro.</i>
	<i>Figueira.</i>
Frederico José da Silva Nobresa.....	<i>Quiaios.</i>
	<i>Ilha da Madeira.</i>
Nicandro Joaquim d'Azevedo.....	<i>Funchal.</i>
Joaquim Rodrigues Bello.....	<i>Idem.</i>
Francisco Xavier de Sousa.....	<i>Idem.</i>
	<i>Ilha de S. Miguel.</i>
Julio Mancio de Faria.....	<i>Ponta-Delegada.</i>
Antonio Xavier Corrêa de Miranda.....	<i>Idem.</i>
Jacintho Luiz Meyrelles.....	<i>Idem.</i>
	<i>Ilha Terceira.</i>
Lourenço Antonio Corrêa.....	<i>Angra do Heroísmo.</i>
Martiniano Evaristo Serpa.....	<i>Idem.</i>
	<i>Lamego.</i>
José d'Amaral Castel-Branco.....	<i>Lamego.</i>
José Antonio d'Araujo.....	<i>Idem.</i>
Sebastião Ferreira Torres.....	<i>Idem.</i>
	<i>Leiria.</i>
Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque.....	<i>Leiria.</i>
J. ^e M. ^a Rebocho Fialho de Mend. ^{ca} .	<i>Caldas da Rainha.</i>
José Antonio Lopes.....	<i>Idem.</i>
	<i>Macão.</i>
João José dos Santos.....	<i>Macão.</i>

*Maia.*José Antonio d'Oliveira..... *Villa do Conde.**Miranda.*Francisco Bernardo Pimentel..... *Agrochão.*Sebastião José Esteves..... *Cortigos.*Bento Pires Esteves..... *Idem.**Moncorvo.*José Antonio Silverio Rodrigues Cardoso. *Mirandella.*Luiz Bernardo Pinheiro..... *Moncorvo.*João Manuel Ribeiro d'Abreu..... *Mougadouro.**Ourique.*Antonio Joaquim Moreira..... *Ferreira.**Porto.*Francisco Bernardo dos Santos..... *Porto.*Eusebio Pimentel Tavares..... *Idem.*Luiz Vicente Fortuna..... *Mathosinhos.**Porto-Alegre.*Joaquim Daniel Lopes..... *Porto-Alegre.*Francisco José Wenceslau Franco..... *Gavião.*Luiz José da Rosa Limpo..... *Porto-Alegre.**Santarém.*Antonio Joaquim Moreno..... *Santarém.*Jeronymo Honorato d'Oliveira Franco.... *Vallada.*Joaquim Miguel dos Santos..... *Grandola.**Setúbal.*Francisco Antonio da Silva Grenho... *Alcacer do Sal.*José Maria Campos..... *Melides.*Antonio José Gama..... *Alcacer do Sal.**Torres-Vedras.*Francisco Tavares de Medeiros..... *Torres-Vedras.*Luiz Albertino Gomes..... *Rebaldeira.*Crespim José dos Santos..... *Trocifal.**Villa-Franca de Xira.*Augusto Cesar Pereira..... *Villa-Franca de Xira.*

Francisco José Rodrigues. *Arruda dos Vinhos.*
Villa-Real.

Francisco Antonio Pereira Vaz *Ariz.*

João Vicente Teixeira da Cunha. *Mezão-Frio.*

José Ribeiro Carneiro. *Murça.*

Está conforme. Lisboa e Secretária da Sociedade
 de Pharmaceutica Lusitana, em 28 de Julho de 1839.

José Dionysio Corrêa,

1.º Secretario.

DIVERSIDADES.

Exposição feita pelos Pharmaceuticos residentes no
Porto, os

SRS., BERNARDO D'OLIVEIRA RAMOS E
FRANCISCO BERNARDO DOS SANTOS.

Vendo menos attendida e d'alguma maneira atacada a Profissão que exercemos e sobre modo prezamos, é nobre orgulho empregar todos os meios legitimos que estejam a o nosso alcance, para desaggravar-a. Que doces commoções sentimos quando, cheios de vida, por ella nos interessamos!

A verba do Sello de licenças d'abertura de boticas, marcada na Tabolla, n.º 1, que faz parte da Lei de 7 d'Abril de 1838, deu ultimamente occasião a que a Sociedade Pharmaceutica Lusitana, sempre solicita e desvelada pelo bem de toda a Classe, representasse a o Governo de Sua Magestade, A RAINHA, em 13 d'Outubro do anno proximo-pasado, contra uma imposição que não devia ter logar

depois d'abolidas, pelo Decreto de 3 de Janeiro de 1837, as dictas licenças.

Teve a Sociedade e, com ella, todos os Pharmaceuticos do Reino a fortuna de que, por Sua Magestade, fosse attendida a sua justa Representação; pois, em Portaria do Ministerio do Reino, de 6 de Dezembro ultimo, Ordenou que as *Camaras Municipaes se abstenham de compellir os Pharmaceuticos a impetrarem licenças para o estabelecimento de Boticas, até que este objecto seja resolvido pelo Corpo Legislativo, a o qual ha de ser presente por importar interpretação de Lei.*

Em consequencia resolveu a mesma Sociedade representar ás Côrtes, na immediata Sessão, ácerca d'este objecto, pedindo junctamente varias medidas que o haviam sido de antecedentes Representações; do que sendo scientes os Pharmaceuticos da Cidade e Concelho do Porto, bem como constando-lhes que no mesmo sentido intentavam seus Collegas de Lisboa endereçar uma Representação ás Camaras Legislativas, não deviam nem podim elles ficar indifferentes, apathicos, a o ver tam nobre intento.

Deliberaram pois coadjuvar seus Collegas da Capital, representando sobre os mesmos assumptos de commum interesse para os Pharmaceuticos Portuguezes.

Oxalá que todos elles, animados pelo amor da Sciencia, Profissão e Classe, façam outro tanto; pois assim muito podem contribuir para se obterem as garantias de que a Pharmacia Portuguesa tanto precisa e que lhe são devidas.

Porto, em 21 de Janeiro de 1840.

Copia dos Requerimentos dos Pharmaceuticos de Lisboa e Porto, endereçados ás Côrtes GERAES DA NAÇÃO PORTUGUEZA, na Sessão de 1840; nomes e residencias dos Pharmaceuticos de outras Terras do Reino que, reunidos em seus respectivos Concelhos, requereram ás Côrtes no mesmo sentido.

De Lisboa ().*

SENHORES!

Os abaixo assignados, Pharmaceuticos de Lisboa e Termo, havendo lido attentamente as Copias impressas de varias Representações a Vós endereçadas na Sessão do anno proximo preterito, e a de uma dirigida a o Governo em treze d'Outubro ultimo, pela Sociedade Pharmaceutica Lusitana, tam firmes acham seus fundamentos, que não podem deixar d'unir suas supplicas ás que sobre a materia d'ellas, como lhes consta, resolveu fazer-Vos, na presente Sessão, a mesma Sociedade.

Quanto ás primeiras, como estão em diversas Casas de Vossas Commissões, reportando-se á sua integra, não farão elles mais do que indicar-Vos, em geral, seus assumptos e pedir-Vos o mais prompto Deferimento. Porem a ultima cumpre-lhes historial-a e substanciar-lhe os motivos.

A despeito do Artigo vinte e nove do Decreto de tres de Janeiro de mil oito centos e trinta e sete, que eximiu os Pharmaceuticos de tirarem licença pa-

(*) Não chegou a effectuar-se a entrega d'este Requerimento, por que, na occasião em que ia a ser apresentado, foram dissolvidas as Côrtes. Elle se acha em poder do nosso respeitavel Collega, o Sr. Antonio Feliciano Alves d'Azevedo, para ser entregue em tempo opportuno. (Os Redactores.)

ra pôr botica, apresenta o numero um da Tabella Geral dos Sêllos, annexa á Lei de sete d'Abril de mil oito centos e trinta e oito, o impôsto do Sêllo de licenças d'abertura de Boticas!!!

O Governo, tendo mandado informar o Procurador Geral da Corôa e conformando-se com o seu parecer, declarou, em Portaria de vinte e sete de Setembro ultimo, que devia aquella esempção considerar-se revogada por esta Lei, a qual, fixando a quantia do Sêllo das dictas licenças, *reconhecera assim a sua existencia*; por conseguinte expediu as Ordens concernentes a tornar effectivas as mesmas licenças e impôsto: mas, depois, attendendo a o que lhe representou a Sociedade Pharmaceutica, em treze d'Outubro ultimo, determinou, em Portaria de seis de Dezembro proximo-preterito, se suspendesse todo o procedimento das Auctoridades, a tal respeito, até que as Côrtes interpretassem a Lei.

Senhores! as mesmas razões allegadas pela Sociedade, em virtude das quaes assim procedeu o Governo, devem militar para que Vós, Dignando-Vos tambem havel-as por boas, Elimineis da referida Tabella a verba do dicto Sêllo.

! E, com effeito, abolidas as mencionadas licenças, como pôde ter logar a taxa de um Sêllo as mesmas correspondente? ! Como existiu o adjuncto sem o subjeito, o consequente sem o antecedente? ! Não é razoavel attribuir este phenomeno legislativo a uma falsa hypothese, proveniente de menos cuidado ou de natural esquecimento humano?

Longe, todavia, mui longe dos Supplicantes pertenderem, nem indirectissimamente, censurar os Legisladores.

*Nas Obras quando brilham muitas cousas,
 Reparar não se deve em poucas faltas,
 As quizes incuria fez se commettessem,
 Ou mal pôde evitar natura humana.*

Além disto, Senhores! em tam dilatada Sessão fôra d'estrnbar que, mormente para o fim, houvesse n'elles menos energica attenção, e exame, ácerca de uma ou outra cousa?

Permitte alguns descuidos, Obra longa.

Descuido, provavel ou antes certo, foi, porque, aliás, como não se veria no contexto da referida Lei uma clausula especial, revogando o dicto Artigo do citado Decreto segundo o principio de Direito, inserto nas Ordenações, Livro 2.º, Titulo 44?

Intenderiam tam liberaes e sabias Côrtes anular, por uma Tabella, sem mais deferencia á Classe Pharmaceutica e á Saúde Publica, essa esempção concedida em utilidade de ambas?

Renovariam tam odiandas licenças, no anno de mil oito centos e trinta e oito, em que ja os Alumnos de Pharmacia estudavam esta Sciencia em Aulas regulares, ja uma Sociedade Pharmacologica, existente de tres annos antes, publicava o seu Jornal com elogio dos Sabios, ja os Pharmaceuticos eram considerados como constituindo uma Classe Scientifica?

Restabeleceriam, em menoscabo do mesmo Artigo e das justas razões que o dictaram, a injustissima desharmonia entre o dispôsto a respeito da Pharmacia e o legislado ácerca da Cirurgia, Medicina e outras Faculdades Scientificas?

Valer-se-hiam, para isso, da circumstancia de que, em Loja, em Botica, vendem os Pharmaceuticos os productos de sua industria; sem se lembrarem de que essa circumstancia, essa Loja, essa Botica seria um argumento *contra producentem*, como acarretando a os mesmos uma despesa que não fazem os Cirurgiões, Medicos e Advogados, para venderem os productos da sua?

Não vendem estes productos, isto é, operações anatomicas os primeiros, receitas os primeiros e segundos, conselhos, requerimentos, arrazoados os terceiros, so munidos de suas Cartas e somente pagando a decima industrial?

E não teem Cartas e não pagam a decima industrial os Pharmaceuticos?

Pertenderiam, em fim, as mesmas Côrtes, por uma revogação tam estupenda, collocar de novo os Pharmaceuticos Lusitanos (*absit verbo invidia*) a par com os Droguistas, Tendeiros, Taberneiros, Vendilhões ambulantes, que tiram licença para podêrem exercer o seu tracto, e ainda áquem dos Ourives, Marcineiros, Algibebes, Çapateiros, Barbeiros, que não as tiram, para usarem de seus Offícios?

A Vós, pois, Liberaes, Sabios, Justos Legisladores! supplicam os Recorrentes que, Havendo por bem Attender ás expendidas razões e ainda, quando seja necessario, do que duvidam, a outras que possa, por ventura, suggerir-Vos o Vosso Liberalismo, Sabedoria e Justiça — Torneis irrita e de nenhum effeito a verba do Sêllo de licenças d'abertura de Boticas, ficando em seu pleno vigor o Artigo, do citado Decreto, que baniu essas licenças; e, outro-sim, Defirais, com a brevidade possivel, a o que — sobre Aulas Especiaes de Pharmacia — Conselho de Saú-

de Publica do Reino — Serviço activo da Guarda Nacional — Recrutamento — Organização dos Conselhos do Governo Medico Geral dos Hospitaes Civis — Graduação dos Primeiros Pharmaceuticos dos Hospitaes da Marinha e do Exercito e Organização dos Conselhos de Saúde dos mesmos Hospitaes — Tabella dos Preços dos Medicamentos — com tanta razão e justiça, como parece, ja na ultima Sessão de Côrtes, Vos supplicou a Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

E. R. M.^{ce}

(Assignados) Antonio Feliciano Alves d'Azevedo — Antonio José de Sousa — Manuel Ignacio Rosado — F. J. Jaques — Bartholomeu Antonio da Silva — Carlos Maria Monteiro Freire — Felisberto do Espirito Santo Trigo Ribeiro — José Dionysio Corrêa — Antonio Joaquim Raymundo Bessa — Luiz Francisco Paulo d'Araujo — José Lopes Tavares — Francisco Silvestre do Rego — Gregorio de Sousa Pereira — Antonio de Carvalho — Francisco Antonio de Carvalho e Abreu — Antonio José Gama — Francisco da Costa Soares — José Antonio da Rocha — Joaquim José da Costa — Joaquim Maria Peralva — Bernardo d'Almeida Ferreira — Joaquim José Fariña — Guilherme Cannon Morley — José Tedeschi — Antonio José Freire d'Andrade — Joaquim Maria da Paz Figueirôa — Antonio Cardoso Pereira de Sena Corrêa — Joaquim José Rodrigues — Lourenço José Peres — Francisco Fortunato d'Assis — Pedro Ferreira Norberto — Anselmo Gregorio da Veiga — João Evangelista Guerreiro — Manuel Teixeira Malheiro de Figueiredo — Joaquim Antonio Torres — Francisco Silvestre de Macedo Batalha — Bernardo Antonio Cordeiro — Silvestre dos Santos Ferreira — José Maria Barral — Antonio Joaquim Labate — João Fra-

goso — Narciso José Gomes do Souto — Antonio José Moniz — José Maria d'Andrade — José Pedro Henriques Barbosa — José Mendes d'Assumpção — Bernardo José dos Reis — Carlos Gomes Barreto — Carlos das Dores Lourenço — Manuel Pereira d'Andrade — Manuel de Sant'Anna da Cunha Castel-Branco — Antonio Joaquim da Costa Monteiro — Manuel Rodrigues d'Almeida Rino — Gabriel Gonçalves d'Almeida Rino — Eduardo Roberto Pereira d'Andrade — Antonio José Nogueira — Vicente Moreira Marques — Estanislau José de Lemos — José Lucio Monteiro — Jordão José Fragoso — Anacleto Antonio Rodrigues d'Oliveira — Manuel Cesario Pinto — Antonio Ignacio d'Avellar — Guilherme Antonio Peres — José Agostinho de Carvalho Junior — João Baptista Ribeiro — João Francisco Maceira — Antonio Feliciano Lopes — Luiz Pereira de Mello — Henrique José de Carvalho e Castro — José Simões de Carvalho — Antonio José Condeixa — Domingos Caetano de Figueiredo — Antonio Maria de Sousa — João da Penha Coutinho — Joaquim Baptista de Sequeira — Antonio Joaquim dos Reis — José Guedes Mariz — Thomas d'Aquino e Sousa — João Maria Fidellis — Manuel Antonio Rosa — Philippe Manuel Pereira de Figueiredo — Bernardo Ribeiro da Silva Henriques — Francisco Martins Coelho — João José d'Oliveira Paes — Cypriano Joaquim de Sousa e Silva — Antonio Joaquim Pinto — Francisco José Rodrigues Loureiro — João Dias de Freitas — Calisto Gaudencio Feio — Domingos Dias dos Santos — Francisco Luiz Mendes d'Amorim — José Felix Ferreira — Joaquim José de Figueiredo — Antonio Faustino d'Araujo — Ignacio Joaquim Rodrigues — José Vicente Leitão — José Nunes Ribeiro de Novaes — José da Cunha e

Oliveira — João Chrisostomo da Fonseca Souto —
 João José Clamopin Durand — José Joaquim Moreira
 Marques — Antonio Dias Xavier Gomes — Antonio
 Sergio da Paz Figueirôa — Luiz Ramos de Car-
 valho — Theodoro Guilherme Robert — Manuel José
 Rodrigues Barreiro — Antonio Joaquim de Sousa e
 Silva — Philippe José Grilo — José Maria de Carva-
 lho e Silva — João José Rebello — João Antonio
 Alves — Alvaro Pimentel Teixeira — Joaquim Theo-
 doro Segurado — Antonio José Soares — Joaquim
 José Roquete — Theodoro da Silva Brazão — An-
 dré da Lança Bayão — Joaquim Nunes Barbosa —
 Ignacio José Franco — Antonio Crespim Pinto d'Al-
 meida — Manuel José Guedes da Horta e Silva —
 Vicente Antonio Quirino Chaves — José Joaquim
 de Gouvêa — José Plácido Lobo — Antonio Manuel
 Ferrão — José Joaquim d'Oliveira — José Ferreira da
 Silva,

Do Porto.

SENHORES!

Os Pharmaceuticos, abaixo assignados, residen-
 tes na Cidade do Porto e seu Concelho, vem respeito-
 samente perante esta Augusta Assembléa pedir a eli-
 minação da verba do Sello lançada na Tabella, n.º 1,
 que faz parte da Carta de Lei de 7 d'Abril de 1838,
 debaixo do titulo Licenças de Botica.

Este tributo, Senhores! nada menos importa que
 um duplicado, pois que o Diploma que habilita o
 Pharmaceutico a exercer a sua Profissão, já tem pa-
 go a taxa respectiva d'este impôsto, e não ha, na Ta-
 bella referida, exemplo igual de taes duplicidades!
 E, não se podendo suppor que isto alli cahisse da
 penna sem reflexão, então bem podia considerar-se
 com proposito offensivo; o que não se compadece

com o actual Governo, a quem a Pharmacia Portugueza ja deve protecção, á sombra do qual floresce a Sociedade Pharmaceutica Lusitana, espargindo suas luzes a seus Collegas a bem da Humanidade, cujos serviços ja são conhecidos e applaudidos em Nações Estrangeiras, que outr'ora nos olhavam com indifference, do que não pouca gloria cabe a o Governo: porque sem a protecção d'este as Sciencias e Artes não florescem.

Mas se ninguem duvida, que se o Governo de qualquer Nação deve a seus subditos protecção, tambem é inegavel que esta deve ter gradações na proporção da necessidade da existencia dos estabelecimentos.

A Pharmacia não é especulação dedicada propriamente a o interesse particular, tem fins d'utilidade geral, de que não pode prescindir-se; é d'absoluta necessidade a sua existencia, é forçoso dar-lhe a devida consideração. Foram extinctos os Tribunaes do Proto-Medicato e Physicatura-Mor do Reino, por se reconhecer que eram inuteis a os fins para que foram creados; e compare-se hoje o quadro que apresenta a Pharmacia Portugueza, com o que era no tempo d'essa escravidão, reconhecer-se-ha de quanto é susceptivel, se a inveja não tornar mais a impedi-la.

Os Pharmaceuticos, Senhores! não pertencem por isto absoluta esempção de tributos, são filhos da Patria, concorrem á sua subsistencia com as demais Classes; mas, no presente caso, foram aggravados, porque as Licenças d'abertura de Loja é objecto de Policia Municipal, a que os Pharmaceuticos nunca foram sujeitos; e muito indecoroso seria que isto hoje se verificasse, pondo uma Sciencia a o nivel dos

traficós sem regras, quando o primeiro degrau para as Sciencias, que são as Aulas d'Ensino Primario, não depende mais do que da vontade d'ensinar, encontrando quem lhes pague para apprender.

Basta, Senhores! nem tanto era necessario demonstrar a Justiça do que pedimos perante um Congresso tão illustrado, e dedicado a empregar suas luzes a fazer a felicidade de que é digna esta Nação, que em Seculos menos illustrados ja foi celebre entre as demais.

É portanto tal nossa convicção que não duvidamos do resultado, não so do que agora pedimos, como tambem esperamos com firmeza ver n'esta Sessão attendidas as Representações que sobre varios objectos, interessantes a o bem publico, a Sociedade Pharmaceutica Lusitana dirigiu a esta Camara, na Sessão do anno findo; pois a os nossos Collegas e Representantes unimos nossos votos, pela prosperidade da Pharmacia Portugueza, tanto quanto exige o bem da Humanidade: e, porque, o que nas precitadas Representações se pede, é de Justiça, não repetimos a materia n'ellas subejamente allegada.

Quem julgará, sem ser injusto, que um Pharmaceutico não deve ser esempto do Recrutamento, quando o é um simples cavador assalariado na Lavoura? De qual dos dous será mais facil a substituição? Nos perigos da Patria, seus filhos são todos soldados; no estado ordinario, é violencia distrahir das Profissões uteis os Cidadãos, nem isto é hoje providencia nova: é por esta mesma razão que pedimos tambem a esempção do serviço activo da Guarda Nacional.

Pedimos Escolas Especiaes de Pharmacia, porque sem ellas não gozamos a independencia que nos

pertence, sem ellas esta Profissão não é Sciencia nem Arte, é um accessorio; quando, de facto, entre os tres ramos da Arte de Curar, a Pharmacia é o mais distincto: porque a Medicina e Cirurgia podem exercer-se cumulativamente, a Pharmacia não.

Queremos taxados os preços ás preparações, para utilidade publica e credito da Profissão.

Finalmente, Senhores! não se pode prescindir das medidas Legislativas requisitadas, se, sinceramente, se não quer negar á Pharmacia a cathegoria que lhe pertence; pois que, dos tres ramos da Arte de Curar, é a Pharmacia de quem se pode dizer que põe o remate: e por isso o Erudito *Bañares*, fallando da sua utilidade, disse: *Pharmaceuticus manus dextra Medicis.*

Tudo quanto os abaixo assignados deixam ponderado, e que submettem á Vossa decisão, o julgam de Justiça, d'interesse publico e a bem da Humanidade: firmes n'esta convicção ficam certos que serão attendidos.

E. R. M.^{cs}

(Assignados) Luiz José da Rocha e Silva — Antonio José Teixeira de Lemos — Eusebio Pimentel Tavares — Antonio de Sousa Dias — Ambrosio Faustino Andrade — José Ribeiro de Carvalho Reis — Bernardo José Ferreira de Sousa — João Rodrigues Pereira Peixoto — Sebastião José Ferreira — Antonio Joaquim Fernandes de Carvalho — Bernardo d'Oliveira Ramos — Francisco José d'Oliveira e Azevedo — Antonio Bernardo da Silva — Serafim José Ferreira — Manuel d'Almeida Cardoso — Joaquim da Costa Neves — Joaquim Pereira Baptista Moutinho — Januario Ribeiro Carneiro — Clemente José Gonçalves — Antonio Rodrigo de Sousa e Silva — João José de Sousa Magalhães — Francisco Dias Ferreira

— Antonio José Pimenta — Antonio Francisco de Lima — Jeronymo Luiz da Rocha — João dos Santos Paes — Antonio Neves de Castro — João Rodrigues Vianna — João Evangelista Pinto Costa — Francisco da Silva Monteiro e Castro — Roberto José Vieira da Costa — Antonio Joaquim d'Araujo — Justino da Silva Tavares Vouga — José Baptista Pereira — Francisco José da Silva — José Joaquim Brochado Caldas — Francisco Bernardo dos Santos — Antonio José Barbosa — Manuel José da Silva Rosa — Joaquim Monteiro Laranjeira — Antonio Ferreira Neto — José Ferreira de Mendonça.

Abrantes. — Manuel Ignacio da Silva — José Ribeiro Guimarães Drack — Benevenuto Zeferino Serpa Pacheco — Caetano João d'Almeida e Silva — Manuel Vicente de Jesus — Antonio Rodrigues Moreira e Santos.

Agrochão. — Francisco Bernardo Pimentel.

Albufeira. — Bernardo José Damaso.

Alcacer do Sal. — Francisco Antonio da Silva Grenho — João Baptista Bottas — José Joaquim da Lança — Joaquim José da Silva.

Alcaçovas. — José Eloy da Silva Belford — Manuel Claudio d'Assumpção — Francisco Jeronymo de Carvalho.

Aldreu. — José Antonio da Costa.

Alenquer. — Domingos José Affonso Pinto Pereira — José Maria da Fonseca — Abilio Nunes Guardado.

Alhadas. — José Carolino da Cunha — José Joaquim de Barros.

Aljustrel. — Antonio Joaquim Godinho de Barahona.

Alpalhão. — João Antonio de Lima.

Alpedrinha. — Antonio Mendes de Mattos — Francisco Antunes de Figueiredo — Raphael Mendes da Silva.

Alvito. — José Maria Lobo Coelho — Fernando Antonio Gomes — Joaquim Ignacio Sobrinho.

Arraiellos. — Antonio Varella da Silva Ramalho — Antonio Rosado da Fonseca Silveiro — Joaquim Carlos.

Avintes. — João José da Costa Tajardo.

Barcellinhos. — João José de Sousa Ramos — Joaquim Antonio de Figueiredo.

Barcellos. — João José Gomes Duarte — Francisco Ferros Ponse de Leão — Estevão Bernardino da Silva Lemos.

Barqueiros. — José Antonio Gajo.

Bêja. — Joaquim Pedro Duarte — Sabino José da Silva Velloso — Antonio de Sousa Segurado — João Bernardo Dias Pinto — Antonio Emygdio da Silva — João José Corrêa Mendes.

Bobadella. — Bento José Esteves.

Borba. — Miguel Joaquim Teixeira — Francisco Freire da Fonseca — José Victor Caldeira Furtado — Antonio Joaquim Rosado e Silva.

Bouças. — João Antonio de Castro Rodrigues.

Braga. — Constantino José Velloso — Pedro Manuel d'Araujo — Antonio José da Costa — Luiz Antonio da Silva Azevedo — José Maria de Moraes Pacheco — Domingos José Rodrigues Moreira — João Luiz Pipa — José Joaquim Rodrigues — Bernardo Antonio de Carvalho — Joaquim José Dias — José Maria Alvares — Manuel José Pereira de Faria Gajo — Manuel Antonio Pereira.

Bragança. — José Manuel de Castro — Francisco Manuel da Cunha — Manuel Antonio Gomes d'Al-

mendra — Antonio José Teixeira — Francisco Eugénio da Silva Barros.

Cadaval. — Joaquim da Silva Leite — João José Carreira dos Santos.

Caldas da Rainha. — José Maria Rebocho Fialho de Mendonça — José Antonio Lopes.

Carrasido de Monte-Negro. — José Bernardo Pinto de Saraiva.

Carvalhos. — Joaquim Antonio Ferreira.

Castello Branco. — José Ignacio Roballo — Pedro José do Nascimento — João Marques Leite — Agostinho José Fereireiro — João José Roballo.

Castro-Marim. — Jeronymo Vicente Palma.

Chaves. — Antonio Luiz Figueira — João José de Sousa — João Antonio Coelho Junior — Francisco José da Silva — Miguel João da Silva — Joaquim da Fonseca Smith — Marcellino Antonio Teixeira Cardoso — Joaquim Antonio Pereira.

Collares. — Joaquim José Rodrigues Vieira.

Coruche. — João Chrisostomo d'Almeida — João Teixeira Soares — Bernabé da Gama Soares — João Vicente da Silva Fragozo.

Corveiros. — Quintino Emilio Pereira de Castro.

Covilhã. — Luiz José Cardona — Francisco José Cardoso — Antonio Baptista Leitão — Fermínio Tavares da Cunha.

Crato. — José Francisco — Antonio Palma.

Donã Chama. — Estevão Alves Nogueira.

Evora. — Antonio José de Carvalho e Castro — Antão José da Rocha — Joaquim Apparicio da Gama — João Fragozo da Gama — Manuel do Nascimento Ripado — Francisco de Paula Macedo.

Extremoz. — Raymundo José Corrêa — Manuel Vicente Durão — Luciano de Jesus Mendes — João

Hillario Affonso — João Carlos da Silva — Julio Maria Manaças — João Maria Manaças — Joaquim José da Veiga.

Faro. — José Verissimo d'Almeida — Vicente Baptista Pires.

Felgar. — Francisco Antonio Valente.

Ferreira. — Antonio Joaquim Moreira.

Figueiró. — Antonio José Teixeira.

Fundão. — Antonio Francisco Duarte — Gonçalo José Fernandes.

Gaffete. — Joaquim Antonio Pinto.

Gollegã. — Antonio de Abreu Figueiredo Vasconcellos e Sousa — José Maria do Rego — João Maria Xavier Lotra — João Candido Neves.

Idanha a Nova. — Antonio Gomes Roberto.

Ilha da Madeira. — Francisco Xavier de Sousa — Antonio Quirino de Sousa — Joaquim Rodrigues Bello — Mauricio d'Andrade — Manuel d'Ornellas — Antonio Machado Cotta — M.^l J.^o de Freitas — Nicandro Joaq.^m d'Azevedo — Joaq.^m Ant.^o Dias Junior.

Izeda. — Antonio José Ferreira de Podence.

Lamalonga. — Domingos Antonio Pires.

Lamego. — José d'Amaral Castel-Branco — José Antonio d'Araujo — Sebastião Ferreira Torres — Antonio Corrêa Pinto de Figueiredo — Antonio José da Costa — Florencio Antonio Teixeira — Francisco Pinto Sousa de Carvalho — Francisco José da Costa — José do Carmo e Figueiredo.

Lavre. — José Maria dos Santos.

Loivos. — Antonio Luiz d'Aguiar.

Loulé. — João José Jara — Carlos André Pinto — Fernando José de Freitas.

Matorca. — Francisco Rodrigues da Silva — Adriano Rodrigues da Silva.

Mancéllos. — Fran.^{co} de Macedo Ferraz e Sousa.

Martim. — José Moutinho de Carvalho.

Mertola. — Francisco Lampreia Neves.

Minhotães. — Francisco Manuel d'Araujo.

Mirandella. — José Antonio Silverio Rodrigues
Cardoso — José Antonio Nunes d'Andrade — Antonio Silverio Rodrigues.

Mogadouro. — João Manuel Ribeiro d'Abreu.

Moncorvo. — Luiz Bernardo Pinheiro — Francisco Antonio de Campos.

Monsanto. — Thomás Joaquim de Novaes.

Monte-Mor o Novo. — Jeronymo de Belém Silveiro — Francisco Miguel dos Santos Mendes — José Mendes dos Santos — Gonçalo Monteiro Ferraz — Miguel Jacintho Abrantes — João Antonio d'Oliveira e Silva.

Moura. — Francisco de Paula Pacheco — Manuel Rodrigues d'Oliveira — Manuel Francisco d'Oliveira.

Niza. — Gregorio Ferreira Diniz S. Paio — Miguel Pedro Godinho.

Olhão. — José Hygino da Cunha — Manuel Lopes Mendes.

Pennamacor. — Manuel Pinheiro.

Pêso da Regua. — Francisco Antonio Pereira Vaz — Manuel do Carmo Vieira — Antonio Ribeiro Lopes de Carvalho — Joaquim Antonio da Silva Pereira — Luiz José d'Araujo — Anastacio Ribeiro da Silva.

Proença a Velha. — Manuel Gonçalves Coelho.

Quiaios. — Frederico José da Silva Nobresa — Severiano José de Faria.

Rodondo. — Izidoro José d'Almeida — José Vicente Pitta.

Santarém. — Marcellino Antonio de Senna e Azevedo — Francisco José da Fonseca — José Mendes da Costa Pedrosa — João Maria d'Oliveira — Ayres da Silva Coelho — Antonio Gonçalves d'Almeida Rino — João Antonio Soeiro — Manuel Luiz da Silva Saturnino — Francisco Ignacio Xavier Salgado — Francisco Antonio Cardoso — Manuel da Costa Mattias — Antonio Joaquim Moreno.

Santo Ovidio. — Antonio de Sousa Mello Bandeira — Manuel José Pinto Barbosa.

St. Miguel de Machede. — Miguel Lopes Salvado.

Sardoa. — Agostinho Francisco Moreira Cardoso — Francisco Martins d'Oliveira — Antonio da Fonseca Motta Junior — Antonio da Fonseca Motta Senior.

Sequidade. — Bernardo José da Costa e Sá.

Serpa. — Francisco Antonio de Goes — Bernardino José dos Santos — José Pedro de Carvalho.

Silvares. — José Cardoso d'Oliveira.

Silves. — João Francisco d'Azevedo.

Subrah do Prithão. — Miguel dos Santos Ferreira.

Tavira. — José Fernandes da Fuzeta — João Martins da Graça Maldonado — Miguel José Antunes — João Antonio da Cruz Bayão — Antonio Luiz Serpa.

Torrão. — Antonio Joaquim dos Santos — José Luiz de Menezes.

Urrós. — João Bernardo Monteiro.

Val de Salgueiro. — Francisco José da Gama.

Vedigueira. — Joaquim Antonio da Rosa Figueira — Sebastião José Dias Pinto — Antonio Liborio dos Santos.

Viana d'Além-Tago. — José dos Reis — João Silvestre de Macedo Batalha.

Villa de Frades. — José Joaquim de Carvalho — Francisco Antonio da Silva Lemos.

Villa-Flor. — Francisco Antonio Pinto de Moraes.

Villa Meda. — Antonio Coelho de Magalhães Queiroz.

Villa-Nova. — José da Silva Reis.

Villa-Nova de Gaya. — José Joaquim de Carvalho — João Baptista d'Araujo — José Corrêa de Mattos — Francisco José de Macedo.

Villa-Pouca d'Aguiar. — José Antonio Machado Pinto — Antonio de Medeiros — José Pinto de Meirelles — Leonardo Manuel de Sousa Magalhães.

Villa-Verde. — André Luiz da Cunha.

Villa-Vigosa. — Alberto José da Veiga — Antonio José da Veiga — Christovão Maria dos Santos.

Villarandello. — João Teixeira Martins Ferro.

Villarelho. — Rodrigo José Calvão Sanches.

Vimiciro. — Francisco dos Santos Ribeiro de Couto — Antonio Coelho de Brito.

(Continuar-se-ha.)

Passagem do Relatorio que seria util pôr em frente de um Decreto que organisasse a Saúde Publica em Portugal, e sobre as modificações que exige o Regulamento que acompanha o Decreto de 3 de Janeiro de 1837, feito pelo Sr. Dr. FRANCISCO IGNACIO DOS SANTOS CRUZ, e inserta na Primeira Parte do Tomo 3.º dos Annaes do Conselho de Saúde Publica do Reino, a pag. 98.

.....
 « Os boticarios habilitados legalmente, não precisam de licença para estabelecerem suas boticas, diz

» o referido regulamento, e muito bem em nosso en-
» tender: mas não se supponha, que esta illimitada li-
» berdade os dispensa da mais exacta fiscalisação, e
» de toda a parte policial, que lhes he inherente; e que
» não está toda bem fixada e expressa em nossa legis-
» lação actualmente em vigor; parte desta, que de hum
» modo útil já existia, foi perigosamente abolida. As
» boticas devem ser competentemente visitadas todos
» os annos ou de dous em dous annos para se conhe-
» cer necessariamente, se esses boticarios estão, com-
» petentemente habilitados com suas cartas; se elles
» dão remedios sem receita de facultativos habilitados,
» se existem em bom estado os medicamentos, e mais
» cousas, a que devem estar sujeitos, como tambem
» os droguistas, que invadem frequentemente a profis-
» são do Pharmaceutico, vendendo remedios prepara-
» dos &c. &c. Os herboristas não tem em o nosso paiz
» a devida fiscalisação policial; pois que este ramo
» d'industria, que tambem muito interessa a saude, e
» vida do cidadão, não deve ser exercido senão por
» gente habil, e por quem tenha dado d'isso provas
» por meio de hum exame respectivo perante as Escho-
» las, inspecionando depois suas lojas, para ver o
» estado das plantas, se estão misturadas as veneno-
» sas com as que o não são &c. &c.

» A experiencia tem mostrado nas provincias, que
» nenhum resultado util se tem tirado das visitas feitas
» da maneira estabelecida no Regulamento referido: as
» boticas de hum Concelho, visitadas pelo seo Admi-
» nistrador com um facultativo e boticario do mesmo
» Concelho, e tudo gratuitamente, ficam no mesmo
» estado quanto á sua fiscalisação, esta fica illudida,
» e são bem obvias as razoes.

» Julgamos pois, que todas as boticas dos Con-

«celhos devem ser visitadas de dous em dous annos,
 «alternadamente, pelos Subdelegados do Conselho
 «limitrofé, com dous Boticarios, que devem ter no-
 «meado, e que serão da approvação do Conselho de
 «Saude; e com o seo Escrivão. O Delegado do Dis-
 «tricto fará a distribuição dos Concelhos e por quem
 «devem ser visitados, sugereitendo-a á approvação
 «do Conselho de Saude. Estas visitas devem ser gra-
 «tuitas, e para esta indemnisação de serviço basta
 «para os Subdelegados a gratificação dada pelas Ca-
 «maras, e para os boticarios a isenção da Guarda
 «Nacional, e dos diferentes cargos publicos do Mu-
 «nicipio; pois que não he pouco importante o serviço
 «nacional; que elles prestão em taes visitas, que de-
 «vem ser extensivas ás lojas de venda publica de co-
 «mestiveis, bebidas espirituosas, e a tudo o mais,
 «em que necessarios forem os Pharmaceuticos, como
 «Chymicos, para conhecimento da adulteração, e so-
 «phisticação dos generos; que inspeccionarem, e ana-
 «lysa rem.»

«A vida do cidadão não se pode manter sem a saúde.
 «A saúde não se pode manter sem a pureza do ar.
 «A pureza do ar não se pode manter sem a limpeza das
 «ruas. A limpeza das ruas não se pode manter sem a
 «inspecção das lojas de venda publica de comestiveis,
 «bebidas espirituosas, e a tudo o mais, em que neces-
 «sarios forem os Pharmaceuticos, como Chymicos, para
 «conhecimento da adulteração, e sophisticação dos ge-
 «neros; que inspeccionarem, e analysa rem.»

«A experiencia tem mostrado que a inspecção das lojas
 «de venda publica de comestiveis, bebidas espirituosas,
 «e a tudo o mais, em que necessarios forem os Pharmaceu-
 «ticos, como Chymicos, para conhecimento da adultera-
 «ção, e sophisticação dos generos; que inspeccionarem,
 «e analysa rem.»

da Ordem dos Pharmaceuticos.

«A inspecção das lojas de venda publica de comestiveis,
 «bebidas espirituosas, e a tudo o mais, em que neces-
 «sarios forem os Pharmaceuticos, como Chymicos, para
 «conhecimento da adulteração, e sophisticação dos ge-
 «neros; que inspeccionarem, e analysa rem.»

JORNAL

DA

SOCIEDADE

PHARMACEUTICA LUSITANA.

TOMO II.

5.^o ANNO.

NUMERO VII.

PHARMACIA.

PHARMACIA ESTRANGEIRA.

Continuação da Fraude na venda das Sanguesugas e investigações sobre os meios que se devem empregar para impedir a sua destruição, &c.; começa da a pag. 406.

Emprêgo do sal marinho, e das cinzas e alcalis.

O sal marinho em po mui fino, agua salgada, cinzas de madeira, agua ligeiramente alcalisada, taes são as substancias mais geralmente empregadas para fazer desenfartar as sanguesugas.

1.^o Quando se emprega o sal marinho em po fino, e n'elle se envolvem as sanguesugas depois da sua queda, ellas se irritam mui vivamente, lançam quasi todo o sangue que succaram, mas esta operação parece fatigal-as muito; de 200 que a ella foram submettidas, não restaram senão 17, depois d'um mez de conservação. Outro tanto direi do emprêgo das cinzas mui ricas em alcali, vendo-se muitas vezes

n'este caso reduzirem-se a um volume como de azeitonas e irritarem-se tanto as sanguesugas que morrem antes de se desenfartarem.

2.º Se, pelo contrario, se empregam cinzas pouco carregadas d'alcali, ou agua ligeiramente salgada, as sanguesugas parecem muito menos fatigadas, mas não se podem completamente desenfartar, não dando d'esta maneira o terço do sangue que tem absorvido, lançando-o continuamente e por muito tempo, sendo acommettidas de doenças epidemicas mui frequentes e mortíferas; submettendo-as muitas vezes á mesma operação, dão de cada vez nova quantidade de sangue, e muitas vezes tão grande como da primeira: mas todas estas experiencias acabam por serem infructuosas, porque, sobrevindo-lhes doenças epidemicas, todas as sanguesugas morrem. Depois de dous mezes de conservação julga-se ter havido bom exito, e bastam dous dias para todas morrerem.

Entre os numerosos meios que tenho tentado para fazer desenfartar as sanguesugas, eis-aqui os que me teem dado melhor resultado.

1.º *O emprégo do leite salgado*, em lugar d'agua salgada. Ellas se contraem muito menos que em agua, desenfartam-se com mais facilidade, estão menos fatigadas depois da operação; de 500 conservei 345 mais de tres mezes.

2.º *A exposição a o fumo de madeira levigada*. Este meio parece preferivel a todos os outros, ellas se desenfartam muito mais, e poucas morrem immediatamente. De 500 conservei 445 mais de dous mezes; mas foram atacadas d'uma epidemia mortífera, não restando depois de tres mezes senão 21.

Do que precede e de numerosas experiencias,

que não descrevo, se pode concluir que são mais ou menos defeituosos todos os meios que se podem empregar, para fazer desenfartar as sanguesugas. Com effeito, se se empregam materias que irritem as sanguesugas com violencia, dão (não ha duvida) quasi todo o sangue que absorveram: mas, em geral, se tornaram mui fracas, morrendo o maior numero no espaço d'um mez. Se, pelo contrario, se tem feito escolha de materias moderadamente irritantes, não perdem a totalidade do sangue e apresentam depois um phenomeno assás notavel. Restabelecem-se completamente; mas, quando chega a epocha da mudança da epiderme, são acommettidas d'uma doença extraordinaria; a circulação prende-se completamente nos segmentos que são estrangulados pela epiderme da qual procuram desembaraçar-se; o sangue, que é privado da maior parte da sua porção liquida, se coagula; morrem então, apresentando uma serie d'estrangulamentos, e a parte do canal alimentar, comprehendida n'estes estrangulamentos, está intumescida com um sangue negro, mui expesso, quasi coagulado. Devo dizer que, se se quizessem applicar alguns dias depois de as ter feito desenfartar, todas aquellas que não estivessem na epocha da mudança da pelle pegariam muito bem, mais cahiriam pouco depois não absorvendo senão quantidades de sangue inferiores a quarta parte d'aquelle que podem tirar quando estão esfomeadas; aquellas pelo contrario que estivessem a ponto de mudar a pelle, longe de pegar se agitariam sobre o doente e excitadas pelo seu calor se desenfartariam de novo (3).

(3) *Sanguesugas enfartadas de sangue de vacca.* Por esta occasião devo dizer que sanguesugas as quaes não teem sido applicadas a os doentes apresentam muitas vezes o character de verter o sangue. Eis-

§. 2.^o DO EMPREGO DAS SANGUESUGAS ENFARTADAS
DEPOIS DA DIGESTÃO DO SANGUE QUE TEEM
ABSORVIDO.

Se minhas experiencias tão multiplicadas e por tanto tempo continuadas me teem posto em estado aqui as causas d'este accidente e os meios de reconhecer se realmente não teem servido.

1.^o Os pescadores das sanguesugas empregam como isca muitas vezes cadaveres d'animaes; então quando são recém-pescadas estão engorgitadas de sangue.

2.^o Outro meio muito mais culpavel que o precedente funda-se em que, fazendo-se as transacções commerciaes das sanguesugas a pêso e não por numero, os vendedores, algum tempo antes de as pesarem, as enfartam de sangue de vacca; fazendo-as absorver pouco mais ou menos metade do seu pêso de sangue; o seu valor real é consideravelmente diminuido, pelo contrario o seu valor venal augmenta; as sanguesugas assim enfartadas gozam ordinariamente d'uma boa apparencia e conservam-se muito bem; mas, logo que toquem em qualquer panno de linho ainda que ligeiramente alcalisado pela barrela, tingem-no de sangue, apresentando aliás alguns dos inconvenientes das sanguesugas que se teem feito desenfartar: não absorvem senão uma diminuta porção de sangue, e na epocha da sua munda recusam pegar e se vasam na pelle do doente como as sanguesugas que teem sorvido; tambem estão muito mais expostas a ser atacadas da dysenteria epidemica, do que as sanguesugas vasiaas de sangue.

Seria util que a Administração dos Hospitaes introduzisse no seu livro de entrada algumas clausulas expressas para se pôr em cautela contra este genero de sophistication que compromette seus interesses de duas maneiras — 1.^o comprando sangue de vacca por sanguesugas — 2.^o não produzindo senão metade, quando muito, do effeito que se poderia esperar de sanguesugas vasiaas de sangue. Esta questão, repito, é grave e digna de toda a solicitude da Administração. Existe um meio mui simples para distinguir as sanguesugas enfartadas d'aquellas que o não são, e para differencar a natureza do sangue, este meio é aquelle que o Sr. Barruel deu para reconhecer o sangue dos diversos animaes: fazem-se desenfartar as sanguesugas que se querem examinar, com uma pouca de cinza misturando-se depois este

de concluir que se deve renunciar completamente, em uma exploração geral, o empregar sanguesugas que teem servido depois de as ter desenfartado; as experiencias que se seguem me teem provado que se podem, pelo contrario, empregar, com grande successo, quando hão sido collocadas em circumstancias convenientes para que possam digerir o sangue que teem absorvido.

O Sr. *Kapeler*, Medico em S. Antonio, me havia communicado o extracto d'uma memoria alemã sobre um meio mui ingenhoso, empregado por um Pharmaceutico d'aquelle paiz, para fazer reproduzir as sanguesugas. Consiste em collocar em numero pouco consideravel em tinhas ou caixas de madeira, cheias até dous terços de turfa ligeira, não carbonisada, humedecida com agua, e sustida por um cesto de vimes; as sanguesugas depõem seus casulos entre as fibrilhas da turfa; a multiplicação das sanguesugas se opera assim d'uma maneira mui perfeita. Algumas experiencias preliminares me auctorisavam a dar uma grande importancia a estes dados; eu tinha verificado muitas vezes que sanguesugas não enfartadas, postas a o sol em uma garrafa de quatro litros, meia d'agua para 20 sanguesugas, passavam abi optimamente.

Se se tinha a precaução de as não desarranjar, de não lhes renovar a agua, as paredes da garrafa se cobriam de vegetações esverdinhas; e, depois de tres mezes d'exposição, estes *annelides* se achavam

sangue com algumas gottas d'acido sulphurico, uma curta experiencia terá immediatamente ensinado se são sanguesugas enfartadas de sangue de homem ou de sangue de vacca. Tambem poderão ser empregados, com successo, os caracteres dos globulos descobertos pelo microscopio.

com maravilhosa actividade e em estado mui proprio para encher em todas as suas funcções.

A experiencia não realisou, quanto ás sanguesugas enfartadas, as esperanças que estas observações me tinham feito conceber. Com effeito as sanguesugas enfartadas, quando estão em agua, mudam a pelle muito mais a miudo que as que estão esfomeadas e succumbem muitas n'este periodo, particularmente aquellas que teem vasado uma parte do sangue chupado (a porção mais fluida); além d'isto corrompem a agua, o que não acontece com as sanguesugas esfomeadas. Tenho na verdade conservado da mesma maneira sanguesugas enfartadas, mas é necessario ter cuidado de as mudar logo que tingem a agua, ou a corrompem, o que dura pouco mais ou menos dous mezes á temperatura media de 12 graus, depois d'este periodo comportam-se como sanguesugas que não são enfartadas; mas de 100 sanguesugas submittidas a esta experiencia não me ficaram senão 21.

D'outra parte colloquei 500 em uma tina cheia de turfa não carbonisada, humedecida, suspensa por um cesto de vimes; durante o primeiro mez tudo parecia sair segundo a minha esperanza, retomando ellas pouco a pouco a actividade primitiva; porém morreram successivamente, e não podendo n'este systema tirar-se as mortas, a agua se putrefez, e no fim de tres mezes não ficou nenhuma.

Emprêgo da argilla coberta d'agua.

Antes da minha entrada no Hospital Geral, o Sr. *Desportes*, e o Sr. *Tonnelier*, Director d'este Estabelecimento, tinham feito arranjar um reservatorio para conservação das sanguesugas enfartadas que pa-

recessem reunir todas as condições desejáveis. Era uma serie de toneis, guarnecidos d'argilla na sua parte inferior em altura de dous pes; esta argilla era coberta d'agua limpa, d'altura d'um pe, continuamente renovada por um fiosinho d'agua do Senna; a serie de toneis estava mettida em um macisso de relva; tudo isto parecia razoavel, com tudo o successo não veio coroar as legitimas esperanças. Alli foram depositadas 3:000 sanguesugas; escapando-se algumas para o jardim, todas as que ficaram nos toneis morreram, no fim de tres mezes de conservação.

Emprêgo d'agua corrente para a conservação das sanguesugas enfartadas.

Procurei saber a razão do mau exito da experiencia precedente, que parecia tão razoavelmente conduzida; por experiencia adquiri a certeza que é um prejuizo acreditar que as sanguesugas medicinaes estão melhor em agua corrente que na estagnada; muitas especies de sanguesugas se aprazem das aguas vivas: mas as sanguesugas medicinaes encontram-se nas lagôas estagnadas, gostam muito mais das aguas pantanosas, com tanto que não sejam putridas. Conservei muitas vezes sanguesugas vãs ou sanguesugas cheias em agua que se renovava constantemente, depois de tres mezes morreram quasi todas; o emprêgo d'agua viva convém pouco ás sanguesugas medicinaes; quando são enfartadas, não se conservam n'agua, quer seja quer não seja renovada: não é este o elemento então que lhes convém. Em todos os casosahi morrem quasi todas em mui pouco tempo. Quando não são enfartadas, conservam-se muito melhor em agua estagnada; mas é indispensavel

condição de successo que não sejam em numero tal, que corrompam a água: porque então seria preferivel a água viva.

Da condição de conservação das sanguesugas enfiadas.

Para chegar a o perfeito conhecimento das condições de conservação das sanguesugas enfiadas, julguei que era indispensavel observar seus habitos, collocando-as em um reservatorio no qual eu tivesse reunido os diversos elementos que lhes convém. Fiz construir um reservatorio, e lançar n'elle 1.º turfa de differente densidade, ligeiramente humedecida; 2.º grêda em consistencia de massa molle; 3.º grêda diluida em forma de papas coberta de duas pollegadas d'agua.

N'este reservatorio puz as sanguesugas enfiadas. O primeiro dia rojam de um para outro lado, e quasi todas se passam para a argilla de consistencia de massa molle; ahi se enterram cousa de uma pollegada: outras se enterram n'argilla de consistencia de papas, mas conservando sempre fora d'ella a parte anterior do corpo, que agitam continuamente. Mui pequeno numero fica n'agua ou na turfa humedecida, e entre estas somente é que se observa muito grande morandade. As que estão enterradas n'argilla em papas mudam como as que estão n'agua, vomitam sangue e succumbem em parte; mas as que estão enterradas n'argilla de consistencia de massa molle não mudam, limitando-se a digerir: se por acaso estão doentes, voltam á parte superior d'argilla ahi se desenfiadas e morrem quasi sempre. É muito raro encontral-as mortas no interior d'argilla

de consistencia molle. D'experiencias muitas vezes repetidas resulta pois evidentemente, que as sanguesugas enfartadas procuram constantemente collocar-se em condições nas quaes possam digerir; e que nada lhes convem mais que enterrarem-se n'argilla molle, onde podem aninhar-se, ficando como adormecidas e assimilar á sua vontade o alimento que teem absorvido. Na agua, na argilla diluida, na relva, e na turfa mudam periodicamente a epiderme, e esta epocha lhes é fatal sobre tudo quando são enfartadas, porque os seus segmentos se estrangulam então mui frequentemente, a circulação para nas partes estranguladas e é raro que possam restabelecer-se.

Na argilla em massa molle não mudam a epiderme, digerem somente, crescem e cobram novas forças para preencherem de novo suas funcções.

Do tempo que dura a digestão das sanguesugas:

E' verdadeiramente espantosa a extensão do tempo que as sanguesugas gastam a digerir, fiz a este respeito experiencias precisas, o tempo varia singularmente segundo as circumstancias em que são collocadas. Nos ensaios que vou relatar operei sempre com sanguesugas que não tinham lançado espontaneamente o sangue que haviam succado; logo que coravam a agua, olhava esta experiencia como não tendo existido.

Quando ellas se movem livremente na agua, na argilla diluida, na turfa ou na relva, digerem muito mais depressa do que quando se tem aninhado n'argilla molle. Na agua, passado um mez, tinham diminuido, termo medio, $\frac{1}{17}$ do seu pêsó, passados dous mezes, $\frac{1}{5}$, passados quatro mezes, $\frac{2}{5}$. Passada

esta epocha a sua diminuição. é pouco sensivel, sobre tudo se são conservadas em uma garrafa na qual não se renova a agua; conservei-as mais d'um anno, em um vidro exposto a o sol, em agua cheia de vegetações esverdinhas, ellas não havim tido diminuição de pêsos em relação comparativa áquelle que tiveram no primeiro tempo da estada na agua. N'argilla não diminuem no pêsos senão de um modo pouco sensivel, passado um mez, termo medio, diminuem $\frac{1}{3}$, passados tres $\frac{1}{3}$, e, passados seis, $\frac{1}{2}$.

Os ninhos são forrados, pela parte inferior, de materias esverdinhas; mas ellas diminuem de maneira muito sensivel nos primeiros dias de habitação na agua, tendo assistido na argilla; mas não tenho recolhido a este respeito os pêsos precisos.

São extremamente tantas as modificações que ellas fazem soffrer a o sangue que teem absorvido, passado um mez de assistencia n'argilla, ainda se conhece mui facilmente o sangue humano pelo cheiro que abi desinvolve a addição d'acido sulphurico; são necessarios tres mezes, pouco mais ou menos, para que a modificação seja tão completa que se não possa ja determinar a natureza do sangue que teem absorvido: e, segundo numerosos ensaios, presumo que, para a digestão ser completa, são precisos seis mezes d'estada n'argilla, depois de um mez na agua ou na turfa humedecida.

Da construcção dos reservatorios para a conservação das sanguessugas enfiadas.

Reboquei um terreno firme com argilla branca, molle, untuosa; é preciso dar a esta argilla uma consistencia de massa assás branda, para que as sangue-

sugas possam mui facilmente enterrar-se n'ella; mas cumpre que o não seja de mais porque então a agua a penetraria completamente, impedindo que ellasahi podessem aninhar-se, o que é essencial para a sua boa conservação. E' necessario dar a este terreno um declive conveniente, para que a agua possa facilmente escoar-se por uma grade bem grossa collocada na parte mais baixa d'elle. A argilla, na maior parte do tanque, não deve ser coberta d'agua; basta que seja so humedecida: nas partes mais baixas não deve haver mais d'uma pollegada d'agua. E' essencial que esta agua seja limpida, para podêrem tirar-se facilmente as mortas e não se demorarem no tanque.

A argilla é disposta em ligeiro declive, cada dia deverá regar-se a superficie, por alguns minutos, para lavar a argilla e ligeiramente humedecel-a; mas é essencial não deixar a agua demorada, porque daria a argilla uma consistencia impropria para as sanguesugas se aninharem.

Tenho empregado um meio mui simples e mui bom, para impedir que as sanguesugas se escapem do tanque. Consiste em guarnecel-o todo em roda d'alvenaria de tijolos argamassados com argamassa romana, d'altura d'um pe, e em cobrir esta alvenaria com uma moldura de madeira, passante d'uma pollegada; pregam-se com pregos, na parte interior d'esta orla, tiras de panno de linbo da largura de tres pollegadas, que pendam sobre o tanque duas pollegadas pouco mais ou menos; a parte pendente destas tiras é desfiada pela inferior, cousa d'uma pollegada: por este arranjo as sanguesugas jamais escapam do tanque; tinha empregado o mesmo expediente, para as reter nas tinas, tendo sempre conseguido completamente o meu fim,

Experiencias em grande feitas no Hospital Geral

Debaixo d'estes principios é que eu tinha feito construir no Hospital Geral um reservatorio d'oito pes quadrados e d'um d'elevação contendo uma carada d'argilla branca, tirada da Casa branca, entre Bicêtre e a barreira de *Fontainebleau*. N'elle deposei 6:500 sanguesugas enfiadas. Limitava-me, de dous em dous dias, a lavar a superficie da argilla e a tirar as mortas; o que executava mui facilmente, porque as que eram doentes, saindo da argilla vinham morrer na superficie d'ella. A minha experiencia havia começado no mez de Dezembro de 1834; no mez de Junho de 1835 principiavam a sair da argilla e a agitar-se na agua viva. Deixei secçar a argilla até á consistencia de massa firme. Fil-as então estremar, recolhendo 6:125. Assim não havia perdido nem uma decima parte d'ellas. Estavam reunidas em ninhós bem polidos de duas até seis, quasi sempre unidas e não excedendo este numero; mui bem conservadas, cheias de vivacidade: o interior dos ninhós era formado d'um rebôco esverdinhado. O mais ordinariamente estavam reunidas as da mesma especie e grossura. Deixei-as estar alguns dias em agua a qual cõravam immediatamente d'uma materia escrementicia esverdinhada, que lançaram pelo anus; mas, passados dous dias, comportavam-se como as melhores sanguesugas novas. Com approvação de muitos Medicos do nosso Estabelecimento, e depois de ter prevenido o Director não duvidei empregar-as em concorrência com as que nos fornecia o commercio. Em todos os casos foi reconhecido serem-lhes muito preferiveis, pegando todas e promptamente, ficando pe-

gadas mais tempo e absorvendo mais sangue. Não sobrevindo (como na verdade se podia esperar) nenhum accidente a os doentes a que se applicaram é indubitavel que, estando bem descansadas, com boa saúde e famintas, são muito preferiveis ás sanguesugas enfartadas ou fatigadas que o commercio nos fornece.

Repeti muitas vezes a experiencia que acabo de referir, e em todos os casos tenho visto confirmarem-se as minhas principaes observações. So accrescentarei que, querendo-se diminuir um pouco o tempo que gastam a digerir as sanguesugas, podem desenfartar-se em parte com sal; mas é necessario transportal-as immediatamente para uma tina com argilla, para que possam ahi aninhar-se e restabelecer-se; porque na agua, sobre tudo no tempo de calor, quasi sempre morrem.

Devo dizer que, as sanguesugas, passados seis mezes de conservação na argilla e um na agua, em nenhum caso teem causado accidente algum qualquer que seja o doente a que tenham sido primitivamente applicadas.

Do transporte das sanguesugas enfartadas.

Nos meus numerosos ensaios tinha adquirido a prova que não nos devíamos referir *a priori* a o que parece indubitavel relativamente á conservação das sanguesugas enfartadas; e quiz decidir por experiencia uma questão bem importante, a de as transportar a logares mui distantes d'aquelle em que teem sido empregadas. Sabe-se que ha bom successo quanto ás sanguesugas esfomeadas, porque se fazem chegar das Fronteiras da Turquia; não estão n'este caso as sanguesugas enfartadas.

Se é consideravel o seu numero e o calor passa de 12 graus, ellas se desenfartam d'uma parte de sangue, o qual se corrompe com a maior facilidade e as faz quasi morrer todas. Se se querein transportar em sacco de cabello, pelo facto da accumulção se desenfartam, e em certas circumstancias pode a putrefacção estabelecer-se mui rapidamente. Se, em vez de as transportar na mão, se transportarem em qualquer outra coisa onde se movam, entrechocam-se; estando turgidas, ferindo-se muito mais facilmente do que quando estão vasias, então se desenfartam com abundancia e, quando se collocam depois n'um reservatorio apropriado, morrem em maior numero que as que não são fatigadas pelo transporte. Creio poder concluir que, quem quizer transportar logo para longe sanguesugas novamente enfartadas, se exporá a perder grande numero d'ellas.

CONCLUSÃO.

Do que fica referido se pode concluir que a questão do reemprego das sanguesugas está definitivamente decidida. É este o unico meio de impedir a destruição completa d'estes preciosos *annelides*, e d'eliminar a França d'um tributo importante que paga a os estrangeiros. As experiencias que acabo de expor não deixam nenhuma incerteza sobre os meios que se devem empregar. Seis mezes d'estada em tanques ou tinas argilladas e um em agua são muito sufficientes para restabelecel-as e afastar todos os casos imaginaveis de sua applicação ulterior. Agora que todas as duvidas a este respeito estão desvanecidas, a Administração dos Hospitaes Civís de París sempre solicita em levar a execução projectos uteis, vai fa-

zer construir vastos reservatorios, onde serão postos em practica os principios a cima expostos.

Nota do Traductor.

Que utilidade para o nosso Paiz, se as Administrações dos Hospitaes se dessem a o trabalho de tirar vantagens d'estas experiencias. É horrorosa a despesa que se faz n'este genero, nos Hospitaes de França, e que acontecerá nos Hospitaes de Portugal? É, sem duvida, mais limitada, em relação á população; mas gastam-se grandes sommas, que poderiam pouco e pouco economisar-se, á proporção que se fosse tirando proveito do methodo, a cima exposto, de desenfartar as sanguessugas depois de terem servido. As lagoas de Portugal estão exauridas como as de França, as de Hespanha o estão quasi egualmente; e d'onde nos virá este genero, que se tem tornado de tanto uso, n'estes ultimos tempos, na Therapeutica? Ficar sem ellas! o meio para impedir que se esgotem de todo, e essas poucas que d'Hespanha nos trazem se não tornem tão caras, é o methodo a cima indicado. Supponhamos que Portugal precisa de 1:000 milheiros de sanguessugas por anno, que este numero é preciso compral-o a os estrangeiros, visto Portugal quasi as não ter ja, quanto despenderá, comprando-as a 10 \$ 000 réis o milheiro, preço minimo? Temos a somma de 10 contos de réis!! Não poderíamos economisar parte d'esta somma? Não me fasciam novas theorias, e seria imprudente se quizera inculcar como infallivel o methodo começado em França. Alli principia elle a ensaiar-se, e porque não faremos outro tanto, a ver se é ou não vantajoso? Faço votos para que

surta o effeito desejado, a bem da Humanidade inferma.

Novo processo para cobrir as Pilulas de gelatina, feito pelo Sr. GAROT; extrahido do Journal de Pharmacie et des Sciences Accessoires de Paris — 1838, pelo Membro Effectivo, o

SR. NARCISO JOSÉ GOMES DO SOUTO,

Preparei por muito tempo, segundo os preceitos de certo Doutor do meu bairro, ãa mistura de cubebas e de outros pos, nos quaes incorporava balsamo de copaiva, e me servia, para tornar a administração menos incommoda, de capsulas de gelatina vasias, que mandava buscar a o Laboratorio do nosso Collega, o Sr. *Dublanc*. Precisando de novo preparar estas pilulas, e faltando-me capsulas, fiz demandal-as a o supracitado Collega, dando-se-me em resposta que, em virtude de novas convenções, o Proprietario recusava fornecel-as vasias a os Pharmaceuticos.

Para corresponder á confiança do Dantor, que desejava-se preparasse o medicamento em minha casa, e, por assim dizer, debaixo de suas vistas; e empenhado tambem em collocar os Pharmaceuticos na possibilidade de preparar por si mesmos as pilulas, que os Medicos poderiam prescrever-lhes, era forçoso procurar meios de emancipar-nos da tutela em que jaziamos.

O processo, que a baixo proponho, é facil, expedito, e se pode applicar a todos os medicamentos de consistencia pilular; como por exemplo: balsa-

mo de copáiva, camphora, almiscar, assa-fetida, sulphureto de potassa, e outros. O cheiro e o sabor são completamente interceptados.

Modo de preparação.

Feitas as pilulas, espetam-se na ponta de alfinetes negros, compridos e muito delgados; logo se mergulham na gelatina, que se faz fundir, não esquecendo juncutar por cada onça de gelatina duas onças de agua, e se conserva n'este estado a banho-maria: pois do contrario se formaria uma pellicula, que embaraçaria a operação.

Depois fixa-se o alfinete n'ũa massa, a fim de sustentar a pilula no ar (da mesma forma que se pratica com os pavios oxygenados). Cobertas que sejam 50 pilulas, se passa a tapar o furo que deixou o alfinete. Para este effeito se toma um dos alfinetes com a pilula na sua extremidade, e se apresenta horizontalmente, tendo a pilula na outra mão, á chamma d'uma vela; o calor se communica instantaneamente a o bico do alfinete cravado na pilula, desorte que, pegando-lhe com precaução, basta este calor para derreter as bordas do furo e as soldar: d'esta maneira se obtem uma pilula perfeitamente redonda, brilhante e sem perder a cor propria da massa, que é necessario não deixar secar demasiado.

Para as substancias menos penetrantes é sufficiente uma camada de gelatina, entretanto que para as mais penetrantes são indispensaveis duas camadas.

Processo para obter, claros e transparentes, o Mel rosado e Oxymel simples, pelo Sr. THIERRY, Ajudante da Pharmacia Central; traduzido do Journal de Pharmacie et des Sciences Accessoires de Paris — 1839, pelo Membro Effectivo, o

SR. PEDRO FERREIRA NORBERTO.

Quando, para a preparação do mel rosado, se observá exactamente o processo do Codex, é em parte impossivel obter este mellito transparente sem recorrer á filtração; operação demasiado lenta, que a final se despreza inteiramente. Julguei fazer algum serviço dando a um medicamento, frequentemente empregado, uma apparencia agradável, sem diminuir suas propriedades medicinaes: com este designio trabalhei, conseguindo, á custa de experiencias pacientemente seguidas, obter o resultado que ambicionava. Tambem, como os outros xaropes, o mel rosado d'hoje em diante será preparado claro e limpido.

A opacidade do mel rosado é principalmente devida á cera que encerra em si: havendo diligenciado desprender este d'aquella substancia, vou mostrar rapidamente o processo que me sortiu bom exito. Eil-o adaptado á formula do Codex.

R. Petalas seccas de rosas vermelhas. 1 kil.
 Agua fervendo 6 "
 Mel branco..... 6 "

Lançai agua fervendo sobre as rosas; fazei infundir por espaço de 24 horas; coai o infuso por um panno de linbo, separando as primeiras porções, e subinettei o resto á prensa.

Depois collocai o mel em um tacho com 96 gram-

mos de cré (carbonato de cal) e litro e meio d'agua; na qual tereis batido tres claras d'ôvo; deixai ferver ainda alguns minutos, tirai o mel para fora do fogo, deixai-o alguns instantes, durante os quaes se precipitará o cré e passai a travez d'um coador.

N'esta clarificação é absolutamente indispensavel o carbonato de cal, e forma com a cêra uma especie de combinação calcaria insolvel, que passa a ser involvida pela albumina; não podendo os outros modos de clarificação preencher o fim, que me propuz, conforme tenho tido occasião de me assegurar.

O mel assim clarificado tornai-o a lançar no tacho com o resto do infuso, fazendo coser a 34 ou 35 graus; ajunctai então a parte do infuso, alcançado sem pressão, que dilue o xarope e o põe a 30 graus: passado um instante de ebullição se deixa ver um mel rosado perfeitamente claro e odorifero. Por mais toldado que fosse o infuso, nem por isso o xarope seria menos transparente; porque elle se depura, auxiliado da albumina contida nas rosas.

Direi agora alguma cousa sobre as differentes experiencias que fiz, e ácerca do novo processo que aponto. Tenho declarado que o cré é necessario; e com effeito o carbonato calcario ou se combina com a cêra ou a attrahe a si: d'isto me certifiquei, tomando o residuo, que ficava pela clarificação sobre o coador, e lavando-o, para tirar o mel, tractei-o pelo acido chlor'hydrico, diluido com agua, e o carbonato de cal dissolvido me apresentou a cêra e a albumina. Este 2.º residuo, lavado e secco, o tractei pelo ether, que dissolveu a cêra e deixou a albumina. O ether evaporado em uma capsula me deu cêra amarella.

Pelo que respeita ás outras experiencias empre-

guei o mel espumado, que unicamente me deu em resultado o mel ordinario: tambem usei d'elle clarificado com a clara d'ovo, e nem por isso o mel rosado se mostrou menos turvo; em quanto o mellito de rosas, preparado com o mel, tractado pelo crê e a clara d'ovo, é perfeitamente claro.

Alguns Pharmaceuticos pensaram que o mel rosado, cujo infuso se faz a frio, dava um producto mais bello; mas, o ensaio que fiz, me provou que nem sempre succedia assim, por quanto havendo obtido um soluto de rosas mais transparente e menos earregado, era ainda escuro: o que me induz a crêr, que a causa da sua opacidade não estava no infuso porém no mel.

Com o infuso feito a frio, servindo-me do mel clarificado, como mais a cima enunciei, consegui um excellente producto, porém menos corado; sendo a quantidade d'agua empregada insufficiente para descorar inteiramente as rosas.

Não satisfeito tentei ainda outro ensaio, preparando o infuso com agua levada á temperatura de 25 graus. Este infuso não é tão crystallino, como aquelle que se faz a frio; porém as rosas, ainda que não de todo, são mais descoradas que na precedente operação. D'aqui concluo ser preferivel o infuso com agua fervendo.

Oxymel simples.

Os primeiros ensaios sobre o mel rosado despertaram em mim a ideia, de que o mesmo processo podia em parte applicar-se á preparação do oxymel simples e scillitico; e com effeito não me enganei: o resultado, tendo correspondido á minha expectação, cortou meus esforços. Havia segregado o mel da cê-

ra — passo era este sem duvida gigantesco ; mas restava privar o vinagre dos saes que retêm em dissoluto, que a concentração faz depositar e que alteram a diaphaneidade do oxymel. Eis como operei : fiz evaporar o vinagre com cuidado, até ficar reduzido á 5.^a parte do seu pèso ; abandonando-o então a si mesmo por dous dias. Os saes se precipitaram e filtrei.

Tomando depois a porção do mel, prescripto na formula, o clarifico pelos meios indicados para o mel rosado ; e fazendo coser a 31 graus, ajuncto em ultimo logar o vinagre concentrado e filtro.

O vinagre concentrado se conserva mui bem ; podendo-se ter assim preparado d'ante mão, para se usar d'elle em tempo opportuno : o que certamente será de mais utilidade.

O oxymel simples, d'esta maneira preparado, é perfeitamente claro e d'um gosto sobre modo agradável.

CHEMICA.

Processo para obter o Iodureto mercurioso ; traduzido do Nouveau Traité de Pharmacie Théorique et Pratique do Sr. SOUBEIRAN, pelo Membro Correspondente Nacional, em Almada, o

SR. ANTONIO JOAQUIM D'ALMEIDA.

O proto-iodureto de mercurio é d'um amarello esverdeado ; avermelha-se pelo calor e se amarellece pelo resfriamento : é volatil, insolúvel em agua.

e no alcohol; o iodo facilmente o transforma em deuto-iodureto. A o Sr. *Berthmot* devemos nós a melhor forma de o conseguir. (1)

Toma-se Mercurio 100 partes.

Iodo 62 dictas.

Alcohol s. q.

Em um gral de porcelana se deita o iodo e o mercurio, ajuncta-se alcohol sufficiente, para transformar a massa em uma pasta molle; continua-se a triturar até que o mercurio tenha desaparecido inteiramente, e a mistura haja tomado a apparencia d'um pó verde-melado: faz-se seccar o producto em uma estufa, a o abrigo da luz, e se conserva em vasos cobertos com papel negro.

O iodo e o mercurio são empregados em proporções exactamente convenientes para formar o proto-iodureto; o alcohol facilita a combinação, dissolvendo o iodo, apresentando-o a o mercurio no maior estado de divisão: e produzindo depois o mesmo effeito sobre o deuto-iodureto, que se forma promptamente, promovendo assim sua combinação com o mercurio metallico. Quando se opera sobre pequenas quantidades bastam algumas gottas de alcohol: mas em quantidades um pouco mais consideraveis e util forçar a proporção do alcohol: porque a materia se escandece demasiado, a ponto d'algumas vezes se inflammam, escapando do gral com uma especie de explosão. É mesmo prudente, quando haja preparações

(1) Sem duvida o processo do Sr. *Berthmot* é o melhor que tenho encontrado, para obter o proto-iodureto de mercurio inteiramente puro; d'isto me hei certificado todas as vezes que, pela citada formula, teubo preparado este compôsto binario.

(Nota do Traductor.)

passa a amarello, é preciso suspender a operação, e colhêr o precipitado que se formou. Torna-se quasi impossivel conseguir um bom resultado por este processo; o dissoluto do nitrato necessariamente é acido; a pezar d'esta condição, lançando-se no dissoluto do iodureto de potassio, se decompõe, para formar o sub-nitrato, que se identifica com o precipitado; acidificando-se mais para evitar este effeito, então o acido nitrico decompõe o iodureto de potassio, separa o iodo, que muda o proto-iodureto de mercurio em deuto-iodureto. Não é ainda menor o inconveniente em se lançar o nitrato no iodureto; porque o iodureto de potassio, á medida que se forma, decompõe uma parte do proto-iodureto de mercurio e o transforma em mercurio metallico, que se precipita, e em deuto-iodureto que se dissolve a o principio, e pouco depois se incorpora no proto-iodureto. Deite-se pois o iodureto em o nitrato; mas isso não impede nem a formação a o sub-nitrato, nem a decomposição do iodureto de potassio pela nimiedade do acido nitrico, nem a formação do deuto-iodureto, sua necessaria consequencia; esta ultima acção se evidencia, mormente, quando se tem effetuado uma parte do precipitado, então é que o precipitado toma uma cor amarella: n'este estado constitue um iodureto intermediario, formado d'uma proporção de mercurio e de proporção e meia d'iodo.

HISTORIA NATURAL.**BOTANICA.**

Continuação da Noticia d'alguns Productos dos Reinos Vegetal e Mineral que ha em nossas Possessões Africanas; começada a pag. 422.

11.

Tindinhara — Sensitiva — Malicia das mulheres, como no Brasil lhe chamam (Arbusto).

A sua flor primeiramente forma um botão como uma pinha, e do tamanho de um grão de bico. Vai abrindo gradualmente e se torna em um suspiro de côr branca, sendo a cabeça dos alfinetes de cor verde-desmaiada, da qual produz o fructo; que é em vagens chatas, do comprimento de quasi duas pollegadas, da côr de rapé, cobertas de cabellino. E encontra-se nos ribeiros e á beira dos rios. Em se lhe tocando, murcham immediatamente as folhas, até onde chegar o tremor do toque. A raiz é mui branda e, posta em parte inflammada, a faz desinchar. O cosimento da casca pisada da mesma raiz é empregada contra a erysipela.

12.

Mucurongo (Arvore).

Jambalão se chama em Inhambane, onde do sumo do seu fructo fazem vinho e vinagre, deixando-o fermentar. A sua flor é branca, redonda e semelhante á da mangueira ou sabugueiro. O fructo é

como azeitonas d'Elvas; quando maduro, fica da côr de vinho tincto, larga egual tincta e come-se. O cosimento da raiz se applica para recolher o *anus*, e faz suspender a purgação usado em banhos semicupios. A mesma raiz, feita em bocados, enfiando-se estes em um cordel e pendurando-se no pescoço, é para quem padece d'olhos ou ophtalmia.

13.

Mutarára (Arvore).

A sua flor é muito miuda e da mesma côr das folhas; as quaes de longe, e ainda em pequena distancia, não se podem divisar. O fructo que se come é do tamanho de ginjas, e amarello depois de maduro, a pelle muito rija, o caroço redondo e da côr de vinho tincto. Da raiz d'esta arvore fazem cosimentos, de que usam em bochechos na dor de dentes. Sendo suas hasteas, a maior parte, direitas e flexiveis, d'ellas fazem os negros os arcos, a que chamam *ula*; pois esta arvore de ordinario nasce em môrros de muxem.

14.

Mutubzi-tubzi (Planta rasteira).

A sua flor é redonda e amarella, o fructo chato é um so feijão em cada vagem. O seu cosimento se applica em banhos bem como em bebidas, á maneira d'amendoada a quem padece tenesmo, dysenteria &c. É tam insoffrivel o cheiro d'esta herba, que pouco differe do d'excremento humano.

15.

Mupanda-panda (Arvore).

O cosimento das raizes d'esta arvore, feito em papas ou em amendoada, e ainda simplesmente se administra a quem padece do peito.

16.

Mutava-nherere (Arbusto).

O seu nome vem de ser perseguido das formigas (*nherere*), nasce em montes ou, para melhor dizer, em uns poucos de pes junctos. A sua flor é amarella e similhante á de gancelinho, o seu fructo é do tamanho da bringella, mas com a differença de ter quinas. O cosimento das raizes é para banhos semicupios de quem padece fluxo de ventre. As folhas pisadas e postas em qualquer inchação, fazem resolver, e custa a soffrel-as por queimarem como caustico. Da mesma sorte se empregam nos pleurizes.

17.

Chirussa (Arvore).

A sua flor é amarella e finge casula cheirosa. O fructo é como o caroço da maçã. O cosimento da casca da arvore pisada se applica em banho semicupio a quem padece tenesmo, e tambem serve para lavar chagas. As folhas pisadas e aquecidas são anti-febrís. Com ellas se uncta o corpo, quando principia a declinar a febre; do que se segue uma transpiração copiosa.

18.

Mulavan-sato (Arbusto).

A sua flor é semelhante á da macieira, o fructo é difficil de se conhecer pela sua pequenez, as folhas não lhe caem inteiramente. O infuso da raiz se usa em bochechos nas dores de dentes. O succo das folhas pisadas, tendo-se-lhe junctado a necessaria quantidade d'agua, é tomado diariamente pelos que padecem do baço; e se lhes dá tambem o que sobeja, feito em amendoada.

19.

Mulacha (Arvore).

A sua flor é pequena e da côr de rosa sêcca. O fructo é do tamanho de azeitona miuda; maduro, fica amarello, come-se e é muito doce. Pilam-no, depois de sêcco, para lhe separarem a casca, que fica reduzida a farinha; d'ella, juncta com a de milho, fazem papas. O infuso da mesma casca serve, em bochechos, nas dores de dentes e, em bebida, na hemorrhagia das vias menores; o cosimento da mesma e da raiz é remedio para hêrnia nervosa. Em fim, pisada e esmagada ou machucada a dicta casca em agua, cõa-se esta e d'ella se faz massa para suspender o tenesmo.

20.

Abutua (Planta rasteira).

A raiz d'esta planta rasteira, dissolvida e feita em polme se applica, para bebida, ás pessoas que dão grande queda. Do mesmo polme, aquecido, se faz emplastro; que se põe em qualquer parte inflammada.

21.

Tussi, em lingua da Asia *Curo* (Arvore).

Nada digo da sua flor, por não ter podido informar-me d'ella. O seu fructo são umas vagens mui delgadas, que teem por dentro uma especie d'algodão. Os Asiaticos lhe attribuem as virtudes da quina, e os habitantes d'este paiz quasi as mesmas; pois da casca fazem cosimento, que dão a beber a os que padecem febres. O infuso da mesma casca é para lavar chagas; accrescendo que os negros a fazem beber a os enfermos e até lhes barram com o polme todo o corpo.

22.

Mudia-côro (Arbusto).

Mudia significa a que come, *côro* significa macaco. Nada posso dizer da sua flor, por não a ter encontrado em tempo proprio. As folhas são summamente brancas pelo reverso, como se tivessem sido borrifadas de cal. Os negros servem-se da raiz machucando-a, pondo-a d'infusão, seccando-a a o sol e fazendo-a em po a fim de a tomarem em ponche &c. Em duas palavras, usam d'ella como de um fortissimo estimulante dos órgãos da geração.

23.

Mupumpua (Arvore).

O infuso das raizes bebem os que teem gonorrhea ou bobões.

24.

Cacici-camuruqua pequeno — Escorcioneira (Herva).

É anti-febril; o cosimento das raízes se mistura com raspas de marfim e cascas de laranja. Com as folhas pisadas se uncta o corpo a quem padece febres.

25.

Buaze (Arbusto).

Suas folhas são miúdas, suas flores pequenas, do feitio das do gerzelin; e cheiram a pimenta da India. A semente é mesmo como a linhaça, em tamanho, cor e configuração: os negros se aproveitam do fio que dá, para fazerem redes de caça, pesca &c.

26.

Titifti (Arbusto).

Acha-se em logares pantanosos, em margens de rios e riachos. É muito aromático. Suas folhas se assemelham muito ás do *carungasúro* (n.º 1). D'ellas, misturadas com outras muitas deervas e plantas aromaticas, se faz cosimento; que se applica, em banhos semicupios, a quem padece tenesmo, e em fumigações para se transpirar copiosamente. Das raízes, feitas em pequenos bocados enfiadas em um cordel e trazidas a o pescoço, como tambem do perfume das mesmas e das folhas no quarto da cama, fazem uso aquelles que padecem sobresaltos quando dormem.

27.

Goóo (Arvore).

A sua flor é amarella e miuda, o fructo do tamanho de um grão e em cachos, que se conservam na arvore; á qual, em Julho, caem as folhas. Na casca pisada lançam agua fria e coam, ficando uma tinctura carregada; na qual vão depois deitando gradualmente agua fervida, até que fique em ponto de se beber. A o arguido de feiticeiro fazem tomar de 2 até 5 gamellas d'esta bebida. Se d'ahi resulta evacuação por baixo, é considerado feiticeiro; evacuando por cima, fica absolto. Da boa madeira, da qual os vambos moraves, que trabalham em ferros, fazem cabos e bainhas de facas.

23.

Mulôa (Arvore).

Recebendo um golpe, mostra immediatamente o leite que em si tem. A casca, na cor e grossura, parece cortiça; as folhas são longas; e ella cresce tanto como uma laranjeira. O cosimento das raizes é remedio para a tosse. O imperador Cazembe serve-se d'esta arvore, como nós nos servimos das velas; pois a manda rachar em pequenos e delgados pedaços, que ardem na sua residência. O mesmo uso lhe dão os reis e regulos moraves que se querem tractar com alguma dignidade.

Nhamucu-ucúu (Arvore).

O po da sua casca, cheirado, é remedio para as vertigens; e tem o mesmo effeito o vapor do cozimento das folhas, recebido na cabeça.

Musequesse (Arvore).

A sua flor primeiramente é um cacho, cujos botões, em quanto estão fechados, se parecem com pinhões avulsos; e, abertos, formam flores, compostas de 5 folhas brancas e pouco mais volumosas que os mesmos botões, tendo dentro varios alfinetes miudos, com as cabeças roxas-desmaiadas. Os botões que estão em cachos, em quanto não abrem, teem côr de amarello-queimado. Da flor sai uma vagem de palmo e meio de comprido, em forma de meia lua, tendo, dentro e em grandes distancias, os feijões que são chatos e como os de trepar, sendo a sua côr um amarello muito escuro. As folhas são parecidas com as da vide; as grandes applicam-se para feridas, as pequenas dão-se em chá a pessoas doentes do peito. A casca d'ella é grossa e muito rachada, parecida com a do muave, á excepção de ser a d'este menos aberta. A mesma casca fervida faz suspender os effeitos que os muaves produzem.

(Concluir-se-ha.)

DIREITO**PHARMACEUTICO PORTUGUEZ.**

Continuação da Chronologia de todos os Alvarás, Decretos e demais Leis relativas a os Pharmaceuticos, desde a Fundação da Monarchia Portugueza; contendo alguns Arestos de Legislação sobre Medicina e Cirurgia: começada a pag. 192.

N.º 6.

Dom Joham etc. a quantos esta minha carta virem faço saber que amtre os capitulos partyculares que a cidade da guarda me emviou pelos procuradores que della vyerão as cortes que fyz na villa dall-meirim este presemte ano de mil quinhentos quarenta e quatro vem huum de que o theor tall he = Item nesta cidade ha muita necesydade de huum solurgyão e buticayro que aquy agora estão e por a esterlidade da terra ser grande e frya e não terẽ nella fazemdas não querem aquy viver nem estar principallmente que com pouquo guanho que tem lhes he necessaryo pagarem ainda aluger de casas Pidimos por merce A vosa alteza dar Licemça pera que lhes sejam cada huum ano finlados dous mill reaaes quella bastarão pera alugees de casas dambos e com isto parece que sofrerão a terra e estarão nella = E avemdo Respeito ao que asy me pedem ey por bem que ha dita cidade posa dar em cada huum ano dous mil reaaes das Remdas do comcelho pera o pagamemto dos alu-geres das casas do solurgyão e butycairo e mamdo ao comtador dos Resydos e terças que lhos levem em

conta comstandolhe como foraõ paguos pera os ditos alugeres dada em a cydade devora a vinte dagosto martym de lemos a fez ano do nacymento de noso Senhor Jesu Christo de mil quinhentos quarenta e quatro anos amrique da mota a fez escrepver.

(*Livro 64.º da = Chancellaria do Senhor Rey D. João III. = a folhas 49 v.*)

N.º 7.

Senhor = eu visitei ora as boticas desta cidade por mamdado do fizico mor as quais achei todas muito defeituosas asi por nom terem as mezinhas necessairas e que eraom obrigados a ter, como porque as que tinhaõ muitas delas eraom corruptas e Imperfeitas he muito danosas e nenhum dos boticairos tinhaõ regimento nem pezos medicinais e nom avendo nelas o regimento me parece serem mais danosas para o pobo que proveitosas e me parece ser muito necesairo aver huum fizico exprementado neste Reino que tenha carguo de as visitar cada ano a custa ou com ordenado das Remdas do concelho desta cidade e dos mais lugares deste Reino do algarbe e asi se atalhara ao muito dano que astais boticas Imperfeitas causão, o que ffaço saber a Vosa alteza para que nisto proveja o que ouver por seu serviço noso Senhor o Real estado de Vosa Alteza garde por longos dias da vida de tavira a cinco de Julho de mil quinhentos cincoenta e quatro. do Juiz de fflora de tavira = maoel alvares.

(Corpo Chronologico = *Parte 1.ª, Maço 93, Documento. 2.º*)

N.º 8.

Dom Joham etc. faço saber a quantos esta minha carta virem que por o officio de meu botycayro ora estar vago per fallecimentto de mestre lopo considerando eu como o tall officio deve de amdar em pessoa que seja auta e sefeciante e de boa comeyem-cya como pera o tall carguo se requiere conhecendo de dioguo Romeyro de aramaro que asy niso como nas outras condigoes que pera o bem fazer e como compre a servyço de deus e meu o bem das partes deve ter e pessoa em que bem cabe e alem diso avem-do Respeito ao servyço que nelle tem feyto despois que serve ateguora e por lhe fazer merce o dou ora por meu botycayro asy como atequy o foy o dito mestre lopo com o qual officio ayera trezentos setemta e cimquo reaes de moradia cada mez e tres quartas de cevada por dia quando tyver cavallo pagua segum-do ordenança de minha casa e pera huum moço dozentos cimquoemta reaes por mes que he outro tanto como teve o dito mestre lopo segumdo mostrou per certydam de frameisco de Sequeira que ora per meu mandado serve de scripyam da matricula dos moradores de minha casa e dous mill setecentos e trinta e seis reaes de vestearia ordenada cadano e sua apousemtadoria e alojamento de casa e cama E mandando a thome de Sousa do meu conselho veador de minha casa que ho faça asemtar no Livro da dita matricula no titolo dos botycayros com ha dita moradia cevada e ordenado pera o moço e de como ficar asemtado pasara o scripvam da matricula sua certydão nas costas desta em que declare a quantas laudas do dito livro fica o dito asemto e mando ao di-

to thome de Sousa que ho meta em pose do dito officio e lho deyxer servir e dele usar na maneyra acima declarada e aver os proees e percallços que lhe directamente pertencerem sem lhe niso ser posta duvida nem embargo allguum porque asy he minha merce e elle jurara na chancellaria aos Santos evangelhos que ho syrva bem e verdadeiramente guardando em todo a mim meu serviço e as partes seu direito e por firmeza dello lhe mandey dar esta carta per mim haysynada e asellada do meu sello pependente dioguo lopes a fez em lizboa a oito dias do mez dagosto anno do nacemento de noso senhor Jesu Christo de mil quinhentos cincoenta e quatro.

(Livro 57.º da Chancellaria do Senhor Rey D. João III. = a folhas 109 v.)

N.º 9.

Eu elRey faço saber a quantos este meu allbarrarem que mestre gonçalo botycayro morador na villa de monte moor o velho me emviou dizer per sua pytyção que avya anos que servya a dita villa com seu officio de botycayro e que por ser pobre e nella se gastarem poucas mezyinhas se não podya sustentar pelo que requeria ao Juiz vereadores e officiaes da camara da dita villa que lhe dessem o que lhe bem parecesse das Rendas do comcelho della pera com isso ser melhor provido e elle se poder sustentar as quaes fizerao camara e ordenarao porlaccordo que diso fizerao que lhe fosem dados dous mill reaes em cada hum anno das Rendas do comcelho da dita villa em quanto elle usase nella ho dito seu officio e a dita villa e camara o ouyesem asy por bem com tanto que elle ouvesse pera iso minha provisao como mais largua-

mente se comtyuha no trellado do dito acordo que apresentava Pedimdomo que lhe mandase pasar minha provysão pera que lhe pudessem ser dados os ditos dous mill reaes em cada hum anno. E visto seu requerimento e o trellado do dito acordo scripto e asynado na outra mea folha atras per syllvestre chychoro scripvam da camara da dita villa ey por bem e me praz que os ditos Juiz e Vereadores e officiaes della que ora são e ao diamte forem posaõ dar da feytura deste em deamte ao dito mestre gonçalo os ditos dous mill reaes em cada hum anno das Remdas do comcelho da dita villa em quanto nella tyver botyca e os ditos Juizes Vereadores e officiaes forem diso comtemtes conforme ao dito acordo aos quaees mamdo que lhe cumpraõ inteiramente este allyvara como se nelle contem que ey por bem que valha e tenha força e vguor como se fose carta feyta em meu nome per mim hasynada e pasada por minha chamcellaria sem embargo da ordenação do segundo Livro titulo vinte que diz que as cousas cujo efeyto ouver de durar mais de hum anno pasem per cartas e pasamdo per allyvaras nam valhaõ beltesar da costa o fez em lixboa a desenove de novembro de mil seis centos cincoenta e quatro manol da costa o fez escrepver.

(*Libro 57.º da = Chancellaria do Senhor Rey*
D. João III. = a folhas 182 v.)

N.º 10.

Barão amiguo avendo Respeito aa necesydade que a villa de Serpa tem de aver nella hum boticayro que tenha botyca com todas suas mezynhãs que forem necesaryas pera os doemtes da dita villa e seu

termo e por mo enviarem pedyr o Juiz e Vereadores procurador homens boons e povo da dita villa ey por bem e me praz de lhe fazer merce de hum moyo de trigo em cada hum anno pera francisco coresma botiquairo que ora resyde na dita villa e esto em quanto o dito francisco coresma nella resydyr e tyver sua botiqua com as ditas mezynhas necessarias o qual moyo de trigo se lamçara per ordinaria nos harendamamentos das minhas Remdas da dita villa de Serpa do primeiro aremdamento que se dellas fizer em diamte pera aver de ser paguo ao dito francisco coresma aa custa dos Remdeiros quando as ditas Remdas forem arremdadas e quando não ha custa de minha fazenda Mandovos que façaes asemtar o dito moyo de trigo no Livro das ordinarias della pera lhe aver de ser paguo em cada hum anno na maneyra que dito he E ey por bem que este allvara valha e tenha força e vigor como se fose carta feita em meu nome per mim hasynada e pasada per minha chancellaria sem embargo da ordenaçam do segundo Livro que o contrario despoem Jorge da costa o fez em lixboa a vinte e cinco dias de Junho de mil quinhentos cincoenta e sete manael da costa o fez screper.

(Livro 54.º da Chancellaria do Senhor Rey D. João III. = a folhas 340 v.)

da Ordem dos Farmacêuticos

N.º 11.

Eu elRey faço saber a quantos este meu allvara virem que eu ey por bem e me praz que o licenciado lionardo nunez meu fisyquo moor posa apresentar os fisicos e boticairos que per ordenança da casa da mina ão de estar na cidade de saõ jorge da mina aos quaes sera dado o fato e embarcaçoes se-

segundo ordenança da dita casa por tanto o notefico asy e mando a dom gil iannes da Costa do meu conselho e veedor de minha fazenda que apresentando-lhe a tal pessoa este alvara e asynado do dito fsiquo moor porque o apresenta em hum dos ditos carguões e que he auto pera o servir lhe faça fazer carta em forma deles segundo ordenança na qual Carta setreladara este alvara de verbo a verbo pera se saber como asy o ouve por bem o qual quero que valha como se fose carta começada em meu nome e asellada do meu sello pendente sem embargo da ordenação do Segundo Liyro titulo vinte que despoem o contraíro. alvoro fernaõdez o fez em lizboa a onze de Novembro de mil quinientos cincoenta e nove = andre soares o fez screpver.

(Livro 1.^o de = Privilegios dos Senhores Reys.
D. SEBASTIÃO e D. HENRIQUE = a folhas 349.)

N.^o 12.

Eu elRei faço saber aos que este allvara virem que os Juizes vereadores e procurador da villa de benavemente me escreverão que por a dita villa ser doemtya e ter necesydade de hum botycayro se concertarão com migel fernandez botycayro pera que fose viver nella e tyvese botyqua com as mezynhas necessarias e se obrigarão de lhe dar e pagar em cada hum anno a custa das Remdas do comcelho coremta allqueyres de triguo e esto em sua vyda em quanto tyvese botyqua por elle não querer aceitar o dito carguo nem sair se e desafeyguesarse de sua terra em outra maneyra pedymdome os ditos officiaees da camara da dita villa que lhe confirmase o dito concerto por ser em muito proveito da villa e povo della e

visto o que me asy pedyam mandey ao ouvidor do mestrado davys que se emformase do que asy dizyam e fizesse chamar a camara todo o povo da dita villa e pessoas da governança della pera ver se heraõ todos dyso contemtes ao que foy por elle satysfeyto e me emviou o auto que diso fez o que visto ey por bem e me praz confirmarlhe o dito acordo pera que o dito migel fernandez aja e tenha em cada hum anno pela Remda do comcelho da dita villa os ditos comremta allqueyres de triguo paguos em cada hum anno em quanto tiver botyqua na dita villa e der as mezynhas necessarias pera o povo que lhe paguaraõ como vallerem sendo boas lie de Receber e Mando aos officiaees da camara da dita villa que ora são e ao diamte forem que lhe fação pagar os ditos comremta allqueires de triguo pela maneyra sobredita e esto com certidaõ do scripvam da camara de como tem a dita botyqua e mezynhas e vyve na dita villa e com a dita certydão e seu conhecimento seraõ levados em conta ao procurador ou pessoa que lhos pagar e quero que este allvara valha e tenha força e vyguor como que fose carta feyta em meu nome per mim asynada e pasada pela chamcellaria sem embargo da hordenação do Livro segundo titolo vinte que despoem que as cousas cujo efeito ouver de durar mais de hum anno pasem per cartas e não per allvaras o doutor Joham de haitros o fez em lixboa aos dezaseis do mes dabrill de mil quinhentos sessenta e hum e o dito botycayro levava certidaõ do fisyquo mor de como foy por elle examinado = Rey.

(Livro 6.º da = Chancellaria dos Senhores Reys
D. SEBASTIÃO e D. HENRIQUE = a folhas 351.)

(Continuar-se-ha.)

PEÇAS OFFICIAES.

Portaria do Ministério dos Negocios do Reino, pela qual Sua Magestade, A RAINHA, Se Digna Ordenar a todas as Auctoridades, especialmente Administrativas, a quem for opresentada, prestem, a os Commissionados d'esta Sociedade, todos os auxilios e protecção, que lhes solicitarem a bem da Analyse-chymica das diversas Aguas e outros productos Mineraes do Reino de que se acha incumbida.

MINISTERIO DO REINO.

3.^a REPARTIÇÃO.L.^o 4.^o — 1:069.

Achando-se a Sociedade Pharmaceutica Lusitana encarregada de proceder a analyse de diversas Aguas e outros productos Mineraes existentes no Reino; e convindo que tam importante serviço não soffra de longas nem estorvos, que embarcem o conhecimento que cumpre haver de taes productos pela summa vantagem que pode provir á Nação do progresso n'este ramo das Sciencias Naturaes, e do uso de muitas das riquezas do Solo ainda desconhecidas por falta de assiduas e bem dirigidas indagações: Manda Sua Magestade, A RAINHA, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, que todas as Auctoridades a quem esta for apresentada, especialmente as Administrativas de qualquer categoria que sejam, prestem a os Commissionados pela sobredicta Sociedade todos os auxilios e protecção que lhes solicitarem a bem dos trabalhos de que se acham incumbidos, e

lhes não ponham impedimento algum n'elles, antes lhes deem a coadjuvação que carecerem para o bom exito das suas diligencias, não so indicando-lhes quaesquer Minas que conste existirem em seus Districtos, Concelhos ou Parochias, mas solicitando e obtendo dos donos dos terrenos, em que estiverem situadas, a devida licença e auctorisação para se verificar o referido exame; e, para que assim o cumpram, Mandou A Mesma Augusta Senhora expedir a presente Portaria que vai Sellada com as Armas Reaes. Palacio das Necessidades, em quatro d'Outubro de mil oitocentos trinta e nove.

Logar das ARMAS REAES.

Julio Gomes da Silva Sanches.

Portaria do Ministerio dos Negocios da Fazenda, em que Sua Magestade, A RAINHA, Manda remetter á Sociedade uma porção d'Urzella para ser analysada.

1.ª REPARTIÇÃO.

Manda A RAINHA, pela Secretária d'Estado dos Negocios da Fazenda, remetter á Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em solução á sua Representação de 8 de Setembro proximo-preterito, a porção juncta da Urzella; a cuja analyse deve proceder, em virtude da Portaria de 27 d'Agosto do corrente anno, para o seu resultado ser presente á Comissão Permanente das Pautas. Paço das Necessidades, em 26 d'Outubro de 1839.

Manuel Antonio de Carvalho.

Correspondencia que tem havido entre a Sociedade e o Conselho de Saúde Publica do Reino, sobre diversos objectos da sua competencia.

Ill.^{mos} Srs., Presidente e Vogaes do Conselho de Saúde Publica.

A o Governo, contra a venda de preparados pharmaceuticos, feitos sem legal auctorisação, representou a Sociedade Pharmaceutica em 29 de Maio de 1837, e em 7 do primeiro-seguinte Julho teve por Despacho: « Está providenciado o objecto dos Supplicants no Regulamento de tres de Janeiro do corrente anno, cujo cumprimento se mandou recomendar a o Conselho de Saúde Publica. »

Sobre o mesmo abuso, lhe dirigiu novas Representações, a de 11 de Fevereiro e a de 2 de Março de 1838, cuja resposta foi esta: « Pelo que toca a o Governo, estão dadas as providencias que pela Lei tem cabimento, e solicite a mesma Sociedade directamente do Conselho de Saúde Publica, quando o julgar necessario, aquellas que são das suas attribuições, para provêr como for conveniente. »

No seu Aviso, inserto no Diario do Governo, n.^o 183, de 1838, (*) ameaça o Conselho os culpados,

(*) « A o Conselho de Saúde Publica do Reino constando que alguns Droguistas, tanto da Cidade de Lisboa como do Porto, vendem em suas lojas preparações que so são da exclusiva competencia dos Pharmaceuticos, o que, além de ser opposto ás Leis, fere os interesses d'esta Classe, e pode dar de si consequencias prejudiciaes á Saúde Publica. cuja fiscalisação superior pertence a o Conselho, que não obstante ter ja muito recommendado a fiscalisação d'este objecto, e de outros analogos, a seus empregados subalternos, lhe consta que alguns Droguistas reincidem no mesmo delicto; por isso o Conselho de Saúde, pelo presente edital não so re-

os transgressores da Lei a tal respeito. Mas, com o mais funesto menoscabo da Saúde Publica, teem continuado, em muitas partes do Reino e Dominios, as vendas de medicamentos simples preparados, e compostos, por individuos desmunidos d'approvação pharmaceutica, Droguistas, Herbolarios e Mercieiros.

Por tanto, a o Conselho de Saúde Publica do Reino pede, mui encarecidamente, a Sociedade Pharmaceutica Lusitana, se digne instruil-a da razão por que ainda continuam tantos e tamanhos excessos; ou dizer-lhe se não é sufficiente, para os fazer cessar, o disposto no paragrapho 3.º do Artigo 16.º, no paragrapho 4.º do Artigo 18.º e no Artigo 24.º do Decreto de 3 de Janeiro de 1837: a fim de, sabida a causa, endereçar uma energica Representação ás Côrtes, para que, por uma terminante e forte medida legislativa tirando-se essa causa, cesse o terrivel effeito.

Lisboa e Sala das Sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 8 de Janeiro de 1840.

Gregorio de Sousa Pereira,
Presidente.

José Dionysio Corrêa,
1.º Secretario.

Antonio de Carvalho,
2.º Secretario.

„ commenda a todos o cumprimento de seus deveres e das Leis, mas
„ passa a avisar as Auctoridades competentes, a fim de se formar cul-
„ pa a os delinquentes, e relaxarem-se a o Podêr Judicial, para se-
„ rem punidos com todo o rigor que a Lei manda. Lisboa, 30 de Ju-
„ lho de 1838. „ (Os Redactores.)

Ill.^{mo} Sr.

Em resposta á representação, datada de 8 do corrente mez, que a Sociedade Pharmaceutica dirigio ao Conselho de Saúde Publica do Reino elle me incumbe dizer-lhe = que a ley lhe dêo a inspecção e fiscalisação superior em todos os objectos, que forem da competencia da Policia Medica e Hygiene Publica, = que nos de não expressa execução sua, he, e tem sido sempre um Tribunal consultivo, = que so he responsavel pela execução de bũa ley quem daquella está por esta encarregado, = que a esta authoridade cumpre apresentar aos competentes Poderes do Estado os estorvos, que menos exequiveis medidas possam apresentar as leys = e que finalmente á Sociedade Pharmaceutica he pela Constituição do Estado garantido hum direito expresso no Art. 15. da mesma.

Deos Guarde a V. S.^a Lisboa 14 de Janeiro de 1840. = Ill.^{mo} Sr. Presidente da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

D.^{or} João Corrêa de Faria,
Fiscal.

Ill.^{mos} Srs., Presidente e Vogaes do
Conselho de Saúde Publica.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana tem meditado na resposta categorica dada, por mando de Vossas Senhorias, em 14 de Janeiro do anno corrente, á sua Representação de 8 do mesmo mez.

Vendo que, a despeito de suas Representações a o Governo, recommendação d'elle a o Conselho,

para que cumprisse o seu Regulamento, e Aviso do mesmo ameaçando os infractores da Lei, continuavam a vender-se preparados pharmaceuticos, feitos por individuos incompetentes, tomou a Sociedade o expediente que lhe pareceu mais adequado, pedindo a Vossas Senhorias quizessem dizer-lhe o motivo de tam perniciosa continuação, a fim de requerer ás Côrtes, no caso de ser insufficiencia da Lei, as necessarias medidas legislativas.

Agora, em presença da resposta do Conselho, julgou a Sociedade prudente recorrer ainda uma vez a elle, e, fundada nas diversas partes da mesma resposta, sem mais particularisações e circumloquios, avivar-lhe alguns precedentes pedidos, bem como fazer-lhe outros; de cuja concessão ou recusação fica pendente o seu futuro procedimento.

A Vossas Senhorias, por tanto, pede a Sociedade, 1.º, se dignem fazer cessar nas Drogarias, Herbolarias e Merciarías a venda de medicamentos da exclusiva competencia e Fóro Pharmaceutico; 2.º, pôr a mais efficaz vigilancia contra a existencia de boticas abertas sem Pharmaceutico approved; 3.º, mandar proceder ás visitas; 4.º, animadvertir sobre a qualidade do pão, farinha, arroz, carnes, toucinho, peixes, fructas, chá, café, assucar, chocolate, manteiga, leite, conservas, azeites, vinhos, vinagres, aguas ardentes, liquores, &c.; 5.º, dar as necessarias providencias para que se extirpe o desastroso uso de utensilios de cobre e estanho, nas casas de pasto; 6.º, finalmente, prohibir a venda e uso d'utensilios de barro vidrado ordinario, tam subjeitos, como aquelles, a ser atacados pelos acidos e outras substancias; com risco de ceder chumbo e, algumas vezes, arsenico a os alimentos.

Lisboa e Sala das Sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 9 de Fevereiro de 1840.

Gregorio de Sousa Pereira,

Presidente.

José Dionysio Corrêa,

1.º Secretario.

Antonio de Carvalho,

2.º Secretario.

Ill. mos Srs.

O Conselho de Saude Publica do Reino em resposta á Representação da Sociedade Pharmaceutica de 9 do corrente mez, e recebida a 15 do mesmo, me incumbe dizer-lhe = 1.º que as suas indicações estão implicitas na primeira parte da resposta conciza, e cathgorica que o Conselho lhe deu em 14 de Janeiro ultimo, o que tem cumprido, e continua a cumprir pelos meios legaes: 2.º que a Sociedade deve ficar na intelligencia, de que se a todos he imposta a obrigação de executar as Leys, a ninguém he permittido d'ellas exorbitar; e que he só ao Poder competente do Estado a quem cumpre alteralas como for justo e á Nação conveniente, e como o Conselho não he omnipresente, em quaesquer factos especiaes, que lhe forem denunciados, elle porá em rigorosa execução as Leys que muito sabe respeitar.

Deos Guarde a V. S.^a Lisboa 22 de Fevereiro

de 1840. = Ill.^{mos} Srs. Presidente e Secretários da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

Pelo Fiscal, o Vogal

João José de Sousa e Silva.

Officio da Sociedade á Associação dos Advogados de Lisboa, acompanhando quatro Quesitos, relativos a Exames de Pharmacia, sobre os quaes a consulta. ()*

SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA.

5.^o Anno. — N.^o 66.

Ill.^{mo} Sr. = Em nome da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, tenho a honra de levar ás mãos de V. S.^a os inclusos quatro Quesitos, para que V. S.^a, como digno Secretario da Illustre Associação dos Advogados de Lisboa, se digne levar-os a o conhecimento da mesma Associação; solicitando a Sociedade o obsequio do seu voto sobre os assumptos que tractam, em utilidade da Sciencia e Classe Pharmaceutica Portugueza.

A Sociedade, confiada na benignidade da Illustre Associação dos Advogados, pede e espera este especial favor; assim como o de saber o dia e hora da Sessão em que tiverem de ser discutidos os mesmos Quesitos, para que possam alguns de seus Membros assistir á discussão.

(*) Uma Proposta feita, pelo nosso Consocio, o Sr. Francisco Mendes Cardoso Leal Junior, em Sessão de 29 de Setembro de 1839, motivou esta correspondencia com a Associação dos Advogados de Lisboa; e a que se segue com as Escolas do Reino. (Os Redactores.)

Deus Guarde a V. S.^a Lisboa e Sala das Sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 29 de Novembro de 1839. = Ill.^{mo} Sr. *Antonio José Di-que da Fonseca*, Secretário da Associação dos Advogados de Lisboa. = José Dionysio Corrêa, 1.^o Secretario.

Quesitos a que se refere o Officio supra.

1.^o

Se o Jury especial para os Exames de Pharmacia, creado pelo Art.^o 135.^o do Decreto de 29 de Dezembro de 1836, pode fazer Exames a os Aspirantes Pharmaceuticos que não tiverem frequentado o Curso theorico e practico, d'outra forma que não seja a dos Exames vagos estabelecidos no Art.^o 136.^o do mencionado Decreto?

2.^o

Se os Aspirantes Pharmaceuticos que, na conformidade do §. 19.^o do Alvará de 22 de Janeiro de 1810, tiverem acabado o seu tempo de practica, antes da publicação do Decreto de 29 de Dezembro de 1836 e que ainda não tenham feito Exame, estão sujeitos a os Exames vagos determinados no Art.^o 136.^o d'este Decreto, ou a os estabelecidos no §. 20.^o d'aquelle Alvará?

3.^o

Se os mesmos Aspirantes, havendo começado o tempo de practica segundo o supradicto Alvará de 1810, e vindo-o a concluir depois da publicação do Decreto de 29 de Dezembro de 1836, devem fazer Exame conforme o Alvará ou o Decreto?

4.º

Se o §. 20.º do Alvará de 22 de Janeiro de 1810 caducou com a determinação dos §§. 12.º, 13.º e 14.º do Art.º 16.º do Decreto de 3 de Janeiro de 1837, e estes, com a execução do Art.º 136.º do Decreto de 29 de Dezembro de 1836?

Resposta da Associação dos Advogados de Lisboa a os ja citados Quesitos.

CONSULTA N.º 100.

Os Advogados abaixo assignados, reunidos em Conferencia na conformidade dos seus Estatutos, cingindo-se á razão historica dos Decretos de 1836 e de 1837, razão que, segundo as regras da Hermeneutica Juridica, serve de facho a o J. C. quando entra no escuro recinto de uma Lei duvidosa para obter o espirito com que foi concebida, são, salvo o melhor do seguinte parecer.

Que sendo a Chymica e Botanica, para assim dizer, como duas Colonias de que a Pharmacia se sustenta e prove, tirando d'ellas, se não todas, por que tambem tira da Zoologia algumas substancias animaes, pelo menos a maior parte das drogas que entram na manipulação dos compostos que ella prepara e avia, era forçoso que, os que a ella se quizessem dar, tivessem um Curso regular de cada uma d'estas duas disciplinas, ou, quando o não tivessem, passassem por exame vago das mesmas disciplinas; pois a Saúde Publica muito se doia e extranhava, que se exigissem dos Facultativos, que apenas recei-

tam, conhecimentos cabaes d'estas duas Sciencias, e não se exigissem estes mesmos conhecimentos dos Pharmaceuticos, que são os que preparam e aviam estas mesmas receitas: quando, por isso, estes teem mais precisão de conhecerem as plantas e productos chymicos pelos seus caracteres externos, para os poder extremar, e não confundirem os proficuos com os nocivos; do que aquelles, a quem so cumpre o conhecel-os pelos seus effeitos salutaes, o que podem muito bem alcançar pela simples leitura sem a presença ou conhecimento externo das mesmas plantas e productos de que fazem uso nas suas receitas.

Para tirar, pois, a Pharmacia de uma practica rotineira e empirica que a tornava uma farragem de mézinhas, e eleva-la a categoria d'arte scientifica, como lhe cumpria, e pô-la em harmonia com os privilegios e qualificada nobreza de que os Pharmaceuticos, desde muitos Seculos, n'este Reino gozam; quer seja pelo seu importante prestimo e inteira confiança que n'elles se põem, pois que, além da sciencia, se exige d'elles uma summa probidade que a nobreza, que lhes foi outorgada, deve inspirar-lhes quando a não tenham de índole e caracter, quer seja pela grande mingoa que nos primeiros tempos da Monarchia d'elles havia que, so convidados, vinham de fora do Reino, é que foram promulgados os dous Decretos supradictos: dando-se pelo primeiro uma nova forma a o Exame dos Aspirantes á Pharmacia, o qual senão pode fazer hoje sem 8 annos de practica, pelo segundo se designou provisoriamente, por em quanto se não criam novas escholas, perante quem se devem fazer semelhantes exames, que devem ser feitos perante o Conselho de Saúde; ficando, por meio d'estes

dous Decretos, inteiramente abrogado o Alvará de 22 de Janeiro de 1810, não so porque elles estabeleceram uma nova forma mais severa de Exame, como é o vago, a que os Aspirantes á Pharmacia não podem ser admittidos sem os 8 annos de practica: mas, porque a auctoridade, que d'antes a elle presidia, deixou de existir, servindo o tempo de practica decorrido antes da promulgação dos dictos Decretos, a os que os tem, para se levarem em conta nos 8 annos de novo prescriptos.

Com quanto seja dura esta nova forma de Exame, o perigo eminente com que todos os dias estava ameaçada a Saúde Publica pela empiricia dos Pharmaceuticos mui ligeiramente habilitados; os progressos que estas duas tão uteis Sciencias, ha tempos para cá, tem feito em todo o mundo scientifico, e que se espera que entre nós o façam pelas novas Escolas que, além da Universidade, se tem creado n'esta Côrte e no Porto, e se promette ainda mais crear em outros Logares do Reino, é que movêram o Governo a tornar esta tão providente como salutar medida da reforma de habilitação dos Pharmaceuticos em bem da Saúde Publica, ainda que com sacrificio de alguns pequenos interesses que soffrem os Aspirantes que já estavam iniciados no tirocinio da Pharmacia: porque estes lhes ficam compensados com a nova consideração de que ficam depois gozando com a nova forma de Exame.

Em vista de tudo isto que fica expôsto, os infra-escriptos Advogados respondem em globo a todos os Art.^{os} da maneira seguinte = que o Jury especial creado pelo Art.^o 135.^o do Decreto de 29 de Dezembro de 1836, não pode fazer o Exame a os Aspirantes á Pharmacia que não teem um Curso theorico e

practico, de outra forma que não seja o vago, na forma que estabelece o Art.º 136.º do mencionado Decreto, isto ainda mesmo que os Aspirantes tenham antes da promulgação dos dictos Decretos, ja completados os 4 annos de practica, e muito menos os que ainda não completaram; porque o Alvará de 22 de Janeiro de 1810, que os habilitava assim para o Exame; caducou pela disposição dos §§. 12, 13, 14, do Decreto de 1837: assim como estes tambem cessaram por serem provisórias as suas determinações, por em quanto senão creavam as Escolas d'estas disciplinas, as quaes ja se acham estabelecidas e por isso n'ellas é que se devem fazer os requeridos exames como determina o Art.º 136.º do Decreto de 29 de Dezembro de 1836.

Sala da Associação dos Advogados de Lisboa, em 29 de Janeiro de 1840. = Manuel Felix de Oliveira Pinheiro, *Presidente*. = João de Sousa de Santos Ferreira. = José Maria da Costa Silveira da Motta. = Luiz Duprat. = João José de Freitas Aragão. = Francisco Rodrigues Isaac. = Manuel Antonio Verdades. = Antonio Alberto de Assis. = Manuel Maria Coutinho de Albergaria Freire. = Isidro Barbosa da Silva Chaves. = José Fortunato Freire Themudo. = Francisco Diogo de Magalhães Araujo Costa. = Joaquim Marques Paul. = Joaquim Raphael do Valle. = Antonio José Dique da Fonseca, *Secretario*.

Officio da Sociedade á UNIVERSIDADE DE COIMBRA, offerlando-se-lhe a Cópia do Parecer da Associação dos Advogados de Lisboa, sobre Exames de Pharmacia.

SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA.

5.º Anno — N.º 128.

Ill.^{mo} Sr. — Em nome da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, tenho a honra de remetter a V. S.^a o incluso documento, para que se digne apresental-o a o Illustre Corpo Cathedratico da Universidade de Coimbra, a quem a mesma Sociedade o offerece; o qual é a Cópia do Parecer da Associação dos Advogados de Lisboa, sobre uma questão de que a Sociedade se occupou, por espaço de oito Sessões: e diz respeito á forma d'Exames de Pharmacia, effectuados na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, para com os individuos habilitados a Pharmaceuticos antes da publicação do Decreto de 29 de Dezembro de 1836.

A Sociedade pede desculpa d'este offerecimento, e roga á Universidade de Coimbra se digne accceital-o, benigna, bem como os protestos da sua intima affeição e profundo respeito.

Deus Guarde a V. S.^a Lisboa e Sala das Sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 8 de Março de 1840. = Ill.^{mo} Sr. *Secretario da Universidade de Coimbra.* = José Dionysio Corrêa, 1.º Secretario.

Na mesma conformidade e data se dirigiu ou-

tro á *Eschola Medico-Cirurgica do Porto*, com o n.º 129. (*)

Officios, da Universidade de Coimbra, Escolas Medico-Cirurgicas de Lisboa e Porto, agradecendo a offerta, da Copia do Parecer da Associação dos Advogados de Lisboa, feita pela Sociedade.

Ill.^{mo} Sr. = Accuso a recepção do Officio que V. S.^a me dirigiu em nome da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, acompanhando a Copia do Parecer da Associação dos Advogados de Lisboa, sobre uma questão de que a Sociedade se occupou e diz respeito á forma d'Exames de Pharmacia. E tenho a honra de communicar a V. S.^a que fiz entregue do dicto Officio e Parecer a o Lente da quarta Cadeira da Faculdade de Medicina, e Director do Dispensatorio-Pharmaceutico d'esta Universidade, para ser guardado no respectivo Archivo; o qual o recebeu com a consideração que merece a delicada offerta da benemerita Sociedade Pharmaceutica: auctorizando-me para declarar a V. S.^a que, n'esta Eschola, se tem observado o dicto Parecer quanto á forma dos referidos Exames.

Deus Guarde a V. S.^a Secretaria da Universidade, em 31 de Março de 1840. = Ill.^{mo} Sr. José Dionysio Corrêa, Primeiro Secretario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. = *Vicente José de Vasconcellos e Silva.*

(*) Uma Deputação composta dos Consocios, os Srs., *Bernardo José dos Reis, Pedro Ferreira Norberto e Manuel Teixeira Malheiro de Figueiredo*, apresentou, a o Sr. Director da *Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa*, egual Copia do referido Parecer que a esta foi offerecida.

Ill.^{mo} Sr. = Cumpre-me fazer saber a V. S.^a, para o fazer constar á Sociedade Pharmaceutica Lusitana, que, o Conselho da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, tomou em consideração os quatro Quesitos que a mesma Sociedade apresentou á Associação dos Advogados; como tambem tomou em consideração a Consulta dos mesmos Advogados.

Deus Guarde a V. S.^a Lisboa, 2 d'Abril de 1840. = Ill.^{mo} Sr. José Dionysio Corrêa, Primeiro Secretario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. = *Antonio Joaquim Farto*, Director da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa.

Ill.^{mo} Sr. = Tendo apresentado a o Conselho Escholar o Officio que V. S.^a se serviu de me dirigir, na data de 8 de Março proximo-preterito, e bein assim a Cópia da Consulta e Parecer da Associação dos Advogados de Lisboa, que elle acompanhava, ácerca do modo porque devem ser examinados os Aspirantes Pharmaceuticos que não houverem frequentado o Curso respectivo em algumas das Escolas Medico-Cirurgicas; incumbiu-me o mesmo Conselho de agradecer á Sociedade Pharmaceutica Lusitana o recebimento do citado Officio, e de não menos louvar os desejos e esforços que emprega por aperfeiçoar a Arte de Pharmacia, que tantos serviços presta á Humanidade. V. S.^a se dignará de levar todo o referido a o conhecimento da mesma Sociedade.

Deus Guarde a V. S.^a Porto e Secretária da Eschola Medico-Cirurgica, 28 de Abril de 1840. = Ill.^{mo} Sr. Secretario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. = *Januario Pires Furtado Galvão*, Secretario.

Relatorio dirigido á Sociedade, pelo seu Delegado no Porto, o Sr. FRANCISCO BERNARDO DOS SANTOS, sobre diversos objectos existentes no seu Districto Delegativo; em virtude das attribuições pela mesma concedidas aos que desempenham aquella Commissão.

III.^{mo} Sr. = As attribuições dos Delegados da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, e por ella ultimamente approvadas, em quanto se não discute o seu Regimento Interno, me impõe o dever de executar algumas de suas determinações, pelo Cargo que exerço e que pela mesma me foi conferido.

Descrevendo algumas das particularidades de que tenho a tractar, quizera ser mais minucioso na exposição de varios objectos, como são — *Minas — Aguas-Mineraes*, &c. &c.; mas causas, que não são estranhas á Sociedade, me impedem de o fazer como devêra e é meu desejo.

Tractando das Minas, mencionarei duas que, pôsto sejam de carvão de pedra, d'ellas se extrahê algum antimonio, ainda que em mui diminuta quantidade; o qual é remettido á Fundição d'essa Capital pela Administração d'estas Minas: tambem não esquecerêi uma d'estanho, dos diversas d'antimonio, arsenico e enxôfre. Do que expor fui informado por pessoas dos sitios em que se acham as referidas Minas.

Ja fiz vêr á Sociedade que se havia marcado terreno para a exploração da mina d'azougue, que appareceu n'esta Cidade, a que ainda se não deu principio, e a meu vêr tarde se dará visto demandar expropriações de grande valôr, que a Sociedade ex-

ploradora não poderá apprehender; todavia serei prompto em relacionar, segundo minhas forças e como pede o dever, os resultados que houver, se por ventura se começar a emprêza.

Agua-mineraes, na Comarca da minha jurisdição, não as ha senão — ferreas — em tres origens, que a baixo mencionarei, das quaes ja em outro tempo fallei á Sociedade, manifestando desejos de que fossem analysadas.

Não tenho noticia de que, na referida Comarca, existam pantanos, charcos ou fontes, que prejudiquem a Saúde Publica.

Ultimamente farei abbreviada menção das fabricas de cortumes de pelles e das de vélas de sêbo, &c, que possue esta Cidade.

Mas, antes de dar principio á exposição dos objectos de que tenho a tractar, e dos quaes a cima faço menção, referirei a V. S.^a e á Sociedade o seguinte.

Antes da criação das Escolas Medico-Cirurgicas, em 1825, iam examinar-se a Guimarães (uma das Villas notáveis da Provincia do Minho) varios individuos que apprendiam Cirurgia, com receio de não passarem aqui, onde suppunham mais rigor; nem era exclusivo d'estes similhantes digressões! tambem os que frequentavam Pharmacia, nas differentes terras, pela mesma causa alli se dirigiam, certos de que voltavam approvados. Trazendo de mais longe esta particularidade, quero chamar a attenção da Sociedade a este fim.

Providenciando e regulando a maneira dos Exames de Pharmacia, prohibe a Lei de 3 de Janeiro de 1837 que estes, desde certa epocha em diante, tenham logar fora das citadas Escolas; em consequen-

cia unicamente n'estas se deveriam fazer taes Exames, porque o contrario seria em contravengão da Lei.

Não obstante consta-me que, n'estes ultimos tempos, se tem procedido a Exames de Pharmacia n'aquella Villa, e que não podendo pôr datas exactas, que abranjam as disposições, aliás terminantes, da referida Lei, para conseguirem o seu fim, formam Autos de Exames com datas anteriores.

Ja a Sociedade, em identicas circumstancias e segundo penso menos ponderosas, representou a o Conselho de Saúde Publica do Reino, em virtude de informações do seu Delegado em Faro, que alli se havia feito contra Lei um Exame de Pharmacia; o Conselho providenciou a ponto de fazer invallidar semelhante Exame, compellindo a outro legal, que teve logar n'essa Côte.

Talvez seja sua intima convicção de que se acham legalmente examinados; e que muitos filhos de Pharmaceuticos bem cedo vão substituir os paes, ou estabelecer-se sobre si!

Estes factos, pôsto não tiveram logar na Comarca de minha jurisdicção, e por isso me não compita denunciá-los; com tudo, desvelado pelo cumprimento da Lei, não menos que pela Saúde Publica, os aponto, para que, em presença d'elles, a Sociedade obre o que intender e julgar util.

Minas.

Na distancia d'uma e meia a duas leguas d'esta Cidade, correndo para o Nascente, na Freguezia de S. Pedro da Cova, Concelho de Gondomar, ha duas minas abertas, na direcção de Norte a Sul, entre duas serras; d'onde se extrahie carvão de pedra em

abundancia, que abastece esta Cidade, apparecendo com elle algum antimonio. Uma d'estas minas é aberta no Passal d'Abbadia, juncto á Egreja Parochial (S. Pedro) que, por ficar em uma baixa, lhe chamam S. Pedro da Cova; e a segunda, no sitio de Vallinhas a mui pouca distancia.

Na Villa de Vallongo, duas leguas d'esta Cidade, tambem para o Norte, ha, voltadas a o Sul, varias minas d'antimonio e de outro mineral; que me dizem recusam mostrar; quem sabe se será prata ou ouro?!

Egualmente para o Nascente da citada Villa, legua e meia, e consequentemente tres e meia d'esta Cidade, se encontra ãa mina voltada a o Norte, da qual se extrahе assaz de arsenico e enxofre. Ignoro o processo que empregam para a separação d'estes mineraes; como tambem se existem misturados com alguma outra substancia.

Finalmente, em Revordoza, uma legua para o Norte da ja referida Villa, por consequencia tres d'aqui, voltada a o Sul existe outra mina, aberta em sitio montanhoso, d'onde se extrahе estanho e antimonio.

Sahe este, das referidas minas, d'aquella Villa (Vallongo) no estado pedregoso, o estanho no argiloso e o arsenico e enxofre no calcario.

Aguas-férreas.

Aguas-férreas — cuja origem deu o nome a uma rua para o Norte, na extremidade d'esta Cidade, na Freguezia de Cedofeita, e em um dos bairros ou Districto d'este nome. Em um terreno, hoje do Publico, que serve de logradouro das lavadeiras de rou-

pa, pela proximidade d'um pequeno rêgo d'agua que alli corre, e aonde lavam; n'este terreno, digo, existia uma origem antiga d'aguas-ferreas, mas inteiramente desprezadas. Haverá 12 a 15 annos edificaram (ignoro se as Obras Publicas, se José de Sousa Mello, proprietario d'uma quinta contigua) um chafariz com duas bicas d'agua commum, que nasce perto, para o qual se desce doze a quinze degraus, mas com suavidade, por vir de longe o declive. Este chafariz é bem construido e de excellente perspectiva.

À direita d'estas bicas, n'uma especie de pateo, que serve de pavimento a o chafariz, para o lado direito d'este, apparece uma pia, talhada na pedra, que tem de profundidade palmo e meio sobre tres a tres e meio de extensão e dous de largura; da qual rebenta, por uma fenda, um borbulhão d'agua-ferrea. Desde 1832 é fechada a dicta pia, parte por uma capa de pedra e parte por uma chapa de ferro com cadeado e chave; devido isto á Camara Municipal d'esta Cidade, talvez pela necessidade, que n'aquelle tempo havia, em consequencia de ficarem fora do cêrco outras origens ferreas, e por diligencias d'algun Medico que então fosse Camarista: o certo é que uma mulher, a qual habita alli perto, e a quem a mesma Camara paga a casa, tem a chave d'este cadeado para, em tempo proprio, as franquear a o Publico, com a obrigação de egualmente ministrar copos, o que lhe produz algum interesse.

São hoje estas aguas mui visitadas; não sei se por sua qualidade, se por ficarem mais perto, e offerecerem um passeio commodo a os que habitam o centro da Cidade. A agua é transparente, gosto proprio, e deposita no fundo da pia trit'oxydo de ferro.

Furamontes, distante d'esta Cidade $\frac{1}{2}$ de legua pa-

ra o Nascente, na Freguezia de Campanhã, Concelho d'esta Cidade, em terreno do Publico e na profundidade de doze a quinze palmos, brota, d'entre umas pedras de granito, uma pequena fonte d'agua-ferrea, voltada a o Sul. D'estas aguas, conduzidas em pequenas garrafas, pois que a distancia difficultava a sua bebida alli, se fazia grande uso antes do assedio d'esta Cidade; uso que sensivelmente diminuiu depois do melhoramento das que acima designei.

S. Christovão de Mafamude, no Concelho de Villa-Nova de Gaya, Comarca d'esta Cidade, e d'ella distante um quarto de legua para o Sudoeste, juncto á Igreja Parochial d'aquella invocação (S. Christovão), na mesma direcção borbulha uma pequena fonte d'agua-ferrea, que alli vão beber as pessoas d'aquelles contornos: algumas garrafas são conduzidas para esta Cidade, porém em mui pouca quantidade, pelas razões ja dictas. Tanto esta como a precedente, são transparentes, gosto proprio e deposito ocraseo.

Fabricas.

As fabricas de cortumes de pelles de carneiro, vitella, cabrito &c., que estavam situadas n'uma das extremidades d'esta Cidade para o Nascente, foram, pela Camara Municipal, mandadas remover, na mesma direcção, para mais longe de moradores a quem podiam ser nocivas. As de pelles de boi, ou por determinação da Auctoridade Publica ou por interesse particular, ha mui-to que existem a convenientes distancias nos arredores d'esta Cidade, e por isso sem prejuizo da Saúde Publica.

Tambem as de velas de sebo, que tão incommodas se tornavam a os moradores proximos, espe-

cialmente quando o derretiam, estão removidas para sitios distantes. Beneficio igualmente devido á Camara Municipal.

N'esta parte muito ha melhorado esta Cidade, e continuará a melhorar quando o actual matadouro, que assás penoso é, mormente a os habitantes visinhos, em consequencia das materias animaes que alli se putrefazem, e da falta d'agua para lavar as materias sêccas, sangue, &c., se transferir para o novo matadouro, que a o Norte da mesma se erige. Algumas causas hão retardado a conclusão de tão util como necessaria obra; todavia a Camara, pelos meios a seu alcance, se exforça por conclui-la: — assim os seus moradores podessem desfructar outros bens, dos quaes passo a tractar.

Existe aqui um grave inconveniente, resultado da antiga construcção das casas; e, pôsto algum tanto se tenha modificado, com tudo ainda pede attenção e providencias: fallo das cloacas ou latrinas, no exterior das casas que, a pesar de todas as cautelas, as infectam, tornando mais insupportaveis os gazes, quando estão em fermentação as materias sêccas. Cessado tem em parte taes inconvenientes, adoptando-se, em modernas construcções, a sua collocação no fundo das casas, e fazendo-lhe a communicação por fora com varandas fechadas; mas ainda elles não desapparecem de todo — resta a extracção dos estrumes que, pôsto se faça uma ou duas vezes, em cada anno, todavia fôrça é tiral-o pelo interior d'ellas, e por essa occasião o gaz hydrogenio-sulphurado desinvolver-se com extrema actividade: o que, além de incommodo, ataca as tintas feitas em caes de chumbo.

Este ultimo inconveniente deseja a Camara re-

mover mandando construir canos-mestres nas ruas, para a estes serem conduzidos canos-parciaes das casas que, com as aguas das cosinhas lavando as latrinas, a elles vão desaguar: projecto que ja em algumas ruas se tem levado a effeito, e por essa razão as casas são mais saudaveis. Outro expediente quizerá se adoptasse; o qual alguns particulares (muito poucos) teem pôsto em practica: — mandar construir, nos telhados, calhas para, em tempo de chuvas, introduzindo nas latrinas toda a agua d'elles, assim as lavar melhor. Com o tempo tudo isto se irá melhorando, a o passo que for possível.

Delegação da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, no Porto, em 29 de Março de 1840. = Ill.^{mo} Sr. José Dionysio Corrêa, Primeiro Secretario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. = *Francisco Bernardo dos Santos*, Delegado.

DIVERSIDADES.

Observações practicas sobre a plantação do Malvaisco, Carrapateiro e Algodoeiro, feitas pelo Membro Effectivo, o

SR. BERNARDO JOSÉ DOS REIS.

Malvaisco.

Em uma porção de terreno, do comprimento de 15 palmos e 10 de largura, semiei malvaisco e, conservando-o na terra perto de dous annos, colhi, fin-

do este tempo, 18 arrateis de raiz sêcca de boa qualidade, e 2 e meio arrateis de linho da mesma planta; cujas amostras existem no Gabinete da Sociedade. Este resultado mostra que, á nossa incuria unicamente, devemos a importação d'este e d'outros objectos e, consequentemente, a sahida de repetidas e avultadas sommas para o estrangeiro.

O terreno, em que ensaiei esta experiencia, não pode levar mais sementeira que a terça parte de um selamim de trigo.

Carrapaleiro.

Na Primavera de 1836 plantei doze carrapateiros e, no seguinte anno, produziram 44 arrateis de semente, que, correspondendo a cada um 6 onças d'oleo, prefaz 16 e meio arrateis d'este producto: em 1838 produziram 100 arrateis da predicta semente, não obstante haver-lhes cortado muitos ramos.

Do expendido se conhece que, o oleo das sementes d'esta planta, além da utilidade resultante do seu emprêgo em Medicina, vantajosamente se pode usar d'elle na illuminação da Cidade de Lisboa. Esta, em cada anno, consome aproximadamente 9:600 almudes d'azeite, cada um dos quaes, suppunhamos custa (preço medio) 2\$400 réis, temos logo 23:040\$000 réis; despesa que se poderia fazer com 5:000\$000 réis, ficando o restante a favor do cofre do Municipio.

Lembro que os immensos baldios das serranias do Algarve são terreno proprio para esta plantação, a qual, sôbre enriquecer a Provincia de mais um bello producto-agricula, vai derramar assaz de interesses entre os respectivos Povos. A despesa com a

plantação talvez, conforme os meus calculos, não exceda a somma de 2:304\$000 réis, entrando a cultura e a expressão do oleo ou azeite.

Algodoeiro.

Não é menos proprio o Algarve para a sementeira do algodoeiro. Em Lisboa ja eu tive occasião de colhêr, d'um algodoeiro de dous annos, 8 onças de algodão tam bom como o melhor de Pernambuco; a sementeira é da maneira seguinte: plantem-se, em 45 palmos quadrados de terreno, 49 plantas d'algodoeiro, cada uma das quaes, dando 4 onças d'algodão, pêsso minimo (pois da que observei colhi 8 onças), devem todas junctas produzir 12 arrateis e 4 onças; que, vendidos a 140 réis por arratel, importam em 1\$715 réis.

O mesmo terreno, semeado de trigo, poderá produzir um alqueire de semente, e este valer 400 réis; d'aqui resulta um acrescimo no valor de 1\$315 réis, que tanto aquelle excede este producto: — uma similhante e proporeionada ventagem se dá com a sementeira do malvaisco como do respectivo logar se pode colhêr. A despesa com a sementeira do algodoeiro não sobrepija a que se faz com a do trigo; e com a duplicada utilidade de empregar grande numero de braços, e ficar no paiz o numerario que se despende com a importação d'este genero.

Passagem das Reflexões sobre um Breve Commentario, inserto em o n.º 5.º do Tomo 2.º do Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana; feitas pelo Sr. Dr. FRANCISCO IGNACIO DOS SANTOS CRUZ, e publicadas na Primeira Parte do Tomo 5.º dos Annaes do Conselho de Saúde Publica do Reino, a pag. 114.

.....
« Sejam os francos; embora elogie quanto quizer
» os Pharmaceuticos portuguezes, refira os encomios,
» que eu e meos Collegas lhes temos prestado; diga-se
» a verdade pura, o que eu tenho observado, e o que
» o Sr. J. D. não deve ignorar — *Mihi Galba, Otho;*
» *Vitellius, nec beneficio, nu injuria cogniti* — Por-
» tugal tem Pharmaceuticos mui benemeritos, e as-
» saz instruidos, assim na Pharmacia, como nas scien-
» cias suas auxiliatrizes, alguns ha, que transcendem
» a outros conhecimentos, raros são em verdade, mas
» esta raridade não se observa só no nosso paiz, tam-
» bem se encontra na França, Inglaterra, &c. Hum
» Cadet de Gassicourt, hum Pármentier, hum Pelle-
» tier, hum Labarraque, hum Chevallier, &c. &c. só
» apparecem de tempos a tempos assaz longos, e se
» por agora não temos tido nós hum homem igual a
» qualquer destes, — tempo virá, em que possuamos
» muitos delles, o pessimo sistema dos estudos entre
» nós até hoje he disto a razão sufficiente.

« Com effeito se nenhum Pharmaceutico em Por-
» tugal ainda se fez tão notavel por seos escriptos e
» descobertas, como qualquer dos acima repetidos, he
» unicamente isto devido não só á pouca considera-
» ção, que injustamente se dava a esta tão util, como

» respeitavel classe, mas tambem aos quasi nullos co-
 » nhecimentos, que se exigião para se approvar hum
 » Pharmaceutico. A nossa questão porém he mui dif-
 » ferente, longe de mim a idea de ferir nem levemen-
 » te a classe Pharmaceutica, que eu respeito; nella
 » existem homens instruidos e benemeritos, assim o
 » digo d'alto e bom som, porque he esta minha con-
 » vicção, e já por outras vezes o tenho dito: o Sr. J.
 » D. pois neste sentido unico he que devia tomar nos-
 » sas expressoens. Quem ferio a classe Pharmaceutica?
 » dizer por ventura que as boticas necessitão de hũa
 » seria, e rigorosa fiscalisação, he dizer que os Boti-
 » carios são ignorantes, ou tem todos as boticas mal
 » arrançadas? he hũa temeraria conclusão, ella segun-
 » do as regras de hũa boa logica não se contem nos
 » principios: precisão desta seria fiscalisação, porque
 » ha em Portugal muito más boticas, e Boticarios
 » mui pouco instruidos mesmo só na sua arte. »

Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL

DA
SOCIEDADE
PHARMACEUTICA
LUSITANA.

TOMO II.

6.º ANNO.

NUMERO VIII.

SAÚDE PUBLICA.

*Conclusão dos Quadros de Toxicologia, para uso dos
Pharmaceuticos e Alumnos de Medicina; come-
çados a pag. 5.*

APPENDICE.

PROCESSOS PARA IMPEDIR OS ACCIDENTES QUE PODEM
RESULTAR DA MORDEDURA DOS ANIMAES DAMNA-
DOS OU DA VIBORA, E BEM ASSIM PARA
CONHECER AS NODOAS DE SANGUE.

Fez-se-nos observar que o tractamento da hy-
drophobia era inteiramente estranho a o plano da nos-
sa obra; mas, a gravidade dos accidentes que esta
terrivel molestia pode occasionar, nos pareceu moti-
vo assás sufficiente para se nos permittir que, des-
viados do rumo traçado, indicassemos os primeiros
soccorros que devem prestar-se a os mordidos por um
cão suspeito doente.

Todas as vezes que alguém for mordido por um cão, cuja saúde seja suspeita, e, com maior razão, quando n'elle reconhecemos symptomas da molestia conhecida pelo nome de raiva, d'hydrophobia, indicada especialmente pela escuma na bocca, olhar scintillante, ladrar baixo, estado convulsivo mais ou menos frequente, furor não motivado, &c.; deveremos, o mais promptamente possível, fazer cauterisar a chaga em toda a sua profundidade, pelos agentes a baixo mencionados; os quaes facilmente se poderão procurar ou achar á mão:

- 1.º Ferro candente;
- 2.º *Manteiga d'autimónio*;
- 3.º Acido nítrico;
- 4.º Acido sulphurico;
- 5.º Potassa ou acido caustico;
- 6.º Pedra infernal ou nitrato de prata crystallizado;
- 7.º Ammonia;
- 8.º Chlorureto de cal (7).

Modos de tractar as mordeduras feitas pelos animaes damnados.

Acontecendo muitas vezes ser a ferida mais profunda que larga, e por isso o caustico penetrar com difficuldade em toda a sua profundidade, e util dilatal-a convenientemente; mas se, pelo contrario, o individuo tiver sido largamente rasgado, a ponto de tornar impossivel a cauterisação pela enorme superficie das feridas, e pelos accidentes que d'ellas poderiam resultar, devemos-nos limitar a laval-as com agua

(7) Não se deve confundir, como o fazem alguns Pharmaceuticos, o chlorureto de cal, que deixa desinvolver um cheiro de chloro com o muriato de cal fundido, o chlorureto de calcio.

em abundancia, á qual se poderá junctar chloro, ou com soluto de sub-chlorureto de cal.

Quando uma pessoa não pode procurar os socorros que acabamos d'apontar deve, em quanto lhe não é possível obtel-os, lavar a ferida com muita agua e diligenciar expellir o virus hydrophobico, fazendo-a sangrar. Se a extremidade d'um membro, tal como o dêdo, tiver sido a parte mordida, poderá tentar o retardamento da absorvencia por uma li-ga sobre a mordedura.

Não indicaremos aqui os tractamentos secundarios, ou porque nada haja provado sufficientemente a sua efficacia, ou porque as pessoas mordidas tem tempo de os alcançar dos Medicos, a quem sempre, depois de tal accidente, devem recorrer o mais prestes possível.

Precauções contra a mordedura da vibora.

Podendo o Pharmaceutico-Botanico, e particularmente os Alumnos, nas excursões necessarias á sua instrucção, ser mordidos pela vibora, indicaremos os signaes por que se pode reconhecer este reptil; como tambem os cuidados que devem merecer aquelles que houverem tido a desgraça de ser mordidos por ellas.

A vibora é do comprimento de dous pes e da grossura d'uma pollegada, variante do pardo-cinzen-to a o pardo-esverdinhado, ou a o pardo-escuro; observa-se no seu costado, desde a nuca á extremidade da cauda, um cinto negro dentado em ziguezague; o ventre e a parte inferior da cauda são guarnecidos de placas transversaes, côr d'ago polido; a cabeça tem a forma d'um az d'espadas troncado na ponta, e o seu corpo seria representado pela parte alongada

reintrante d'esta figura. Esta cabeça é coberta de pequenas escamas muito numerosas, cujo apice apresenta duas linhas negras, que se vão separando de deante para trás, e representando um V; os olhos são abertos, o olhar sinistro e a lingua bifurcada.

Dous dentes, ou harpões moveis, que occupam no queixo superior o lugar dos dentes caninos d'outros animaes, formam o character essencial da vibora.

O tractamento contra a mordedura d'esta consiste em fazer penetrar na profundez da chaga uma substancia caustica, tal como o alcali volatil, ferro em braza, acido nitrico, manteiga d'antimonio, pedra infernal e chlorureto de cal.

Tambem se deve administrar internamente a ammonia liquida, na dose de 8 a 10 gottas por copo d'agua; depois consultar um Medico para o restante tractamento.

As picadas das abelhas, dos mosquitos, das vespas, &c., são tractadas pelo alcali volatil, ou, na sua falta, pelo acido acetico e excellentemente pelo chlorureto de cal.

Consta-nos que vantajosamente emprega o Sr. *Barruel* o chlorureto de cal secco para prevenir nos cães de caça os accidentes que seguem as mordeduras da vibora. Eis como opera este Practico: toma o chlorureto de cal e, ajudando-se da saliva, o reduz a massa que estende sobre a mordedura, forçando-a a entrar pela fricção e pressão. *Durante alguns minutos*, diz o Sr. *Barruel*, *se percebe ãa mudança notavel; depois desaparecem os accidentes.*

O chloro, applicado nas mesmas circumstancias, produziria sem duvida identico effeito; porém é mais difficil de conduzir e resguardar do que o chlorureto de cal secco. Deveriam pois munir-se d'um frasco de

chlorureto de cal os caçadores, os pastores e aquelles que desejam a conservação de seus cães, attenta a possibilidade d'estes serem mordidos pelas vibras; tal producto seria inquestionavelmente util para lavar as mordeduras dos cães suspeitos de hydrophobia.

EXAME PARA CONHECER SE AS NODOAS VERMELHAS E ESCURAS SÃO DEVIDAS A O SANGUE.

Sendo muitas vezes chamados, como peritos, o Pharmaceutico e o Medico, para conhecer se as nodoas em um tecido, em uma lamina de ferro, &c., são formadas pelo sangue, pareceu-nos conveniente apresentar n'este logar algumas particularidades que possam em taes casos collocar-os nas circumstancias de mesmo se pronunciarem com uma convicção intima, e com toda a segurança de consciencia.

Exame d'uma nodoa feita no ferro.

O exame d'estas nodoas tem demonstrado a impossibilidade de se distinguirem pela analyse physica as produzidas pelo sangue, das causadas pelo sumo do limão, pela oxydação ou pela ferrugem; mas bem depressa a analyse chymica evidencia as differenças caracteristicas. 1.º as laminas de ferro, manchadas pelo sangue, são d'um vermelho claro, quando n'ellas apenas se acha diffundida uma pequena porção d'este liquido; e, a o contrario, a sua côr é d'um escuro carregado, quando era em grande copia o sangue que formou a nodoa. Se a um calor de 25 ou 30 graus se elevam as laminas de ferro manchadas pelo sangue, a nodoa d'este se tira e se desprende em escamas, apparecendo o metal assás brilhante. Se em um pequeno tubo de vidro se aquecem estas escamas, obtem-

se um producto volatil ammoniacal que reduz a azul o papel de tornasol ; achando-se no fundo do tubo um carvão difficil de incinerar. A pezar de tractada pelo acido hydro-chlorico não desapparece a nodoa produzida pelo sangue, nem tão pouco se faz luzente o ferro, o que aconteceria se este tivesse sido ennodoadado pelo sumo do limão, por um succo vegetal acido, ou pela oxydação (a ferrugem). Mergulhando-se n'agua a lamina manchada, não tardam a perceber-se riscos vermelhos mais ou menos carregados (segundo a densidade da nodoa) e tirados d'alto a baixo. Sem demora a materia colorante dissolvida pela agua apresenta ãa massa colorada no fundo, e descolorada ou quasi descolorada na superficie. Retirando-se a lamina e examinando-se depois com um bom microscopio as partes manchadas pelo sangue, se observa que ellas mantem, em lugar da nodoa, varias fibras esbranquiçadas ou d'um branco ligeiramente avermelhado. Estas, formadas pela fibrina do sangue, são pouco visiveis, quando a nodoa não é condensada.

Todas as vezes que se agita o liquido aquoso, proveniente da lavagem das nodoadas de sangue, quer este esteja espalhado n'um tecido, quer n'uma lamina metallica, torna-se aquelle vermelho ou rosado, segundo é mais ou menos consideravel a quantidade da materia colorante.

A agua sanguinea, tractada pelos reagentes, apresenta os caracteres seguintes :

- 1.º Submettida á acção do calôr, levado a 100 graus, se turva este liquido ; operando-se em um tubo de vidro nota-se certo coagulo d'um pardo esverdinhado. Este é soluvel na potassa, cujo soluto então apresenta uma côr escura tirando para vermelha ;

2.º Os ácidos, nítrico e sulphúrico, coagulam este líquido, que toma a forma d'um precipitado par-do, tirando para rosa, sem côr e um pouco turvo; é o líquido sobre-nadante;

3.º O infuso de galha, lançado no líquido colora-do, forma certo coágulo d'um escuro-rosado;

4.º Os dissolutos, de pedra húme e de per-chlo-rureto d'estanho, desprendem o líquido do sangue sem dar lugar a mudança alguma;

5.º O alcohol concentrado, misturado com o li-quido obtido pela maceração das nodoas de sangue, determina, quando se lhe junta alcohol em muita quan-tidade, um coágulo côr de carne, cujo líquido fil-trado é descolorado;

6.º A ammonia não altera, ou altera apenas, a côr primitiva do líquido obtido das nodoas de san-gue, a côr do qual é muitas vezes bastante avivada;

7.º O ácido hydro-chlorico não amarellece as no-doas provenientes de sangue;

8.º O chloro, associado a o líquido, obtido das nodoas de sangue, torna-o verde sem o precipitar, po-rém junctando-se-lhe mais o descolora, sem com tudo lhe fazer perder a sua transparencia;

9.º O hydro-cyanato de potassa não turva a água sanguínea.

A reunião de todos estes caracteres fornece do-cumentos sufficientes para fazer conhecer a presença do sangue no líquido, que se obtem tractando pela água distillada uma nodoa de sangue; todavia o jui-zo que enunciamos foi combatido em 1827 por um Joven douto, o Sr. *Raspail*. A opinião d'este, opi-nião que sem duvida lhe fôra suggerida pelo amor do bem, podia ter as mais funestas consequencias se as suas ideias se tivessem adoptado, se houvesse sido

admittido que, pelo tempo adeante, se poderiam achar muitas substancias apresentando caracteres identicos a os do sangue; e que ãa mistura d'albumina colorada pela ruiva offerencia os mesmos phenomenos caracteristicos do liquido, proveniente da lavagem das nodos de sangue.

Se a opinião, manifestada pelo Sr. *Raspail*, tivesse sido confirmada pelos factos, poderia ter sido seguida dos mais tristes resultados. E, com effeito, o criminoso que deixa de commetter um homicidio, pelo receio de que se poderiam tirar do sangue espalhado indicios que deporiam contra elle, indicios que, por occasião dos debates, veem a ser provas de convicção, o teria certamente perpetrado com uma audacia fundada na difficuldade de se demonstrar que o instrumento do crime e os vestidos do accusado estão manchados pelo sangue.

Deve-mo-nos pois occupar do exame do sangue artificial ou, pelo menos, d'albumina colorada pela ruiva, mistura que não existe em a natureza, que não é empregada nas artes e que, finalmente, se não prepara para uso algum. Eis-aqui as differenças que teem sido observadas pela acção dos reagentes:

Agua colorada pelo sangue.

1.º Este soluto é d'um vermelho escuro.

2.º Os tecidos manchados, as laminas, apresentam vestigios de fibrina quando teem sido exhaustos pela agua.

3.º Submettida, em um tubo de vidro até á ebullição, esta agua colorada, vem a ser opalina e se coagula, segundo contém mais ou

Agua colorada pela ruiva e contendo a albumina.

1.º O soluto é d'um vermelho alaranjado.

2.º Os tecidos, as laminas metallicas, não offerecem vestigio algum de fibrina quando hão sido exhaustos pela agua.

3.º Aquecido a 100 graus centigrados (á ebullição) fornece um liquido amarello, ou rosado, e um coagulo rosado. Pode-se privar

menos albumina. O coagulo d'um pardo-esverdeado, sem vestigio de matiz vermelho, é dissolvido pela potassa. O liquido adquire uma cor escura avermelhada, visto por refração.

4.º Os acidos, nitrico e sulphurico, coagulam o liquido emanado do sangue; o grumo é d'um pardo-rosado, sendo descorado e um pouco turvo o liquido sobrenadante.

5.º O liquido tractado pelos acidos, nitrico e sulphurico, fornece um grumo amarello-palido tendo igual cor o liquido boiante.

5.º O infuso aquoso de galba coagula a agua sanguinea; o coagulo é d'um pardo rosado.

6.º A mistura d'albumina e de ruiva é coagulada pelo infuso de galba; o coagulo apresenta uma cor branca tirando para amarella.

6.º Os solutos de pedra hume e de per-chlorureto d'estanho, dão a o liquido, participante da ruiva e d'albumina, uma cor amarella.

7.º O alcohol, em mui grande quantidade, coagula o liquido sanguineo; o coagulo é d'um vermelho-carne, quando o soluto se não acha muito diluido; o liquido, d'onde se precipita o coagulo, é descorado.

7.º O alcohol nas mesmas circunstancias dá, com a mistura d'albumina e da ruiva, uma cor de rosa, e o liquido filtrado é d'um arruivascado tirando para rosa.

8.º A ammonia não altera, ou altera apenas, a cor do sangue.

8.º A ammonia converte em violeta a mistura de ruiva e d'albumina.

9.º O acido hydro-chlorico puro e concentrado jamais amarellece a nodoa de sangue, pôsto faça mais escura a sua cor.

9.º Uma nodoa secca d'albumina e de ruiva passa a o amarello, se a põe em contacto com o acido hydro-chlorico concentrado.

Se uma lamina de ferro é manchada por um acido vegetal, ou pelo sumo do limão ou, em fim, por qualquer outro acido vegetal, então se forma um sal

de ferro que poderia á primeira vista confundir-se com o sangue dessecado; as partes da lamina, por exemplo, que fôram levemente tocadas pelo acido citrico, teem uma côr vermelha-amarella e escura carregada, quando o sumo foi empregado em maior quantidade: n'este ultimo caso é d'uma côr escura a nodoa, a qual apenas se eleva á temperatura de 25 a 30 graus, apparecendo brilhante o metal. Se este citrato de ferro se aquece em um pequeno tabo de vidro, tapado n'uma das extremidades, obtem-se um producto acido volatil que cora o papel de tornasol.

Se em unia d'estas nodoas se lança uma gôttá d'acido hydro-chlorico, ellas amarellecem e no mesmo momento se torna o ferro brilhante; se a lamina se mergulha em agua ha o dissoluto do sal de ferro, o qual então se pode conhecer por meio dos reagentes seguintes: potassa, infuso de galha, hydro-cyanato de potassa, &c.

As nodoas de ferrugem não se fazem em escamas com o calor de 25 a 30 graus, ainda que se podem desprender pela agua: não assim dissolve esta o subcarbonato, de que ellas são formadas. Se o resto se tracta pelo acido hydro-chlorico, opera-se uma dissolução que, attentamente examinada, deixa vêr uma effervescencia devida a o acido carbonico que se desinvolve. Se, em vez de se tractar pelo acido hydro-chlorico, se filtra, obtem-se um liquido descorado; o que não succede nem com as nodoas de sangue nem com as produzidas por um acido vegetal, restando sôbre o filtro a ferrugem insoluta, que se pode examinar com o auxilio de diversos reagentes.

Se ha grande numero de pequenas nodoas reunidas em um tecido, tiram-se com um buril, reúnem-se, enfiando-as n'um alfinete, e se põem em mace-

ração n'um copo de experiencia com mui pouca agua. Esta, carregada de principios do sangue e da materia colorante, vae occupar o fundo do copo; observa-se esta marcha e se nota que a agua na superficie é descorada: absorve-se esta por meio d'um pequeno cachimbo, expelle-se e se faz operar os diversos reagentes na agua colorada.

Examina-se tambem o estôfo com um microscopio, a fim de descobrir a fibrina, que então está despojada da maior parte da sua materia colorante.

O Sr. *Orfila* viu que as materias colorantes, que possuem a propriedade de tingir os liquidos de vermelho, não apresentam, pelos reagentes, os phenomenos que temos indicado, fallando d'agua carregada d'albumina ou d'este liquido contendo a materia colorante do sangue. Assim, o liquido tincto pela cochonilha, passa a róxo pela ammonia sem ser precipitado nem pelos acidos nítrico e sulphurico nem pelo infuso de galha. Acontece o mesmo com o pau do Brasil, que colora a agua, mas que passa a violeta pela ammonia, a amarello-arruivascado pelos acidos sulphurico e nítrico, que não precipita quando se lhe juncta o infuso de galha.

O liquido rubro, feito com a ruiua, se carrega de côr pela ammonia e amarellece pelos acidos sulphurico e nítrico; o infuso de galha não o turva, o chloro o amarellece e depois o verdece.

De novo o repetimos: conforme os ensaios do Sr. *Orfila*, ensaios feitos com cuidado para responder ás observações apresentadas á Academia Real de Medicina, a agua colorada pela materia colorante do sangue apresenta caracteres particulares, que não permitem confundil-a com um dissoluto aquoso colorado por outras substancias que communicam a este

liquido uma côr rubra, tendo alguma analogia com a do sangue.

Pouco depois o Sr. *Barruel*, Chefe dos Trabalhos na Faculdade de Medicina de París, reconheceu que o sangue do homem e o de diversos animaes continha um principio odorifero que se poderia pôr a nu com o auxilio do acido sulphurico. O estudo feito pelo Sr. *Barruel*, do cheiro que emana d'este mixto, lhe permittiu em diversas circumstancias designar a que animal pertencia o sangue submettido a esta operação. Alguns ensaios, que temos feito sobre este objecto, nos tem permittido distinguir alguns destes liquidos; todavia em um caso de Medicina Legal não ousariamos pronunciar-nos, antes receiariamos ser induzidos em erro abalanzando-nos a affirmar factos baseados sobre a maior ou menor sensibilidade d'um órgão que, em diversas conjuncturas, pode produzir ideias falsas, especialmente n'aquelles que não exercitam aturadamente este órgão.

A Memoria do Sr. *Barruel* foi impressa no 1.º T. dos *Annaes de Hygiene*; eis-aqui as conclusões n'ella enunciadas:

- 1.º O sangue de cada especie d'animal contém um principio particular a cada uma d'ellas;
- 2.º Este principio, sobre maneira volatil, tem um cheiro semelhante ao suor, ou exhalção cutanea e pulmonar do animal, d'onde procede o sangue;
- 3.º Este principio está em o estado de combinação no sangue, e, em quanto ella existe, tal principio não é sensivel a o órgão do olfacto;
- 4.º Desde que se rompe esta combinação, o principio odorifero do sangue se volatilisa, e é então não somente possivel, mas assaz facil, reconhecer o animal a que elle pertence;

5.º Em cada especie de animal o principio odorifero do sangue é sobradamente mais pronunciado, ou tem muito mais intensidade, no sangue do macho que no da fema; entre os homens a côr dos cabellos traz consigo matizes a o cheiro d'este principio;

6.º A combinação d'este principio odorifero está em estado de dissoluto no sangue, o que permite desinvolvê-lo, seja no sangue inteiro seja no sangue privado da fibrina ou, finalmente, na sua serosidade;

7.º Pelo acido sulphurico concentrado se pode desinvolver o principio odorifero do sangue.

O modo de operar, propôsto pelo Sr. *Barruel*, é o seguinte: lança-se em algumas góttas de sangue, ou da sua serosidade, um ligeiro excesso d'acido sulphurico concentrado, pouco mais ou menos o terço ou metade do volume do sangue; agita-se com um tubo de vidro e se manifesta logo o principio odorifero.

O Sr. *Barruel* reconheceu 1.º, que o sangue do homem larga um grande cheiro de suor, que é impossivel confundir com qualquer outro;

2.º Que o da mulher tem um cheiro analogo, porém muito menos forte;

3.º Que o do boi exhala um vivo cheiro do curral ou do proprio excremento;

4.º Que o do cavallo espargue um activo cheiro do seu suor ou do seu excremento secco;

5.º Que o das ovelhas espalha um violento cheiro de lã impregnado de seu humor crasso;

6.º Que o do carneiro lança um cheiro analogo a o do sangue da ovelha, porém misturado com um vehemente odôr do bode;

7.º Que o do cão despede o cheiro da sua transpiração;

8.º Que o do porco deita um cheiro desagradavel de possilga ;

9.º Que o do rato expelle o cheiro displicente d'este animal ;

10.º Em fim, que o sangue das gallinbas, dos perús, dos patos, dos pombos, lança um cheiro particular a cada um d'elles ; que o das rãs deixa desinvolver, pelo acido sulphurico, um cheiro nimiamente pronunciado de juncos pantanosos : que o da carpa larga um cheiro semelhante a o do mucro que reveste o corpo dos peixes d'agua doce.

A maior parte das experiencias do Sr. *Barruel* tem sido repetidas por habéis Practicos, e a sua opinião partilhada por muitos Chymicos ; mas, qualquer que seja a sensibilidade do orgão do olfacto n'um Chymico, não acreditamos que, em casos de Medicina Legal, possa elle decidir-se, baseando-se n'um orgão que pode, em grande numero de circumstancias, induzi-lo em erro (8). O trabalho do Sr. *Barruel* considerado, como scientifico, não é menos uma nova prova da sagacidade e do verdadeiro talento de observação que possui este habil Chymico.

Um dos nossos mais distinctos Pharmaceuticos, o Sr. *Morin*, de Ronen, tambem publicou uma obra cujo fim é indicar differenças entre o sangue humano e o do peixe. D'ella tirou o Sr. *Morin* as illações seguintes :

1.º O sangue do peixe contém um óleo gordurento, escuro, que exhala cheiro de peixe ;

2.º Este sangue contém uma outra materia gordurenta d'um odor rançoso mas não acido ;

(8) ; Se fosse d'um animal o sangue examinado mas ha muito existente em um vestido, que cheiro teria o producto desinvolvido pelo acido sulphurico ? ; Seria o cheiro do suor do homem ou o do sangue do animal ?

3.º Tambem encerra uma outra substancia animal com as propriedades do osmazoma ;

4.º N'elle se acha igualmente acetato de soda, chlorureto de sodio, e phosphato de cal.

5.º Seu principio coloranté é vermelho e distincto da materia colorante do sangue dos mamíferos, o ferro é um de seus elementos ;

6.º Outro-sim comprehende a albumina, é mui solúvel nos alcalis e nos acidos, e por esta ultima propriedade se approxima a o muco ;

7.º Em fim, que as nodoas produzidas nos vestidos pelo sangue de peixe não podem ser confundidas com as que resultam do sangue dos mamíferos, pela natureza da materia colorante e pela ausencia da fibrina.

Conforme o Sr. *Morin* as nodoas de sangue de peixe são menos carregadas que as do sangue dos mamíferos ; e com effeito a sua cor é d'um pardo atirgueirado. Ellas não são elasticas. (*V. o Journal de Chimie Médicale*, t. VI. p. 457.)

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

CHYMICA.

Analysé-chymica de duas Aguas-ferreas, uma, da da Cabeça de Mont'achique, denominada da Mina-nova, e outra, da Camara; feita pela Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em virtude da Lei de 31 de Julho e Portaria do Ministerio do Reino de 3 d'Outubro de 1839.*

CABEÇA DE MONT'ACHIQUE.

Mont'achique é um aggregado de montanhas, algumas d'ellas assaz elevadas e irregulares; apresentando uma extensa cordilheira. Nas suas faldas se deixam ver pequenas planicies, das quaes partem, em differentes direcções, varias estradas; sendo, as reaes, as que seguem a Maira e Torres-Vedras, e, as menores, para os diversos Casaes contiguos; cuja população se compúta, approximadamente, em 60 Fogos.

Em um dos montes demasiado ingreme pela sua grande altura, dominando, por assim dizer, todos os outros, contendo no seu cume ou vertice bastantes petrificados, que offerecem um aspecto de fraga, conhecido em fim pelo nome de Cabeço, d'onde, segundo parece, vem a o Logar a denominação de Cabeça; alli, dizemos, está situada a Cabeça de Mont'achique, na latitude de 38°, 53', 57'', e na longitude de 0°, 2', 50'', a Oeste do Observatorio do Castello de Lisboa, do qual dista 11½ milhas, elevando-se 158 braças, ou 406,6 metros acima do nivel do mar.

Este Logar é suburbio de Lisboa, Freguezia de S. Pedro de Louza, Concelho e Districto Administrativo da mesma Cidade. Uma legua, conhecida

pela da Cabeça, antes de chegar a este Logar, indo de Lisboa, se encontra uma estrada, pessimamente construida, velha, cheia de covas e, a pequenas distancias, pejada de pedras sôltas; cahidas dos muros e vallados que a guarnecem: é, todavia, susceptivel de grande melhoramento e limpeza, se a Camara Municipal, em virtude da Portaria do Ministerio do Reino de 29 de Setembro de 1839, mandar proceder a ãa melhor construcção; compellindo egualmente os Proprietarios e Reudeiros, das quintas ou fazendas contiguas á estrada, que recolham para as suas testadas todas as pedras sôltas que, obstruindo-a, se tornam incommodas e perigosas a os numerosos viandantes que por ella transitam.

Tractando da natureza geognostica do terreno, nada accrescentaremos á excellente Memoria descriptiva do Sr. *Guitherre, Bardo d'Eschwege*, inserta na *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo XI., Parte 1.^a — 1831, pag. 253; e enriquecida de Additamentos ou Notas pelo Sr. *Alexandre Antonio Vandelli*.

Esta descripção, assaz importante, e a unica de que temos noticia, extensamente constitue a citada Memoria Geognostica, ou golpe de vista do perfil das extractificações das diferentes rochas, de que se compõe o terreno, desde a Serra de Cintra na linha de Noroeste a Sudoeste até Lisboa, e dahi, atravessando o Tejo, até á Serra d'Arrabida; como tambem sôbre a sua idade relativa. Em seguida vamos dar um extracto da sobredicta Memoria, bem como o dos Additamentos ou Notas do Sr. *Vandelli*; em que tracta não so do Local da Cabeça de Mont'achique, mas ainda de outros em que existem Aguas-Mineraes de cujas analyses esta Sociedade se acha

egualmente incumbida, o qual poderá servir de descripção geognostica dos terrenos de todas ellas.

„... Nas alturas de *Cacem* (Cintra) se esconde
„ o *Calcareo alpino* por baixo das camadas do *Grés*
„ de *Nebra*, que apparece neste sitio só na superficie
„ de alguns centos de passos na direcção da largura
„ das suas camadas. Este *Grés* he de grão fino, e
„ pelas differentes oxidações das suas particulas fer-
„ reas, apparece ondeado ou raiado com varias cores
„ brancas, amarelladas, avermelhadas e azuladas.
„ A sua estractificação he menos inclinada para o
„ Sul que a do *Calcareo alpino*, e se dirige paralle-
„ lamente com este do Nascente para o Poente. He
„ de notar que as camadas deste *Grés* se tem estre-
„ tado consideravelmente nestes sitios, pois prose-
„ guindo-se a linha da sua direcção para Leste e No-
„ roeste, se observa que elle se alarga cada vez mais;
„ já na vizinhança de *Bellas* tem mais largura alter-
„ nando com algumas camadas de pedra *Calcareea*
„ arenosa, apparencia propria deste *Grés*, contendo
„ *Lenhitos* espalhados no meio das suas estractifica-
„ ções, como se pode observar nas pedreiras, onde
„ se tiram mós para pedras d'amolar. Descendo-se
„ da *Cabeça de Montachique* para *Torres-Vedras*,
„ desaparecem quasi todas as mais formações, e o
„ *Grés de Nebra*, que em grande parte alli he de hum
„ grão grosso, constitue todo o terreno baixo e on-
„ duloso, que se estende até ao mar, até *Obidos* e
„ ás *Caldas da Rainha*, onde nelle nascem as aguas
„ hepaticas (veja-se a nota 2.^a).

„ Na cabeça conica de *Montachique* parece que
„ este *Grés* com *Lenhitos* se eleva em sua maior al-
„ tura sobre o nivel do mar ao pé da fonte ferrea,
„ levantando-se, segundo as minhas observações ba-

„rometricas, a 1239 pés. Sobre o *Grés*, e por bai-
 „xo do *Basalto* desta cabeça jaz uma pedra *calcareea*
 „cheia de conchas petrificadas, principalmente de
 „*Gryphites* que em muitas partes mostram o seu bri-
 „lho natural, ficando duvidoso se esta pedra *calcareea*
 „não pertencerá ao *Calcarco de conchas* (*Calcaire*
 „*de Gottingue, Muschelkak*), entretanto julgo que
 „elle tambem pertence á formação *Jurassica*, que
 „constitue a maior parte do declivio da serra para
 „o lado de *Loures*. A este *calcarco* sobre-sahe na
 „maior altura conica o *Basalto* em columnas de 5,
 „6 até 9 faces. Estas columnas tem o diametro de
 „1 até 1½ palmo; ellas estão ora verticaes ora in-
 „clinadas para um e outro lado; ora deitadas ho-
 „rizontalmente em grandes fachas; humas são inteiri-
 „ças outras quebradas, eo total mostra destruição
 „motivada por alguma acção violenta (veja-se a no-
 „ta 3.^a). Em todas as partes desta cabeça basalti-
 „ca, e mesmo no ponto mais elevado, que tem huma
 „altura de 1541 pés, mostra o basalto (que contém
 „muito *phibole*, e alguma *Olivina* nas camadas in-
 „feriores) huma grande influencia sobre a agulha de
 „marear, porque chega de 6 até 8 palmos de dis-
 „tancia das rochas, influencia esta, que nem as ró-
 „chas de ferro-magnetico do Brasil exercitão sobre
 „a Bussola, por quanto não excedem mais de hum
 „palmo de distancia da rocha. Nas rochas de ferro-
 „magnetico mudão os seus polos em distancia de 2
 „até 4 polegadas, no *Basalto de Montachique* se
 „achão distantes hums dos outros 3 até 4 palmos...
 „.....
 „Ao longo da Costa para Leste se estende o *Grés*
 „*de Nebra*, até ao Estoril, onde nascem as aguas
 „salinas usadas em certas molestias no estabelecimen-

» mento dos banhos que ali ha. Nesta rocha tomão
» por tanto a sua origem tres differentes aguas ther-
» maes: 1.º as *Aguas hepaticas* das *Caldas da Rainha*,
» de *Gaieyras*, dos *Cucos* ao pé de *Torres-Vedras*,
» na faldá da Serra de *Montachique*, em cuja serra
» apparecêra, segundo as noticias do Sr. Francisco
» Tavares, na sua obra sobre as agoas mineraes des-
» te Reino, *Pyrites de ferro* e alguns pedaços de *Bi-*
» *tume*, como tambem *Naphta*; 2.º as *Agoas fer-*
» *reas* de *Bellas*, *Cabeça de Montachique*, e de va-
» rios outros lugares; e 3.º as *aguas salinas* do *Es-*
» *toril*.

» Voltamos outra vez ao caminho de *Cintra* pa-
» ra *Lisboa*, como centro da linha das minhas ob-
» servações. Ao pé do lugar do *Cacem* principia a
» apparecer sobre o *Grés de Nebra* a formação *Ju-*
» *rassica* (*Calcario de Jura*, *Jurassier*, *Calcaire de*
» *Jura*, *Höhlenkalkstein*), a qual se estende na lar-
» gura das suas camadas para o Sul até á borda do
» Tejo desde as alturas da rua da *Boa vista* para o
» Poente até o mar, e para o Nascente até á Serra
» de *Montachique*. As suas camadas são geralmen-
» te mui grossas de 4 até 8 palmos, alternando com
» camadas delgadas, que tem só algumas polegadas
» de *Possança*. Em algumas partes este *Calcario de*
» *Jura* tem hum grão *crystallino* misturado com par-
» ticulas, e até veias de *Quartzo* luzente, em outras
» partes he denso com huma *fractura conchoida* chata,
» em outras partes he muito poroso e rijo, como cos-
» tuma ser algum *Calcario alpino celluloso*, e então
» mui proprio para pedras de moinho. Parallelamen-
» te com as suas camadas apparecem entre as estrac-
» tificações ninhos e cintas estreitas de *pederneiras*,
» principalmente no *Valle de Alcantara*, e as suas

„ camadas superiores no mesmo *Valle* finalizão com
 „ hum *Breccia* (a) *calcareo*, ou um extracto de *Ar-*
 „ *gilla calcarea*, ou hum extracto de *Argilla calcarea*
 „ e *ferruginosa* (b) cheio de petreficados proprios
 „ deste *calcareo*, principalmente de *Hippurites* e *Gry-*
 „ *phites*, e em outras partes ; v. g. em *Carcavellos* fina-
 „ lizão com hum extracto de *Gis branco* (*Kreide*). „

„ A inclinação das suas camadas para o Sul não
 „ excede de 16 a 20°, e em geral he menor que a do
 „ *Grés de Nebra*, até que muitas vezes são perfeita-
 „ mente horizontaes, como se póde observar na cos-
 „ ta entre *Cascaes* e a Torre de *S. João da Barra*,
 „ onde se tirão boas pedras de moinho, e onde no
 „ meio de camadas grossas descobri camadas mui
 „ delgadas e proprias para pedras lithographicas. „

„ Muitas camadas deste *Calcareo de Jura*, estão
 „ inteiramente isentas de petrificações de conchas,
 „ e de *Coralites*, mas outras ha, que são mesmo so-
 „ brecarregadas dellas, e parece que a sua massa prin-
 „ cipal não fôra outra cousa senão estes restos de
 „ entes organicos. Entretanto onde apparece o *amas-*
 „ *same* (c) de conchas, como na *Cabeça de Monta-*
 „ *chique*, não ha *Hippurites*, e vice versa. Estes
 „ *Hippurites* são bem notaveis tanto pelo seu tama-
 „ nho, como pela sua configuração, parecendo al-

„ (a) Em Portuguez *Brechia*, he hum aggregado lapideo formado
 „ de fragmentos, que tem hum origem commum com a pasta que os
 „ une. He principalmente a identidade de origem dos Componentes de
 „ *Brechia*, que essencialmente a distingue do outro aggregado tam-
 „ bem lapideo, a que se deo o nome de *Podim* ou *Podingue*, que he com-
 „ posto de materias differentes, que forão rolladas pelas aguas, e
 „ que quasi sempre são arredondados pelo roçamento. „

„ (b) *Marne argilloso*. „

„ (c) *Amassame* he huma palavra technica usada no Brasil em lo-
 „ gar de amassadura, que parece melhor exprimir esta conglutinação
 „ das petrificações. „

„ guns como chifres de carneiros, descrevendo um
„ espiral de $1\frac{1}{4}$ palmo de comprimento com tres po-
„ legadas de grossura na base, e com a ponta mui
„ delgada; outros direitos e cylindricos, e outros hum
„ pouco curvados como os chifres de cabras. Como
„ estes *Hippurites* são inteiramente ligados com a
„ pedra calcarea, nunca pude alcançar o tirar hum
„ exemplar inteiro, e os que estão no extracto supe-
„ rior na *Breccia* e na *Argilla marnosa*, são tão de-
„ compostos, que o seu cascão de fóra cahe em pe-
„ daços com o minimo movimento, e o caroço inte-
„ rior ou o enchimento só fica inteiro, mostrando
„ configurações exquisitas, como dentes grandes de
„ porcos monteizes, de tigres, ou chifres de carneiros
„ novos.

„ Esta formação de *Jura* he a principal, sobre a
„ qual se achão nos contornos de *Lisboa* as forma-
„ ções basálticas. Em toda a sua extensão desde as
„ montanhas de *Montachique* até *Cascaes*, e na sua
„ largura até á borda do Tejo se encontrão sobre ella
„ o *Basalto* com *Olivina*, *Amphibole*, *Pyroxene*,
„ *Granatas*, *Basaltos porphyricos*, e *Rochas amy-*
„ *daloidas*, em cabeços isolados, e de pouca exten-
„ são, principalmente nas vizinhanças de *Bellas* e
„ *Queluz*; em todas as alturas pelo norte de *Loures*
„ e *Lumiar*, em *Campolide*, a o norte de *Monta-*
„ *chique*, *Casilhas*, *Portella*, *Carnaxide*, *Linda a*
„ *Pastora*, *Cruz quebrada*, *Oeiras*, *Pago d'Arcos*,
„ *Caxias*, *Ajuda*, &c.

„ Os conglomerados, que se achão no *Valle de*
„ *Bemfica* e *Porcalhota*, e que se estende até á des-
„ cida do caminho do *Lumiar para Loures*, e até
„ este ultimo lugar, que contém na sua conglutina-
„ ção fragmentos basálticos, parece que devem ser

„olhados como huma formação local, que não pertence á *Formação basáltica*, visto que o *Basalto* d'ella fórma a menor parte entre os mais fragmentos *calcareos* e *marnosos*, conglutinados por huma *Argilla marnosa* e *ferruginosa*; são mais raras as *Escorias basálticas*, que se achão ao pé d'*Odivellas*.

„O *basáltico* rijo e compacto da *Cabeça de Montachique*, e ao pé do *Estoril*, contém principalmente *Olivina*, e *Amphybole*: o *Basalto* das vizinhanças de *Bellas* no lugar do *Suimo* parece exclusivamente conter *Granatos* e *Zirconas* (veja-se a nota 4^a), que se achão nas areias da pequena ribeira vizinha: no *Basalto* das vizinhanças de *Que-luz* predomina o *Pyroxene*. Os *Basaltos decompostos*, e os *Basaltos porphyricos* da subida de *Loures* para *Montachique*, os do lado do Sul dos *Arcoz das Aguas-Livres*, e os entre *Pedroços* e *Caxias*, assim como em mais outras partes, se achão huns muito porosos, outros com veios de *Espatho calcarco* crystallizado, outros com *Feldspatho* griseo amarellado ou avermelhado muito ferruginoso, ou com granitos decompostos de hum mineral verde, que propende para huma crystallização prismática, e que necessita de ser analysado. As *Amygdaloides* só raras vezes apparecem na formação do *Basalto* decomposto.

„A apparição da *Formação basáltica* nos arredores de *Lisboa* pertence quasi exclusivamente ao terreno *Jurassico*, e alguma ao *Grés de Nebra*, assim como á *Formação* dos *Trachytes* ao *Calcareo alpino*, proximo ás serras de *Cintra*, e d'*Arrabida*.

„A *Formação* de *Jura* he descoberta pelo *Ter-*

„reno terciario de bancos calcareos marnosos, de
„*Argillas plasticas*, de *Areas verdes* com *Marnes*,
„e de *Calcarco grosseiro* (*Calcaire de Paris*): des-
„de o alto da rua da *Boa vista* ao longo Tejo aci-
„ma até á *Povoa*, e *Alverca*, e se estende para o
„Norte até o *Lumiar*, e *Friellas*, comprehendem-
„do-se as alturas de *Santa Catharina*, a *Patriar-*
„*chal* queimada, o Campo de *Santa Anna*, as al-
„turas do *Castello*, da *Graça*, e da *Penha de Fran-*
„*ça*, *Arroios*, e todo o *Campo grande*, &c. (veja-
„se a nota 5.^a); e esta Formação ainda com menor
„inclinação das suas camadas que a precedente. Na
„outra banda do Tejo ella apparece nas elevações
„de *Almada* desde *Cassilhas*, até á *Trafaria*, e se
„inclina com hum a queda maior para o Sul, escon-
„dendo-se no Valle da *Piedade* por baixo do terre-
„no de *Alluvião*.

„.....
„*Additamentos ou Notas feitas pelo Sr. ALEXANDRE*
„*ANTONIO VANDELLI.*„

„*“Nota 2.^a”*„

„*“Quanto maior numero de indicações houver,*
„*mais completo he qualquer trabalho; por isso julgo*
„*a proposito accrescentar, que em Obidos, S. Mar-*
„*tinho, e Pinhal de Leiria ha gesso no Terreno*
„*de sedimento superior segundo Terreno de Agoa*
„*doce.*„

„A respeito das formações da *Villa das Caldas*
„da *Rainha*, cumpre accrescentar, que á ilharga
„do *Passeio do Hospital* para o Sul, ou para a par-
„te de *Obidos*, sobre o Grés ou pedra de *arcia* ou
„*broeira* ha o *Terreno de alluvião*. Espero podêr

„ dar não só maiores particularidades a respeito dos
 „ terrenos d'esta Villa, como as estampas dos petri-
 „ ficados, que tenho recolhido. „

„ *Nola 3.^a* „

„ Dizendo o Sr. *Barão d'Eschwege* (a pag. 258)
 „ = *que mostra destruição motivada por alguma acção*
 „ *violenta* =: e (na seguinte pag. 259) = *como se*
 „ *alguma força violenta, obrando debaixo para cima,*
 „ *as quebrasse, levantando-as no meio, e inclinando-*
 „ *as para os lados oppostos* = parece a proposito re-
 „ ferir as opiniões de differentes autores, que com-
 „ provão a supposição ou opinião do Sr. *Barão d'Es-*
 „ *chwege*, porque talvez que esta passe de huma sim-
 „ ples hypothese a ser facto.

„ Permitta-se-me referir a authoridade do meu
 „ fallecido pai *Domingos Pandelli* na memoria que
 „ escreveo anterior a 1788, de *Vulcano Olisiponensi*,
 „ que está inserta no Tom. 1. das *Memorias da Aca-*
 „ *demia Real das Sciencias de Lisboa*. Posto que aquel-
 „ la Memoria ou Nota foi escrita ha mais de 40 an-
 „ nos, quando as Sciencias Naturaes não tinham fei-
 „ to os progressos, em que presentemente se achão,
 „ com tudo foi o primeiro (que eu saiba) que attribue
 „ a huma *origem vulcanica* alguns terrenos de *Lisboa*,
 „ e suas vizinhanças, e he por este motivo que o ci-
 „ to, e em primeiro lugar. Esta opinião foi depois
 „ seguida por muitos Mineralogistas Estrangeiros, co-
 „ mo o celebre *Dolomieu* (a), *Cordier* (b), &c.

„ Além de que, os *Basaltos* presentemente são

„ (a) *Nouv. Dict. d'Hist. Nat.* 1.^a ediç. Tom. xi. pag. 444, e Tom.
 „ xxiii. pag. 399. „

„ (b) *Nouv. Dict. d'Hist. Nat.* 2.^a ediç. Tom. xvii. pag. 390, 408,
 „ 409 e 410 do Tom. xx. pag. 70 e 72, e Tom. xxxvi. pag. 217, &c. „

» tidos como de origem *Vulcanica*, e como taes, clas-
 » sificados nos *Terrenos Vulcanicos*, como faz o ce-
 » lebre *Barão de Humboldt* (c), e todos os mais ce-
 » lebres Mineralogistas, que seria fastidioso citar.

» Á vista do que fica referido, parece que se pó-
 » de acreditar sem receio de errar, que tanto as co-
 » lumnas, como as camadas de *Basalto* que o Sr. *Barão d'Eschwege* suppõe, pelo que vio e observou
 » nos lugares, terem experimentado destruição moti-
 » vada por alguma acção violenta; com effeito a ex-
 » perimentarão, porque são *Productos Vulcanicos*.

» Cumpre porém advertir que, estarem as colum-
 » nas (como refere o Sr. *Barão d'Eschwege*) humas
 » vezes verticaes ou inclinadas para hum e outro la-
 » do, ou deitadas horizontalmente em grandes fachas,
 » assim ordinariamente acontece; por quanto como
 » affirma *C. Prevost* (*Dict. class. d'Hist. Nat.* tom.
 » 2. pag. 209). *Estes prismas que differem muito en-*
 » *tre si pela sua grossura e comprimento, tem ás ve-*
 » *zes a altura de 20 metros. Em hum a mesma mon-*
 » *tanha isolada, podem ter inclinações mui oppostas;*
 » *estão ou verticaes, ou horizontaes; muitas vezes es-*
 » *tão divergentes do ponto de que partem, e outras*
 » *mesmo curvados* (*Rochedo de Mural*). . . . »

« Nota 4.ª »

» He sem duvida que os *Basaltos* das visinhan-
 » ças de *Bellas* contêm *Granatas*; o que já era co-
 » nhecido pelo Padre *Antonio de Vasconcellos* (*Dis-*
 » *cript. Regni Lusit. tit. de Lapidibus n. 4*), como
 » refere *Luiz Marinho* (*Fund. e ant. de Lisboa Liv.*
 » 1. Cap. VI.); e o celebre *Hany* (*Lucas, Tabl.*

» (c) *Essai géognostique sur le Gisement des roches*, Paris 1823 — 1
 » vol. 8.º »

„ *melh. des exp. miner.* Part. 2. Paris. 1813 pag. 141)
 „ possuia *Basaltos com Granatas de Bellas*, que le-
 „ vou deste Reino Mr. *Geoffroy St. Hylaire*.

„ Não fazendo menção dos muitos AA. nacio-
 „ naes, que fallão das *Granatas de Bellas*, notare-
 „ mos aqui alguns dos estranhos, como

„ *Plinio, Nat. Hist.* Francfort 1599 lib. XXXVII.
 „ cap. 7.

„ *Car. Clusio, aromat. et simplic.* Antuerp. 1593
 „ lib. III. cap. 51.

„ *Ferrante Imperato, Hist. Nat.* Venetia 1672
 „ lib. XXII. pag. 531.

„ *Joann. de Laet., De gemmis et lapidibus.* Lugd.
 „ Batav. 1647 lib. I. cap. 2.

„ *Masden, Hist. Crit. de Espana.* Madrid 1790.
 „ tom. VIII. §. 49.

„ *Guingret, Rel. hist. et milit. de la campagne*
 „ *de Portugal.* Limoges 1817 pag. 9.

„ *Brad. Nouv. Elem. de mineral., &c.* Paris
 „ 1820 pag. 171.

„ *Beudant, traité element. de mineral.* Paris 1824
 „ pag. 560.

„ *Nota 5.ª* „

„ Póde-se acrescentar *N. Senhora da Luz, Car-*
 „ *nide, Telheiras, Palma, e Paço do Lumiar.*

„ Dar-se-ha a relação dos petrificados que se achão
 „ nesta formação, e se publicarão as estampas de
 „ alguns que se julgarem dignos disso.

Retomando pois o cortado fio do nosso Relato-
 rio, a maior parte, dizemos, dos habitantes da Ca-
 beça de Mont'achique são de usos e costumes cam-
 pestres, laboriosos, e dados a os trabalhos ruraes; oc-
 cupando-se tambem as mulheres na lavagem de rou-
 pa branca dos moradores de Lisboa. N'este Logar ha

Cirurgião, Pharmaceutico, com botica, Merciaria, Padêjo, Estalagem e sufficientes Artistas; negociando em cereaes, algum vinho e azeite, os maiores Proprietarios.

Os alimentos de que se nutrem os mais abastados são, com pouca differença, semelhantes a os da Cidade; não assim os mais pobres, que apenas se sustentam de pão de milho e algum de trigo, bacalhau, pouca vacca e carneiro, grão, feijão, hortalica, fructa, vinho, e quasi nenhum chá e café.

É, outro-sim, o Logar da Cabeça de Mont'achique, mui saudavel, bastante ventilado do Norte e abrigado dos outros ventos, não sujeito a molestias epidemicas ou endemicas; assaz recommendado para alli irem tomar ares as pessoas doentes; as quaes, assim como ás que fazem uso das aguas-ferreas, offerece bastantes casas e outras commodidades. A todas estas circumstancias reúne a prompta e facil communição com a Capital, pelo continuado transito de almocreves, fazendeiros e gallinheiros que a ella affluem; os quaes, tocando n'aquelle ponto, costumam vender abi muitos dos seus generos.

Os animaes lanigeros, cornigeros e suinos dam-se bem n'este Logar.

A vegetação é irregular, excepto nas quintas, fazendas, e estradas que são, em parte, adornadas de arvoredo, platanos, choupos, amoreiras, freixos e oliveiras. Os montes são, para o lado do Sul, muito cultivados, produzindo cevada e trigo; para o do Norte, ainda que susceptiveis d'alguma cultura, se deixam ver, pela maior parte, incultos, contendo, apenas, algumas plantas sylvestres, taes como pinheiro bravo, tojo, fetos, trovisco femea, verbasco, &c.

Em diferentes alturas e direcções dos montes se encontram varias minas e vertentes d'agua potavel de boa qualidade, filtrada por bancadas de terreno granitoso, da qual os indigenas costumam servir-se para beber e regar as plantas. Proximo áquellas existem outras ferreas mais ou menos carregadas; mas, n'este Logar, somente quatro d'estas aguas costumam ser empregadas na estação propria, e se nomeiam — da *Mina-nova* — do *Monte* — do *Sardinha* — e das *Bórras*.

Agua-ferrea da Mina-nova.

A agua-ferrea, denominada da *Mina-nova*, brota de uma mina fabricada na quinta do Proprietario Sr. *Francisco de Sousa Carvalho*, antigamente chamada de S. Gião. Esta mina acha-se situada a o Leste da estrada na Cabeça de Mont'achique; olhando a o Susueste de Lisboa, da qual dista tres leguas e meia.

Tem ella onze palmos de excavação, sendo explorada pelo mesmo Proprietario (que alli reside constantemente) no anno de 1829; acha-se em bom recado, fechada com uma porta e livre de chuvas e de terra.

A agua-ferrea, d'esta mina, vem filtrada do monte que lhe fica a cavalleiro, caindo por uma bica de pedra, na quantidade de meia penna, sobre uma bacia da mesma materia; cujos sobejos são levados por um conductor a o reservatorio d'outras aguas existente juncto á casa da referida quinta, que fica contigua á estrada. Esta agua, no seu transito, deposita tal quantidade de hydrato de sesqui-oxydo de ferro, que o mesmo Proprietario da quinta o recolhe e seca para os usos das Artes.

Proxima a esta mina, e em seguimento á sobre-

dicta casa, ha uma bem construida rua, plana, guarnecida d'arvoredo e assentos, mui propria para passeio.

Dentro da citada quinta e algum tanto proximas ás vertentes d'agua-ferrea, existem diferentes aguas potaveis mui salutiferas, vindo filtradas pelos terrenos do monte.

Pouco conhecida e buscada tem sido, até agora, a agua-ferrea da Mina-nova, em consequencia do seu dono a não ter inculcado; todavia, ja este anno varios doentes a procuravam e bebiam, informando-nos alguns dos que alli se achavam em seu uso, que n'ella observavam os mesmos effeitos que na ferrea das Borrás.

Aqui transcreveremos o manuscripto, que nos foi apresentado pelo dicto Proprietario, contendo um ensaio que, n'esta agua fez, em o dia 26 d'Outubro de 1830, o Medico *José Pinheiro de Freitas Soares*; o qual, pôsto nos fosse de pouco auxilio, nem por isso o despeitamos, e é o seguinte:

“ 1.º Pelo papel de tornasol — não appareceu acido algum livre.

“ 2.º Pelo papel de curcuma — não deu indicio de alcali algum livre.

“ 3.º Pelo ammoniaco, em q. s. para reedissolver o cobre — o não apresentou, procurando-se o sulphato de cobre.

“ 4.º Pelo sulphato de cobre e nitrato de prata — não nos deu a presença do acido arsenioso.

“ 5.º Pelo prussiato de potassa e depois pelo muriato de baryta — descobrimos a presença do sulphato de ferro.

“ 6.º Pelo ammoniaco caustico — obtivemos o precipitado de carbonato calcareo — procurando-se este mesmo sal.

„7.º Pela agua de cal — achámos sulphato de magnesia.

„8.º Pelo carbonato de potassa — nos apresentou carbonato de magnesia; e tambem por meio do ammoniaco caustico se precipitou alguma magnesia.

„9.º Pelo acido oxalico — obtivemos cal em estado de oxalato calcareo; procurando-se o mesmo sulphato de cal e o acido depois pelo muriato de baryta.

„10.º Pelo nitrato de prata — nos deu acido muriatico em estado de muriato de prata; e o acido oxalico deu oxalato calcareo.

„11.º Pelo muriato de baryta e acetato de chumbo — colhemos sulphato de baryta e sulphato de chumbo.

„Por este ensaio de analyse conhece-se que esta agua contém — sulphato de ferro; carbonatos, de cal e de magnesia; sulphatos, de cal e de magnesia; muriato de cal e provavelmente alguns saes formados por alguns d'estes acidos; e a base de soda, cuja base não deram alguns reagentes apropriados, sendo para isto necessario continuar a analyse por meio da evaporação, &c. »

Tambem nos chegou á mão um folheto impresso, intitulado — *Analyse chymica das Aguas-férreas, do Bom-Jardim, da Cabeça, da Venda-Sécca, e dos Banhos das Alcaçarias pertencentes á Ex.^{ma} Casa do Cadaval* feita no anno de 1818 pelo Boticario. N'esta Cidade, o Sr. Antonio José de Sousa Pinto. N'este impresso, a pag. 33, se encontra um artigo com a epigraphie. « *Analyse das Agoas ferreas da Cabeça em 8 Libras de Agoa* » o que nos faz suppor serem as do Logar da Cabeça de Mont'achique. N'esta hypo-

these julgamos a proposito dar, n'este Logar, noticia de taes trabalhos analyticos; os quaes, não obstante parecerem-nos menos escrupulosos e exactos, com tudo sentimos bastante que o seu auctor não especificasse a qual das aguas-ferreas da Cabeça pertencia o resultado.

«Analyse das Agoas ferreas da Cabeça em 8 Libras de Agoa.

» *Substancias volateis.*

Polleg. cub.

» 1. Acido carbonico	8½
» <i>Substancias fixas.</i>	<i>grãos</i>
» 2. Carbonato de ferro.....	4½
» 3. Muriato de cal.....	5
» 4. Sulphato de magnezia.....	3
» 5. Sulphato de soda.....	2
» 6. Sulphato de cal.....	2½
» 7. Muriato de magnezia.....	4
» 8. Materia animal e vegetal extractiva.....	1½
	22 ½

As propriedades physicas da referida agua-ferrea da Mina-nova, observadas na vertente, são as que se seguem:

- 1.º Liquida, á temperatura ordinaria da atmosphera.
- 2.º Ligeiramente amarellada.
- 3.º Transparente.
- 4.º Sabor ferreo e levemente adstringente.
- 5.º A temperatura media d'esta agua, no estio,

achada em diferentes horas do dia, é de $+18^{\circ}$, 44 centig., estando a do ar ambiente, a $+20^{\circ}$, 67 centig.; sob a pressão barometrica de $=751$, 83.^{mill.}

6.º A sua densidade, n'esta mesma pressão e temperatura, é de $=1,006$.

ANALYSE CHYMICA.

1.ª *Analyse.* Esta agua, em o seu estado natural na vertente, á temperatura media de $+20^{\circ}$ centigrados e á pressão de $=76$ centímetros da atmosphera, submettida a acção dos reagentes, deu o resultado seguinte:

Com o oxygenio — sulphato sex-basico de sesqui-oxydo de ferro.

Com a noz de galha — nenhuma acção.

Com a noz de galha e chloro — galhato e tannato de sesqui-oxydo de ferro.

Com o acido tannico e chloro — tannato de per-oxydo de ferro.

Com o cyanureto amarello de ferro e de potassio e chloro — cyanureto azul de ferro.

Com o cyanureto amarello de ferro e de potassio — cyanureto verde de ferro.

Com o cyanureto amarello de potassio e de ferro e oxygenio — cyanureto azul de ferro.

Com o cyanureto vermelho de potassio e de ferro — cyanureto azul de ferro.

2.ª *Analyse.* Um litro d'esta agua, introduzida no aparelho hydrargyro-pneumatico, e exposta a acção do calorico, deu $=20$ centímetros cubicos de gaz; que, pôsto em contacto com o chlorureto de baryo-ammoniacal, e com o hydrato de prot'oxydo de potassio, não manifestou diminuição.

O phosphore lhe diminuiu 6 centímetros cubicos, formando acido hypo-phosphorico.

Misturado com 12 centímetros cubicos d'hydrogenio, e excitado o misto, no eudiometro pela faísca electrica, condensou 18 centímetros cubicos apresentando agua.

Os 14 centímetros cubicos do gaz restante não tinham acção sobre os reactivos, apagava a chamma do pavio e não detonava com o hydrogenio.

3.^a *Analyse.* Um litro d'esta agua, mettida no apparelho distillatorio de vidro, e distillada á temperatura de 100° centigrados, deu = 985 grammos de liquido indifferente a acção dos reagentes.

4.^a *Analyse.* Um litro d'esta agua, evaporada no apparelho evaporatorio de platina, á temperatura de 100° centigrados até seccar, deu = 0,560 grammos de substancias solidas. Dissolvidas estas convenientemente no alcohol, na agua e no acido chlor'hydrico, e examinados os dissolutos pelos reagentes, deram :

Com a noz de galha — galhato e tannato de sesqui-oxydo de ferro.

Com o acido tannico — tannato de per-oxydo de ferro.

Com o cyanureto amarello de potassio e de ferro — cyanureto azul de ferro.

Com o cyanureto vermelho de potassio e de ferro — nenhuma acção.

Com o oxygenio — idem.

Com o chlorureto de baryo e acido chlor'hydrico — sulphato de prot'oxydo de baryo.

Com o nitrato de prata e acido nítrico — chlorureto de prata.

Com o oxalato d'ammonia — oxalato de cal.

Com o oxalato de potassa — oxalato de prot'oxydo de calcio.

Com o chlor'hydrato d'ammonia e ammonia — oxydo d'aluminio.

D'onde se infere que a agua contém: *oxydo de ferro, oxydo de calcio, oxydo de aluminio, acido sulphurico, chloro, oxygenio e nitrogenio.*

5.^a *Analyse.* De todas estas substancias, que existem na agua em o estado natural diversamente combinadas, separados os principios immediatos pela analyse quantitativa, se mostra, que um litro d'esta agua, á temperatura media de $+20^{\circ}$ do thermometro centigrado, e á pressão atmospherica de $=76$ centimetros do barometro, contém:

Gaz oxygenio..... 6 centimetros cubicos.

Gaz azoto ou nitrogenio..... 14 "

Chlorureto de calcio..... 0,043 grammos.

Sulphato de prot'oxydo de ferro 0,135 "

Sulphato de prot'oxydo de calcio 0,330 "

Sulphato d'oxydo d'aluminio.. 0,047 "

Da precedente analyse se conclue ser, esta agua mineral, uma agua-ferrea, que tem por base o sulphato de prot'oxydo de ferro, e por principio immediato predominante o sulphato de prot'oxydo de calcio. Por tanto, os principios immediatos d'esta agua, junctos a acção que exerce o oxygenio do ar sobre a pequena quantidade do sulphato de prot'oxydo de ferro, convertendo-o immediatamente em sulphato sex-basico de sesqui-oxydo de ferro insolavel, a põe quasi fora dos usos medicinaes e como tal impropria para ser conservada nos Laboratorios-Pharmaceuticos: resultado este, que mal se compadece com as informações que da mesma houvemos, e ja a cima alludimos.

CAMARA.

— Este Casal fica a duas leguas de Lisboa e a Les-te de Cintra. Pertence á Freguezia e Concelho de Bellas, d'onde dista tres quartos de legua, á Comarca exterior e Districto Administrativo de Lisboa. Con-tém um Fogo com seis habitantes. As estradas conti-guas são muito mal construidas e em pessimo estado.

Os usos, costumes, agricultura e alimentos d'a-quelles habitantes, e d'outros visinhos, são em tudo quasi semelhantes a os que apontámos, descrevendo os de Mont'achique.

Segundo os naturaes, aquelle sitio é muito sau-davel, pôsto que no inverno sujeito a constipações.

Os animaes, que commummente se dam alli me-lhor, são: bois, ovelhas, carneiros, cabras, gallinhas, perús e alguns outros.

A vegetação que encontrámos por todas aquellas paragens e melhor se produz, é: o pinheiro, olivei-ra, laranjeira, pereira, trigo, cevada, milho, hor-taliça, trovisco femea, feto, tojo, serralha, ulmei-ro, marroios, malvas, &c.; entretanto o terreno é susceptivel de maior cultura.

N'aquelle mesmo Casal, que pertence á quinta do Sr. *Sebastião Francisco Machado Figueiredo e Bar-ros*, existe uma pequena Capella, mal conservada, com a invocação de *Santa Martha*, e é Foreiro á Mitra Patriarchal.

Tambem comprehende varios montes e, na fal-da de um dos mais altos, ha uma estrada, sob a qual e em frente de um pequeno rio contiguo a o co-meço do *Aqueducto das Aguas-Livres*, existe uma fonte d'agua-ferrea que recebeu o seu nome. Esta fon-te olha a o Norte, acha-se em bom estado, e d'ella

sahe uma penna d'agua por um tubo de ferro; que todos os annos é renovado, em consequencia da agua, com a sua corrente, o desgastar. Esta corre n'altura de palmo e meio sôbre uma lage de cantaria, parecendo vir do referido monte, que fica a o Sul da ja citada fonte.

Se houvermos de dar credito áquelles habitantes, a agua-ferrea da Camara foi descoberta em o anno de 1819; e como se deixa vêr das inscripções gravadas sôbre a fonte, que é do publico, as Camaras, de Lisboa e Bellas, teem provido á sua conservação.

Esta agua é mui procurada, nas epochas opportunas para o seu uso; engarrafando-se na fonte grande quantidade, que é transportada todos os dias, para Lisboa e outras terras circumvisinhas, pelos habitantes d'aquelles contornos.

Esta agua, colhida na vertente, tem os caracteres physicos seguintes:

- 1.º Liquida á temperatura ordinaria.
- 2.º Limpida e inodora.
- 3.º Sabor ferreo levemente acido.
- 4.º A sua temperatura media, achada na vertente, em as differentes horas do dia, no estio, sob a pressão barometrica de ≈ 744 , 21, mill. é de $+ 18^{\circ}$, 56 centig., estando a do ar ambiente a $+ 20^{\circ}$, 39 centig.
- 5.º O seu peso especifico, sob esta pressão e temperatura, é de $\approx 1,004$.

ANALYSE CHYMICA.

1.ª *Analyse.* Esta agua, no seu estado natural na vertente, á temperatura media de $+ 20^{\circ}$ centigrados e á pressão de ≈ 76 centimetros da atmosphaera, submettida a acção dos reagentes, deu:

Com a côr azul do tornasol — côr vermelha.
Com a noz de galha — galhato e tannato de sesqui-oxydo de ferro.

Com o acido tannico — tannato de per'oxydo de ferro.

Com o cyanureto amarello de potassio e de ferro — cyanureto azul de ferro.

Com o cyanureto vermelho de potassio e de ferro — nenhuma acção.

Com o oxygenio — idem.

Com o chlorureto de baryo e acido chlor'hydrico — sulphato de prot'oxydo de baryo.

Com o nitrato de prata e acido nítrico — chlorureto de prata.

Com o oxalato d'ammonia — oxalato de prot'oxydo de calcio.

Com o phosphato d'ammonia — phosphato-duplo d'ammonia e de magnesia.

Com o succinato d'ammonia — succinato de sesqui-oxydo de ferro.

Com o benzoato d'ammonia — benzoato de per'oxydo de ferro.

2.^a *Analyse.* Um litro d'esta agua, mettida no apparelho hydrargyro-pneumatico e exposta a acção do calor, den 24 centimetros cubicos de gaz; que, em contacto com o hydrato de prot'oxydo de potassio em um tubo de vidro graduado, diminuiu 2 centimetros cubicos.

Pôsto em contacto com o phosphoro, diminuiu 6 centimetros cubicos, produzindo acido hypo-phosphorico.

Misturado com 12 centimetros cubicos d'hydrogenio, e inflammado o misto no eudiometro pela faisca electrica, condensou 18 centimetros cubicos.

O gaz restante não detonava com o hydrogenio, apagava a chamma do pavio, sem ser absorvido pelo hydrato de prot'oxydo de potassio, quando o gaz primitivo tinha ja soffrido a sua acção.

3.^a *Analyse*. Um litro d'esta agua, introduzida no aparelho distillatorio de vidro, e distillada na temperatura de 100° centigrados, deu 988 grammos de liquido indifferente a acção dos reagentes.

4.^a *Analyse*. Um litro d'esta agua, evaporada no aparelho evaporatorio de platina, á temperatura de 100° centigrados até seccar, deu = 0,970 grammos de substancias solidas. Tractadas estas pelo alcohol, pela agua, e pelo acido chlor'hydrico; e, indagadas pelos reagentes, apresentaram os mesmos resultados da primeira analyse. D'onde resulta que esta agua contém: 1.^o sesqui-oxydo de ferro; 2.^o prot'oxydo de calcio; 3.^o oxydo de magnésio; 4.^o acido sulphurico; 5.^o acido carbonico; 6.^o chloro; 7.^o oxygenio; 8.^o azoto.

5.^a *Analyse*. Separadas, todas estas substancias que existem combinadas diversamente, formando os principios immediatos d'esta agua mineral, e submettidas a analyse quantitativa, mostram, que um litro, á temperatura media de + 20° do thermometro centigrado, e á pressao barometrica, de = 76 centímetros, contem:

Gaz oxygenio.....	6 centim. cubic.
Gaz acido carbonico livre.....	2
Gaz azoto ou nitrogenio.....	16
Chlorureto de calcio.....	0,030 grammos.
Sulphato de sesqui-oxydo de ferro..	0,215 "
Sulphato de prot'oxydo de calcio..	0,710 "
Sulphato de prot'oxydo de magnésio.	0,015 "

D'esta analyse se conclue que, a agua-ferrea da Camara, é uma agua-ferrea sulphatada, tendo por base o sulphato de sesqui-oxydo de ferro, e o sulphato de prot'oxydo de calcio. Como pois ella contém o ferro no maximo d'oxygenação, e o oxygenio do ar atmospherico não tem acção sôbre o ferro pode, em virtude d'esta propriedade, ser conservada, sem alteração, nos Laboratorios-Pharmaceuticos para os usos medicinaes.

PEÇAS OFFICIAES.

Portaria do Ministerio dos Negocios do Reino, pela qual Sua Magestade, A RAINHA, Manda Significar á Sociedade que será opportunamente atendida a sua Representação, ácerca da necessidade de continuar a ser votada, no Orçamento para o seguinte anno economico, a Verba a bem da analyse das Aguas-Mineracs do Reino.

MINISTERIO DO REINO.

3.ª REPARTIÇÃO.

L.º 4.º — 1:069.

Sua Magestade, A RAINHA, A Quem foi presente a Representação que, a Sua Real Presença, dirigiu a Sociedade Pharmaceutica Lusitana, expondo a necessidade de ser votada no Orçamento, para o seguinte anno economico, uma quantia egual áquelle que lhe foi concedida pelo actual Orçamento; a fim de poder continuar nos trabalhos que lhe fôram encarregados sôbre a analyse de diversas aguas-sulphuricas ainda não examinadas nem conhecidas: Man-

da, pela Secretária d'Estado dos Negocios do Reino, communicar á mesma Sociedade, que será tomada em consideração a sua dicta Representação; mas que é necessario, entre tanto, que informe quaes são os trabalhos a que tem procedido e seu resultado. Paço das Necessidades, em 18 de Janeiro de 1840.

Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Portaria do Ministerio dos Negocios da Fazenda, em que Sua Magestade, A RAINHA, Manda remetter, á Sociedade, ãa amostra de velas de sebo para serem analysadas.

1.ª REPARTIÇÃO.

Tendo-se apresentado, a despacho para consumo na Alfandega do Funchal, uma porção de velas de sebo, para endurecer o qual se empregou um processo chymico em que se diz ter entrado acido arsenioso: Manda, A RAINHA, pela Secretária d'Estado dos Negocios da Fazenda, remetter á Sociedade Pharmaceutica Lusitana, junctamente com esta Portaria, ãa amostra das mesmas velas; e Espera do zêlo da referida Sociedade que, procedendo na analyse que julgar conveniente a este respeito, declare se effectivamente entra na preparação das velas, de que se tracta, o acido arsenioso, e até que ponto é prejudicial á Saúde Publica. Paço das Necessidades, em 28 de Janeiro de 1840.

Florido Rodrigues Pereira Ferraz.

Officio do GOVERNADOR GERAL DO ESTADO DA INDIA, em resposta a o que a Sociedade lhe dirigiu em data de 30 de Setembro de 1838.

ESTADO DA INDIA.

GOVERNO GERAL.

Ill.^{mo} Sr.

Tenho a honra de accusar a recepção do Officio que a Sociedade Pharmaceutica Lusitana, a que V. S.^a preside, me dirigiu com data de 30 de Setembro de 1838, pelo qual pede a relação nominal e residencial dos Medicos, Cirurgiões e Pharmaceuticos existentes n'esta Provincia; bem como que aproveite todas as occasiões de lh'enviar quaesquer Productos Naturaes de uso em Medicina e Artes, a fim de serem analysados, sendo acompanhados dos possiveis esclarecimentos sobre seus nomes, applicações e virtudes; propriedades ou caracteres physicos dos entes que os produzem, natureza, latitude e temperatura atmospherica dos terrenos em que tenham sido colhidos, usos, costumes, alimentos, e mais particularidades dos Povos visinhos a os mesmos terrenos: e em resposta declarar a V. S.^a que, em Officio de 8 de Maio, d'este Govêrno foi remettido á mesma Sociedade a lista dos Facultativos de que tracta. E, pelo que respeita a os Productos Naturaes de uso em Medicina e Artes, mandei expedir ordens a o Physico-Mor d'este Estado para satisfazer da maneira possivel, e, da resposta que obtiver, darei conta á benemerita Sociedade em seu devido tempo; renovando-lhe as seguranças de que me será sobre maneira agradavel podêr contribuir para a ajudar em seu no-

bre empenho do augmento de Sciencia, que seus dignos Membros desveladamente cultivam.

Deus Guarde a V. S.^a Gôa, em 31 de Dezembro de 1839; = Ill.^{mo} Sr. Gregorio de Sousa Pereira, Presidente da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

Barão do Candal,
Gov.^{dor} Geral.

Representação da Sociedade, dirigida a Sua Magestade, A RAINHA, em cumprimento do disposto na Portaria do Ministerio da Fazenda, de 28 de Janeiro de 1840.

SENHORA!

Uma rigorosa analyse-chymica e a acção dos mais sensiveis reagentes que a Sciencia conhece capazes d'apreciar, $\frac{1}{160000}$ avos d'arsenico, não indicaram existir a menor quantidade d'esta substancia na amostra de velas de sebo enviada á Sociedade Pharmaceutica Lusitana, com Portaria do Ministerio da Fazenda de 28 de Janeiro ultimo.

A continuação da mesma analyse-qualificativa provou que a dicta amostra era unicamente composta d'estearina, base predominante, e d'oleína em pequena dose, principios do sebo commun de que foi feita.

Pelo que, a Vossa Magestade, assevera a Sociedade não conter, a sobre-mencionada amostra de velas de sebo, nem o acido arsenioso que se diz haver entrado no processo chymico do seu endurecimento, nem substancia alguma que possa prejudicar a Saúde Publica.

Deus Guarde a Vossa Magestade, como a Sociedade Pharmaceutica Lusitana e toda a Nação Portuguesa ha mister.

Lisboa e Sala das Sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 23 de Fevereiro de 1840.

Gregorio de Sousa Pereira,
Presidente.

José Dionysio Corrêa,

1.º Secretario.

Antonio de Carvalho,

2.º Secretario.

Representação endereçada a Sua Magestade, A RAIA-NHA, acompanhando o resultado analytico de duas Aguas-ferreas de que, além d'outras, a Sociedade se acha incumbida. ()*

SENHORA!

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, encarregada por Vossa Magestade, em virtude da Lei de 31 de Julho antecedente, pela Portaria de 3 d'Outubro do mesmo anno, da analyse de doze Aguas-Mineraes do Reino, tem a honra de fazer subir á Augusta Presença de Vossa Magestade o resultado analytico, que vae incluso, d'uma das ferreas do Logar da Cabeça

(*) Vide paginas 552.

(Os Redactores.)

de Mont'achique, e d'outra também ferrea da Camara.

Agora, SENHORA! cumpre á Sociedade motivar a demora na apresentação da analyse d'estas duas Aguas, cujas causas a Sociedade, tam certa está do bondoso e justo Coração de Vossa Magestade, respeitosamente passa a expôr em termos breves; e são ellas: primeira — a necessidade não so de amiudadas viagens a os locaes das vertentes, mas ainda de repetidas analyses qualificativas e quantitativas de cada uma das referidas Aguas, conforme demandam os preceitos chymicos, para se tirarem os resultados exactos; segunda — a falta dos precisos recursos, pois que havendo a Sociedade so em Novembro ultimo recebido a primeira e até hoje unica prestação, tempo era este improprio e de nenhum modo recommendado para semelhantes ensaios, em consequencia das copiosas chuvas que, pela filtração dos terrenos, iam inquinár as predictas Aguas; terceira, e finalmente — a carencia de varios instrumentos phisicos e chymicos, indispensaveis para effectuar as analyses em questão, os quaes, pelos não haver feitos, nem se fabricarem em Portugal, força foi mandal-os buscar a França.

Taes são, SENHORA! os insuperaveis estorvos que até agora obstaram á definitiva conclusão dos primeiros ensaios, a que ja a cima alludiu a Sociedade; mas resta-lhe a fagueira esperanza de poder em breve submeter á Soberana Approvação de Vossa Magestade o complemento dos trabalhos analyticos de que se acha incumbida.

D'esta sorte a Sociedade, preenchendo um dos seus mais sagrados deveres, continuará a merecer a honrosa confiança que Vossa Magestade Houve por bem n'ella depositar.

Lisboa e Sala das Sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 26 de Julho de 1840.

Gregorio de Sousa Pereira,
Presidente.

José Dionysio Corrêa,

1.º Secretario.

Antonio de Carvalho,

2.º Secretario.

Programma da Sociedade, sobre Questões Scientificas, publicado na Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1840.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em observancia do disposto no §. 8.º do Art.º 27.º dos seus Estatutos, tem a honra d'apresentar as Capacidades, amadoras da Sciência, da Patria e da Humanidade; o seguinte Programma:

PARA TODOS OS ANNOS.

Primeira Questão.

A topographia de uma povoação do Reino de Portugal, em que se descrevam:

- 1.º A sua latitude e longitude, elevação a cima do nivel do mar, aspecto geral e constituição mineralogica.
- 2.º As qualidades das aguas potaveis e mineraes.
- 3.º A natureza do ar, e revoluções meteorologicas.
- 4.º As produções naturaes do reino vegetal.

5.º As especies d'animaes, e molestias a que são sujeitos os do uso domestico e rural.

6.º O temperamento dos habitantes, suas casas, vestidos, maneira de se alimentarem, costumes e exercicios.

PARA O ANNO DE 1841.

PHARMACIA.

Segunda Questão.

A historia da Pharmacia Lusitana, desde a Fundação da Monarchia Portugueza até hoje.

Terceira Questão.

Qual é a maneira de conhecer a falsificação dos oleos essenciaes ou essencias, quando sophisticatedos por outras essencias da mesma volatilidade?

Quarta Questão.

Qual é o modo de separar os oleos fixos, quando falsificados por outros oleos egualmente fixos e quasi da mesma densidade?

CHYMICA MEDICA.

Quinta Questão.

Qual é o principio immediato em que reside a virtude medicamentosa da cravagem de centeio, provada pela analyse-chymica e por observações therapeuticas?

CHYMICA LEGAL.

Sexta Questão.

Qual é a forma de achar, pela analyse quantitativa, um grão de strychnia contido em meia

libra de liquido saturado de principios medicamentosos?

Setima Questão.

Qual é o meio de achar, pela analyse immediata, meio grão d'acido arsenioso contido em uma libra de liquido saturado de principios medicamentosos?

N. B. *As Memorias concernentes ás questões, terceira, quarta, quinta, sexta e setima, virão acompanhadas da descripção minuciosa do processo, machinas ou instrumentos empregados.*

CONDIÇÕES.

Os Premios consistirão em medalhas de ouro, de uma onça, e de prata, d'egual pêso; tendo as de ouro, d'um lado, a seguinte inscripção — *A o Membro Benemerito* —, e, do outro, o timbre da Sociedade; as de prata, d'um lado, a palavra — *Accessit* —, e, do outro, o timbre. As primeiras serão conferidas a os Individuos que desempenharem os objectos propostos; as segundas serão destinadas para aquelles que mais se approximarem a o fim proposto.

Todas as Memorias que vierem a concurso, serão escriptas em portuguez, se seus Auctores forem Naturaes d'estes Reinos, e em francez, se forem Estrangeiros; e virão expedidas a o 1.º Secretario da Sociedade, por todo o mez d'Abril do anno em que houverem de ser julgadas: e trarão o nome do Auctor, em carta fechada, na qual se lerá por fora, como divisa, a mesma epigraphe da Memoria, e que será aberta na Sessão Solemne, se a Memoria for premiada. Pelo contrario a carta será queimada, sem

ser aberta, se a Memoria não obtiver Premio; e esta será entregue a o seu Auctor, pedindo-a com a mesma epigrapha declarada no exterior da carta.

As Memorias que houverem de ser lidas na Sessão Solemne Anniversaria, deverão ser approvadas, para isso, pela Sociedade; outro-sim serão impressas e publicadas na collecção que terá por titulo — *Memorias da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.*

Além dos Premios a cima mencionados, os Auctores da Memoria premiada, impressa e publicada, terão mais cem exemplares, sendo a edição de mil; e cinquenta sendo de quinhentos.

Finalmente, os Premios conferidos a os concorrentes, nem sempre serão uma prova decisiva de que esta Sociedade sanciona absolutamente a doutrina das Memorias premiadas; mas sim um testemunho authenticico de que seus Auctores desempenharam, em geral, o exigido no Programma.

Lisboa e Secretaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 24 de Julho de 1840.

José Dionysio Corrêa,

1.º Secretario.

Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

Relação dos Doadores e dos objectos doados á Sociedade, durante o 31.º anno da sua Instituição, lida na Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1838.

A SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA.

A continuação de seus *Jornaes*, até Maio de 1838.

O Discurso do seu *Presidente*, pronunciado na Sessão Solemne de 22 d'Abril do mesmo anno.

Os Artigos addicionaes a os seus Estatutos.

A SOCIEDADE LITTERARIA PORTUENSE.

A continuação de seus *Annaes*, até n.º 12.º

Um folheto «Elogio de Antonio José de Sousa.»
— Noticia historica lida em Sessão Extraordinaria da mesma Sociedade, pelo Sr. Dr. *Francisco d'Assis e Sousa Vaz.*

A SOCIEDADE PROMOTORA DA INDUSTRIA NACIONAL.

A continuação de seus *Annaes*, pertencentes a o 5.º anno.

A SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

A continuação do seu *Panorama*, *Jornal Litterario e Instructivo*, até n.º 64.º

A ACADEMIA IMPERIAL DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO.

A sua *Revista Fluminense*, de Setembro de 1837.

OS REDACTORES DOS ANNAES DO CONSELHO DE SAUDE PUBLICA DO REINO.

O 1.º Tomo dos dictos *Annaes*.

OS REDACTORES DA GAZZETTA ECLETICA DE VERONA.

A continuação da referida *Gazzetta*, até Agosto de 1837.

O SR. FRANCISCO MARIA XAVIER DA ROSA,
Pharmaceutico em Setubal.

Um Producto Natural encontrado em uma fuma proxima á Serra da Arrabida.

O SR. JOÃO BAPTISTA LEITÃO D'ALMEIDA GARRET.

Um folheto «Formação da 2.^a Camara das Côrtes.»

O SR. JOAQUIM JOSÉ DA COSTA DE MACEDO,

Secretario Perpetuo da Academia Real
das Sciencias de Lisbon.

A 1.^a parte do 12.^o Tomo das Memorias da citada Academia.

O Sr. Dr. *Antonio Joaquim de Figueiredo e Silva*,
Membro Honorario.

O 1.^o, 2.^o e 3.^o n.^{os} de seus *Annaes das Sciencias Medicas*.

O Sr. *Anacleto Antonio Rodrigues d'Oliveira*,
Membro Effectivo.

A quantia de 6 \$600 réis, preço de varias miudezas para a Thesouraria.

O Sr. *Bernardo José dos Reis*,
Membro Effectivo.

Um Apparelho de deslocação.

José Dionysio Corrêa,
Membro Effectivo.

A importancia de 20 \$100 réis, para ajuda dos gastos com o ornato, para a collocação do Retrato da Nossa Augusta RAINHA e Protectora.

Um reposteiro de panno azul, guarnecido de galão de seda, para o serviço interno da Sala das Sessões.

O Sr. *Pedro Ferreira Norberto*,
Membro Effectivo.

A importancia de 2\$140 réis, custo do despacho de varios Productos Naturaes vindos de Macão.

Um emblema da Sociedade, bordado de retrós, para o reposteiro da Sala das Sessões.

Um espanejador de pennas.

Differentes Membros Effectivos.

Subscrição voluntaria de 26\$400 réis, para auxilio das despesas com o Retrato de Sua Magestade, A RAINHA; como melhor consta da relação que existe no Archivó.

O Sr. *Francisco Xavier de Sousa*,
Membro Correspondente Nacional.

Um fructo do *Pandanus odoratissimus* e do *Pinus auracaria*.

A semente do Algodoeiro, branco e amarello.

A gomma do *Cactus coccionilifer*.

Varias producções maritimas.

O Sr. *João José dos Santos*,
Membro Correspondente Nacional.

Cinco folhetos, em idioma Chinico, contendo a descripção de Materia-Medica e Botanica.

Um livro, com o «Eboço historico dos Estabelecimentos Portuguezes na China, e da Igreja Catholica Romana e Missão na China; pelo Sr. *Andrew Ljungstedt* — 1836.»

Dous livros com pinturas feitas pelos Chins, de flores e aves em um papel particular feito com o amago d'uma arvore.

Duas medidas de bambú, a que chamam *Chupa*.
Varias porções de Productos Naturaes da Asia,
e são :

Cantharidas da China.

Caranguejos e buzios petrificados.

Cêra vegetal ou *Chom-Lap*.

Conchas preciosas.

Pau aguila.

— camphora.

— jaca ou *durião*.

— margozera.

— molave.

— — petrificado.

— narra da China.

— — de Manilha.

— pagode.

— teca da China.

Pedra tafú ou *Xá-Kóo*.

Raiz d'Agarico ou *Foum-Caó-Moo*.

Sabão vegetal ou *Maó-Van*.

O Sr. *José Antonio Silverio Rodrigues Cardoso*,
Membro Correspondente Nacional.

Uma Solitaria de seis palmos de comprimento, en-
contrada nos intestinos de um Coelho.

da Ordem dos Farmacêuticos

O Sr. *José do Amaral Castel-Branco*,
Membro Correspondente Nacional.

A Historia Universal das Plantas, de *João Bau-
hino*.

O Sr. *José Martins Pereira e Crespo*,
Membro Correspondente Nacional.

Um folheto, «Gráo de certeza da Medicina»,

por *P. J. G. Cabanis*; traduzido pelo Sr. *Francisco Julio Xavier*, Cirurgião no Rio de Janeiro.

O Sr. D. *Francisco Puente*,
Membro Correspondente Estrangeiro.

As Ordenanças de Pharmacia, para o Reino d'Hespanha, publicadas em 1800.

O Regimen e Góvêrno da Faculdade Pharmaceutica em Hespanha.

O Sr. *João Foote, Junr*,
Membro Correspondente Estrangeiro.

O seu Formulário d'Algebeira, para o anno de 1835.

Está conforme. Lisboa e Secretaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 24 de Julho de 1838.

José Dionysio Corrêa,
1.º Secretário.

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES.

Sessão, n.º 130, Solemne Anniversaria, e 5.ª da Instituição, em 24 de Julho de 1840.

(Presidencia do Sr. G. Sousa Pereira.)

Pelas cinco horas e tres quartos da tarde, estando a Sala e Galeria occupadas por um grande e luzido concurso de Convidados de Honra, entre os quaes se contavam muitos Senhores Deputados, varios Membros, da Camara Municipal, das differentes Escolas, Academias e Sociedades Scientificas de Lisboa, bem como grande numero de Socios e Es-

pectadores; e havendo os Mestres-Sala annuciado, a os Membros da Mesa, que tudo era dispôsto e ordenado, estes, descendo da Secretária, fizeram a sua entrada na Sala, saudaram toda a Assembleia, que correspondeu com a maior urbanidade: e, depois dos 1.º e 2.º Secretarios correrem as cortinas, que encobriam o Retrato da Nossa Adorada RAINHA e Protectora, A Senhora D. MARIA II., tomaram as suas respectivas Cadeiras.

Depois d'estas formalidades, e segundo o estylo academico, passou a Mesa a desempenhar as funcções que lhe são inherentes n'este Acto, pela maneira seguinte:

O Sr. *Presidente*, tendo declarado aberta a Sessão Solemne, deu a palavra a o 2.º Secretario, o Sr. *Antonio de Carvalho*, que fez o seu Relatorio circumstanciado dos trabalhos do quinto anno da Sociedade.

Em seguida teve a palavra o 1.º Secretario, o Sr. *José Dionysio Carréa*, e leu: 1.º o Programma sobre Questões Scientificas; 2.º a Lista dos Doadores e dos objectos doados; 3.º o Quadro actual da Sociedade.

Por ultimo o Sr. *Presidente*, com o seu eloquentissimo Discurso, analogo a o objecto do Dia, encerrou este Acto Solemne e fechou a Sessão eram sete horas da tarde. (*)

Descendo da sua Cadeira recebeu o Sr. *Presidente*, por mão do nosso Compatriota, o Sr. *Pedro*

(*) N'este Dia, e nos dois immediatos, esteve publica a Sala das Sessões, Bibliotheca, Archivo, Gabinetes, Jardim-Botanico e Laboratorio-Chymico; cujos Estabelecimentos, que se achavam no melhor arranjo e accio, grande numero de pessoas d'ambos os sexos concorreu a visitar.

Alexandre Cavroé, o Soneto que a baixo se segue, por este Sr. feito e offerecido á Sociedade; em nome da qual, o mesmo Sr. *Presidente*, agradeceu tam honroso mimo.

SONETO.

Dia fausto de Lysia á Liberdade,
Debellada a oppressão da Tyrannia,
De novo assomas, portentoso Dia
Por triumpho marcial da Heroicidade!

A Aurora tua a bem da Humanidade
Instituição liberrima annuncia,
E em teu Anniversario se extasia
Pharmaceutica Sabia Sociedade.

Por voz da Gratidão Hoje officioso
Louvores mil, Senhores, vos tributo
Da escolha d'este Dia memoroso.

D'elle angura o Porvir perenne fructo
Da Fama no clarim Oh! quão ditoso
Será a Portugal vosso Instituto!

Sessão, n.º 131, de 26 de Julho de 1840.

(Presidência do Sr. G. Sousa Pereira)

EXPEDIENTE. Foi presente um Officio do nosso digno Membro Honorario, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. *Patriarcha Eleito de Lisboa*, datado de 24 do corrente, participando o pesar que o acompanha de não poder assistir á Sessão Solemne, por motivo de molestia. — A Sociedade recebeu, com grande sentimento, esta honrosa communicação, e elegeu uma Deputação, composta do Presidente e do 1.º Secretario, para ir comprimentar a S. Ex.^a Rev.^{ma}

O Sr. 1.^o Secretario igualmente deu conta de diversos Officios e Cartas remettidas á Sociedade pelos Membros, os Srs., *Dr. J. F. Castilho Barreto*, *Dr. I. A. Fonseca Benevides*, *J. B. Ribeiro*, *L. G. Silva e Brito*, e *M. J. Antunes*; inclusive d'um Officio do Membro Effectivo, o Sr. *L. Pereira de Mello*, remettendo copia fiel d'um Edital, affixado nos logares mais publicos da Freguezia de *S. André e S. Marinha* d'esta Cidade, e assignado pelo respectivo Regedor, contendo a Circular do Conselho de Saúde Publica, á cerca de serem intimados os Droguistas, Herbolarios e Mercieiros, que não vendam simplicies e compostos da competencia dos Pharmaceuticos; — os Taberneiros, que so usem para o vinagre de torneiras de pau; — as casas de pasto, que se não sirvam, para fazer comidas, de vasos de cobre ainda que estanhados, nem mesmo dos de barro vidrado ordinario; — e, finalmente, prohibindo que tenham a regencia de boticas individuos não habilitados legalmente.

ORDEM DO DIA. Foi approvada, para ser remettida a o Govêrno e impressa no Jornal, a Analyse chymica de duas Aguas-ferreas; uma, das da Cabeça de Mont'achique, e, outra, da Camara.

O Sr. *J. D. Corrêa e Tedeschi*: — Enviaram para a Mesa Propostas de Candidatos para Socios.

Foram admittidos, a Membros da Sociedade, os Srs., *José Alexandre Rodrigues*, de Lisboa, e *Francisco Eugenio da Silva Barros*, de Bragança.

Procedeu-se á eleição dos Funcionarios, em conformidade do disposto nos Artigos 8.^o, 9.^o, 12.^o e 14.^o dos Estatutos.

O Sr. *Monteiro Freire*: — Requereu se votassem agradecimentos a os Membros da Commissão, eleita

pelos Socios que generosamente contribuíram para os arranjos e decoração da Sala, pela maneira digna com que se houveram n'aquella ardua tarefa. — Foi approvedo.

Sessão, n.º 132, de 9 d'Agosto de 1840.

(Presidencia do Sr. B. J. Reis.)

EXPEDIENTE. Fez-se a leitura de varios Officios de diversos Socios; a os quaes se deu o competente destino.

Receberam-se, com especial agrado, os n.ºs 169º, 170º e 171º do Panorama, da *Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis*.

(Entrou na Sala e tomou assento o Sr. *F. A. Silva Grenho*, d'Alcacer do Sal, Membro Correspondente e Delegado na Comarca de Setubal.)

O Sr. 1.º Secretario, *J. D. Corrêa*: — Annunciou á Sociedade que, no dia 31 de Julho ultimo, recebera, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. *Patriarcha Eleito de Lisboa*, Membro Honorario, com a sua natural affabilidade, a Deputação encarregada d'o comprimentar. — Ficou inteirada.

O mesmo Sr. : — Participou que, em virtude de resolução tomada em Sessão de 12 d'Abril ultimo, se considerava dimittido de Socio, desde 23 de Julho proximo-preterito, o Sr. *Antonio José d'Oliveira Fialho*. — Ficou inteirada.

ORDEM DO DIA. Os Srs., *Belles, J. D. Corrêa* por parte do Sr. *F. B. Santos*, do Porto, e *Tedeschi*: — Propozeram varios Candidatos para Socios.

O Sr. *Oliveira*, como Thesoureiro da Sociedade: — Apresentou uma Proposta, que motivou extensamente, relativa a o seu Cargo. — Considerada ur-